



O Problema
Espinoso

IRVIN D. YALOM

Tradução de João Henrique Pinto

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para a Marilyn

ÍNDICE

Prólogo	13
Capítulo Um	
Amesterdão — Abril de 1656	19
Capítulo Dois	
Reval, Estónia — 3 de maio de 1910	25
Capítulo Três	
Amesterdão — 1656	33
Capítulo Quatro	
Estónia — 10 de maio de 1910	43
Capítulo Cinco	
Amesterdão — 1656	51
Capítulo Seis	
Estónia — 1910	57
Capítulo Sete	
Amesterdão — 1656	65
Capítulo Oito	
Reval, Estónia — 1917-1918	75
Capítulo Nove	
Amesterdão — 1656	83
Capítulo Dez	
Reval, Estónia — Novembro de 1918	93
Capítulo Onze	
Amesterdão — 1656	103

Capítulo Doze	
Estónia — 1918	115
Capítulo Treze	
Amesterdão — 1656	125
Capítulo Catorze	
Munique — 1918-1919	137
Capítulo Quinze	
Amesterdão — Julho de 1656	143
Capítulo Dezasseis	
Munique — 1919	157
Capítulo Dezassete	
Amesterdão — 1656	163
Capítulo Dezoito	
Munique — 1919	173
Capítulo Dezanove	
Amesterdão — 27 de julho de 1656	183
Capítulo Vinte	
Munique — Março de 1922	189
Capítulo Vinte e Um	
Amesterdão — 27 de julho de 1656	201
Capítulo Vinte e Dois	
Berlim — 1922	209
Capítulo Vinte e Três	
Amesterdão — 27 de julho de 1656	223
Capítulo Vinte e Quatro	
Berlim — 1922	235
Capítulo Vinte e Cinco	
Amesterdão — 1658	245

Capítulo Vinte e Seis	
Berlim — 26 de março de 1923	261
Capítulo Vinte e Sete	
Rijnsburgo — 1662	273
Capítulo Vinte e Oito	
Gabinete de Friedrich, Olivaer Platz, n.º 3, Berlim — 1925	283
Capítulo Vinte e Nove	
Rijnsburgo e Amesterdão — 1662	297
Capítulo Trinta	
Berlim — 1936	313
Capítulo Trinta e Um	
Voorburgo — Dezembro de 1666	335
Capítulo Trinta e Dois	
Berlim, as Terras Baixas — 1939-1945	349
Capítulo Trinta e Três	
Voorburgo — Dezembro de 1666	363
Epílogo	375
Facto ou Ficção? Esclarecendo a Narrativa	389
Agradecimentos	393



PRÓLOGO

Desde há muito tempo que Espinosa me tem vindo a intrigar e, durante vários anos, desejei escrever acerca desse valoroso pensador do século XVII, que se encontrava tão sozinho no mundo — sem uma família, nem uma comunidade —, e que foi o autor de livros que mudaram radicalmente o mundo. Ele antecipou a secularização, o Estado político democrático liberal, e a ascensão da Ciência Natural, para além de ter aberto o caminho para o Iluminismo. O facto de ter sido excomungado pelos judeus quando tinha vinte e quatro anos de idade, e de ter sido censurado para o resto da vida pelos cristãos, foi algo que sempre me fascinou, talvez devido às minhas próprias tendências iconoclastas. E este estranho sentimento de afinidade com Espinosa foi fortalecido quando tive conhecimento de que Einstein, um dos meus primeiros heróis, era um espinosista. Quando Einstein falava de Deus, falava do Deus de Espinosa — um Deus inteiramente equiparado à Natureza, um Deus que incorpora toda a substância, e um Deus que “não joga aos dados com o Universo” — e, com isso, queria dizer que tudo aquilo que acontece, sem qualquer exceção, segue as leis estipuladas pela Natureza.

Também acredito que Espinosa, tal como Nietzsche e Schopenhauer, em cujas vidas e filosofias eu baseei dois romances anteriormente escritos, escreveu muitas informações que são altamente relevantes para o meu campo de ação nas áreas da psicologia e da psicoterapia — por exemplo, o facto de que as ideias, os pensamentos e os sentimentos são provocados por experiências anteriores, que as paixões podem ser analisadas de uma forma desapaixonada, que o conhecimento conduz à transcendência — e, por esse motivo, eu queria homenagear as suas contribuições através de um romance de ideias.

Mas como podemos escrever acerca de um homem que teve uma vida de tal modo contemplativa, marcada por tão poucos acontecimentos exteriores que possam ser considerados impressionantes? Ele era extraordinariamente reservado, e conseguia manter a sua própria personalidade

invisível nos seus escritos. Eu não possuía qualquer tipo do material que habitualmente conduz, por si só, a uma narrativa — não existiam dramas familiares, nem assuntos amorosos, ciúmes, histórias curiosas, disputas, questiúnculas, nem qualquer registo de encontros. Ele tinha uma grande quantidade de correspondência mas, depois da sua morte, os seus colegas seguiram as instruções por ele deixadas e removeram quase todos os comentários pessoais das suas cartas. Não, não existiam grandes dramas externos na sua vida: muitos estudiosos encaram Espinosa como tendo sido um homem que possuía uma alma tranquila e afável — alguns deles chegam mesmo a comparar a sua vida às dos santos cristãos, e outros até mesmo à de Jesus.

Por tudo isto, resolvi escrever um romance acerca da sua vida *interior*. Era nesse campo que a minha perícia pessoal me poderia ajudar a relatar a história de Espinosa. Afinal de contas, ele era um ser humano e, por esse motivo, *deve* ter-se debatido com os mesmos conflitos básicos humanos que me atormentavam, assim como aos muitos pacientes com quem trabalhei ao longo de décadas. Ele deve ter tido uma forte resposta emocional ao facto de ter sido excomungado, quando tinha vinte e quatro anos, pela comunidade de judeus de Amesterdão — através de um édito irreversível que ordenava a todos os judeus, incluindo a sua própria família, que se afastassem dele para sempre. Nenhum judeu poderia voltar a dirigir-lhe a palavra, efetuar qualquer transação comercial com ele, ler os seus textos, nem aproximar-se a uma distância de cerca de quatro metros e meio da sua pessoa. Mas, obviamente, ninguém consegue viver sem uma vida interior de fantasias, de sonhos, de paixões e de um desejo ardente de amor. Acerca de um dos quatro trabalhos mais importantes de Espinosa, *Ética*, este é dedicado ao modo como podemos “levar a melhor sobre a dependência das paixões”. Como psiquiatra, fiquei convencido de que ele não poderia ter escrito aquela passagem, a não ser que tivesse experimentado uma luta consciente contra as suas próprias paixões.

Não obstante, e durante anos, senti-me perplexo por não ser capaz de encontrar a história de que um romance necessita — até que uma curta viagem à Holanda, há cinco anos, acabaria por mudar tudo. Tinha-me aí deslocado para dar uma conferência e, como parte da minha compensação, requeri, e foi-me concedido, um “dia de Espinosa”. O secretário da Associação Holandesa de Espinosa, bem como um notável filósofo especializado em Espinosa, concordaram em passar um dia comigo a visitarmos todos os lugares importantes de Espinosa — as suas habitações, o local onde se encontrava sepultado, e, o que foi a atração principal, o Museu Espinosa, em Rijnsburgo. E foi aí que eu tive uma epifania.

Entrei no Museu Espinosa, em Rijnsburgo, que fica a cerca de quarenta e cinco minutos de carro de Amesterdão, com uma enorme expectativa, à procura... do quê? Talvez de um encontro com o espírito de Espinosa. Talvez de uma história. Mas, ao entrar no museu, fiquei imediatamente desapontado. Duvidei que aquele pequeno e escasso museu me pudesse aproximar de Espinosa. Os únicos objetos, remotamente pessoais, eram os cento e cinquenta e um volumes da biblioteca de Espinosa, por isso, voltei-me imediatamente para eles. Os meus anfitriões concederam-me livre acesso às obras, e comecei a pegar em livros do século XVII, um atrás do outro, cheirando-os e agarrando-os, emocionado por poder tocar em objetos que outrora haviam sido tocados pelas mãos de Espinosa.

Mas a minha fantasia foi rapidamente interrompida por um dos meus anfitriões: — Claro que, Dr. Yalom, os seus haveres — a cama, as roupas, os sapatos, as canetas e os livros — foram todos vendidos em leilão após a sua morte, a fim de pagar as despesas do funeral. Os livros foram vendidos e ficaram dispersos por toda a parte mas, felizmente, o tabelião fez uma lista completa de todos os livros antes de serem leiloados e, ao longo dos últimos duzentos anos, um filantropo judeu conseguiu reunir a maior parte desses títulos, as mesmas edições, dos mesmos anos e das mesmas cidades em que haviam sido publicados. Assim, chamamos a este local a biblioteca de Espinosa mas, na realidade, trata-se de uma réplica. Os seus dedos nunca chegaram a tocar nestes livros.

Afastei-me da biblioteca e fiquei a olhar fixamente para o retrato de Espinosa que se encontrava pendurado na parede, e, passado pouco tempo, senti-me a fundir naqueles olhos enormes, tristes, ovais e de pálpebras pesadas, quase como se de uma experiência mística se tratasse — o que era algo de muito raro acontecer-me. Mas, depois, o meu anfitrião disse-me: — O senhor pode não saber, mas não se assemelha, *na realidade*, à aparência de Espinosa. Trata-se apenas do retrato da imaginação de um artista, derivado a partir de umas quantas linhas de uma descrição escrita. Se alguma vez existiram quaisquer desenhos de Espinosa feitos enquanto ele era vivo, nenhum deles sobreviveu.

Talvez uma história de puro carácter elusivo, pensei para comigo.

Enquanto eu estava a examinar o aparelho de polir lentes que se encontrava na segunda divisão — que também não era o seu próprio equipamento, tal como informava o letreiro do museu, mas sim equipamento semelhante ao por ele utilizado —, ouvi um dos meus anfitriões, na sala da biblioteca, a referir-se aos nazis.

Regressei à biblioteca. — O quê? Os nazis estiveram aqui? Neste museu?

— Sim... Vários meses depois da *blitzkrieg*¹ da Holanda, as tropas da ERR chegaram nas suas limusinas e roubaram tudo — os livros, um busto e um retrato de Espinosa —, tudo! Levaram tudo com eles, e de seguida selaram e expropriaram o museu.

— ERR? O que significam essas iniciais?

— *Einsatzstab Reichsleiter*² *Rosenberg*. Era a força de intervenção do líder do Reich³, chamado Rosenberg — ou seja, Alfred Rosenberg, o maior ideólogo nazi antissemítico. Ele estava encarregue das pilhagens do Terceiro Reich e, sob as suas ordens, a ERR saqueou toda a Europa — de início, só os bens que pertenciam aos judeus mas, mais tarde, durante a guerra, tudo aquilo que fosse considerado valioso.

— Quer então dizer que estes livros foram roubados a Espinosa por duas vezes? — perguntei eu. — Quer dizer-me que os livros tiveram de ser novamente comprados e a biblioteca reunida uma segunda vez?

— Não!... Milagrosamente, estes livros conseguiram sobreviver, e foram-nos devolvidos depois da guerra, ficando a faltar apenas algumas cópias.

— É extraordinário! — *Ora aqui está uma boa história*, pensei eu. — Mas, para começar, por que motivo se interessou Rosenberg por estes livros? Eu sei muito bem que eles possuem um valor modesto — pertencendo alguns deles ao século XVII e outros ainda mais antigos —, mas, por que razão não marcharam pelo Rijksmuseum⁴ adentro e arrancaram da parede, pura e simplesmente, um Rembrandt que valia cinquenta vezes mais do que toda esta coleção de livros?

— Não. A questão não é essa. O dinheiro nada teve a ver com o sucedido. A ERR tinha um interesse misterioso em Espinosa. No seu relatório oficial, um funcionário às ordens de Rosenberg, o nazi responsável pela pilhagem da biblioteca, acrescentou uma importante frase: “Eles incluem valiosos trabalhos de início de carreira, de grande importância para a exploração do problema Espinosa.” O senhor pode ler esse relatório na *internet*, se quiser... Encontra-se entre os documentos oficiais de Nuremberga.

Fiquei estupefacto. — Exploração do problema Espinosa por parte

¹ Palavra alemã que significa “guerra-relâmpago”, e que consistia em lançar ataques rápidos e de surpresa, com o objetivo de apanhar o inimigo desprevenido, sem tempo para organizar a sua defesa. (N. do T.)

² *Reichsleiter* era o segundo cargo político mais elevado, logo a seguir ao do *Führer*. (N. do T.)

³ Palavra alemã que pode ser traduzida por “Império”, “Nação” ou “Reino”. (N. do T.)

⁴ Trata-se de um museu nacional holandês, situado em Amesterdão. (N. do T.)

dos nazis? Não estou a perceber. O que terá ele pretendido dizer? Qual era o problema Espinosa dos nazis?

À semelhança de um dueto de mimos, os meus anfitriões encolheram os ombros e voltaram as palmas das mãos para cima.

Eu continuei a insistir com eles. — Estão a querer dizer-me que, por causa desse problema Espinosa, eles protegeram estes livros em vez de os queimarem, tal como fizeram pela Europa fora?

Ambos anuíram.

— E em que local foi mantida a biblioteca enquanto a guerra durou?

— Ninguém sabe. Os livros desapareceram durante cinco anos e voltaram a aparecer em 1946, numa mina de sal alemã.

— Numa mina de sal? Extraordinário! — Peguei num dos livros — uma cópia do século XVI da *Ilíada* — e disse, ao mesmo tempo que acariciava a obra: — Assim sendo, este livro de histórias antigo tem a sua própria história para contar...

Os meus anfitriões acompanharam-me numa visita ao resto da casa. Eu tinha chegado numa altura afortunada — poucos visitantes tinham conhecido a outra metade do edifício, uma vez que estivera ocupada por uma família da classe trabalhadora durante séculos. Mas o último membro da família havia falecido recentemente e a Associação Espinosa apressou-se a comprar a propriedade, estando agora a começar os trabalhos de reconstrução, a fim de incluir essa divisão no museu. Vagueei por entre o entulho das obras de construção, atravessando a cozinha e a sala de estar modestas e, depois, subi a estreita e inclinada escadaria que conduzia ao pequeno quarto de dormir de aspeto pouco notável. Analisei a singela divisão rapidamente e, quando começava a descer as escadas, apercebi-me de uma pequena saliência existente num dos cantos do teto, com cerca de 60x60 centímetros.

— O que é aquilo?

O idoso zelador subiu alguns degraus para ver mais de perto e disse-me que se tratava de um alçapão que comunicava com um minúsculo espaço existente no sótão, onde dois judeus, uma mãe com uma certa idade e a sua filha, se haviam escondido dos nazis durante todo o período de duração da guerra. — Alimentámo-las e tomámos conta delas.

Lá fora, uma tempestade violenta! Quatro em cada cinco judeus holandeses eram assassinados pelos nazis! Não obstante, na parte de cima da casa de Espinosa, escondidas no sótão, duas mulheres judias foram tratadas com carinho durante toda a guerra. E, na parte de baixo da habitação, o minúsculo Museu Espinosa foi saqueado, selado e expropriado por um funcionário pertencente à força de intervenção de Rosenberg, que acreditava que a biblioteca aí existente poderia ajudar os nazis a resolverem o seu “Pro-

blema Espinosa”. Mas, qual seria o problema Espinosa deles? Perguntei-me se aquele nazi, Alfred Rosenberg, também teria andado, por conta própria e pelas suas razões pessoais, à procura de Espinosa. Eu tinha entrado no museu com um mistério, e agora saía de lá com dois.

Pouco tempo depois, comecei a escrever.

UM

AMESTERDÃO — ABRIL DE 1656

A medida que os últimos raios de luz se afastam, deslizando pela superfície da água do Zwanenburgwal⁵, a cidade de Amesterdão começa a encerrar. Os tintureiros retiram os seus tecidos de cor magenta e carmesim que se encontravam a secar nas margens rochosas do canal. Os comerciantes recolhem os toldos e fecham os taipais das suas barracas do mercado ao ar livre. Alguns trabalhadores, que se deslocam lentamente para casa, param para comer um petisco acompanhado com gim holandês nos quiosques de arenques que se encontram ao longo do canal, continuando depois o seu caminho. Amesterdão movimenta-se lentamente: a cidade encontra-se de luto, ainda a recuperar da peste que, apenas há alguns meses, tinha matado uma pessoa em cada nove.

A alguns metros do canal, no n.º 4 da Breestraat, o falido e ligeiramente embriagado Rembrandt van Rijn dá uma última pincelada no seu quadro *Jacob Abençoando os Filhos de José*, assina o nome no canto inferior direito, atira a paleta para o chão, e de seguida dá meia-volta para descer as estreitas escadas em caracol. A casa, que três séculos mais tarde viria a ser o seu museu e memorial, é, naquele momento, testemunha da sua vergonha. Está repleta de uma multidão de licitantes que aguardam ansiosamente pelo leilão de todas as possessões do artista. Afastando, bruscamente, os parolos que se encontram nas escadas para o lado, sai pela porta da frente, inspira o ar salgado, e começa a caminhar aos tropeções em direção à taverna da esquina.

Em Delft, que fica a setenta quilómetros para sul, um outro artista começa a sua ascensão. Johannes Vermeer, com vinte e três anos de idade, dá uma última olhadela ao seu novo quadro, *A Alcoviteira*. Analisa-o da direita para a esquerda. Primeiro, a prostituta vestida com uma magnífica jaqueta amarela. Ótimo. Ótimo... O amarelo cintila como se fosse a luz do Sol reluzente. E o grupo de homens que a

⁵ Nome de um canal e de uma rua, no centro de Amesterdão. (N. do T.)

rodeia... Excelente — qualquer um deles poderia facilmente deambular para o exterior da tela e dar início a uma conversa. Ele dobra-se, aproximando-se, para captar o olhar minúsculo, mas penetrante, do jovem que está a olhar de soslaio e que tem um chapéu aperaltado. Vermeer acena com a cabeça, com um ar de agrado, ao ver-se a si próprio retratado em miniatura. Enormemente satisfeito, assina o nome com um floreado no canto inferior direito.

De regresso a Amesterdão, ao n.º 57 da Breestraat, que fica apenas a dois quarteirões do local onde se iniciam os preparativos para o leilão na casa de Rembrandt, um comerciante com vinte e três anos de idade (nascido apenas alguns dias depois de Vermeer, o qual viria a admirar mas nunca viria a conhecer) prepara-se para fechar o seu estabelecimento de importações e exportações. Tem um aspeto demasiado delicado e bem-parecido para ser proprietário de uma loja. Os seus traços fisionómicos são perfeitos, a sua pele tem a cor imaculada de uma azeitona, os seus olhos negros são grandes e cheios de alma.

Dá uma última vista de olhos pelo estabelecimento: muitas das prateleiras encontram-se tão vazias quanto os seus bolsos. Um grupo de piratas tinha intercetado o seu último carregamento oriundo da Baía e, por esse motivo, não tem café, açúcar nem cacau. Ao longo de uma geração, a família Espinosa geriu um próspero negócio de venda por atacado de importações e exportações, mas, agora, os irmãos Espinosa — Gabriel e Bento — encontram-se reduzidos à gestão de uma pequena loja de venda a retalho. Inspirando o ar poeirento, Bento Espinosa identifica, com alguma resignação, os fétidos excrementos de ratazanas que acompanham o cheiro a figos secos, uvas passas, gengibre cristalizado, amêndoas, grão-de-bico e os vapores de vinho espanhol amargo. Dirige-se para o exterior e dá início ao seu duelo diário com o cadeado enferrujado da porta da loja. Uma voz desconhecida, com um forte sotaque português, fá-lo sobressaltar-se.

— O senhor chama-se Bento Espinosa?

Espinosa volta-se e dá de caras com dois jovens estrangeiros, de ar fatigado, que pareciam ter vindo de muito longe. Um deles é alto, com uma cabeça maciça e corpulenta, inclinada para a frente, como se fosse demasiado pesada para ser mantida ereta. As roupas dele são de boa qualidade, mas estão sujas e enrugadas. O outro indivíduo, vestido com roupas esfarrapadas de camponês, encontra-se atrás do companheiro. Tem cabelo comprido e emaranhado, olhos negros, um queixo forte e um nariz pronunciado. Mantém uma postura rígida. Apenas os seus olhos se mexem, movimentando-se de um lado para o outro, como se fossem os de um girino assustado.

Espinosa cumprimenta-os com um acenar de cabeça desconfiado.

— Chamo-me Jacob Mendoza — diz o mais alto dos dois. — Precisamos de o ver. Precisamos de falar consigo. Este é o meu primo Franco Benitez, que acabo de trazer comigo de Portugal. O meu primo — Jacob abraça o ombro de Franco — está a passar por uma crise.

— Certamente que sim — responde Espinosa. — E...?

— Uma grande crise.

— Certo. E porque vieram à minha procura?

— Disseram-nos que era a pessoa indicada para o ajudar. Que talvez fosse mesmo a única pessoa capaz de o fazer.

— Ajudá-lo?

— Franco perdeu a fé. Duvida de tudo. De todo e qualquer ritual religioso. Orações... Até mesmo da existência de Deus. Anda constantemente assustado. Não consegue dormir. E diz que tem vontade de se suicidar.

— E quem vos induziu em erro, mandando-vos vir ter comigo? Eu não passo de um comerciante, que tem um pequeno negócio. O qual não é muito lucrativo, como podem verificar. — Espinosa aponta na direção de uma janela cheia de poeira, através da qual as prateleiras meio vazias são bem visíveis. — O Rabino Mortera é o nosso guia espiritual. É com ele que devem ir falar.

— Chegámos ontem, e esta manhã estávamos dispostos a fazer exatamente isso. Mas o nosso senhorio, um primo afastado, aconselhou-nos a não o fazermos. “Franco precisa de quem o ajude, e não de quem o julgue” disse-nos ele. Informou-nos de que o Rabino Mortera costuma ser severo com os descrentes, que ele pensa que todos os judeus portugueses que se converteram ao cristianismo enfrentam uma condenação eterna, mesmo tendo sido eles forçados a escolher entre a conversão ou a morte. “O Rabino Mortera,” disse ele, “apenas vai fazer com que o Franco se sinta ainda pior. Vão falar com Bento Espinosa. Ele é um homem sábio no que respeita a esses assuntos.”

— Mas que tipo de conversa é este? Eu não passo de um comerciante...

— Ele afirma que, se o senhor não tivesse sido obrigado a seguir este negócio, por causa da morte do seu irmão mais velho e do seu pai, teria sido o próximo grande rabino de Amesterdão.

— Tenho de me ir embora. Tenho um encontro marcado ao qual não posso faltar.

— Vai ao sabat na sinagoga? É isso? Nós também vamos. Vou levar o Franco comigo, pois ele tem de recuperar a fé. Podemos falar consigo?

— Não, eu vou a outro tipo de encontro.

— Que outro tipo? — diz Jacob, mas, logo de seguida, desfaz a pergun-

ta. — Desculpe. Não é da minha conta. Podemos encontrar-nos amanhã? Estaria disposto a ajudar-nos no sabat? É permitido, uma vez que se trata de uma cerimónia *mitzvah*⁶. Precisamos da sua ajuda. O meu primo está em perigo.

— É estranho... — Espinosa abana a cabeça. — Nunca antes ouvi um pedido semelhante. Lamento imenso, mas estão enganados. Não vos posso ajudar.

Franco, que até então tinha estado a olhar fixamente para o chão, enquanto Jacob falava, ergue agora os olhos e profere as suas primeiras palavras: — O que lhe peço é muito pouco, apenas desejava ter uma curta conversa consigo. Está a recusar ajuda a um colega judeu? É um dever seu para com um viajante. Eu tive de fugir de Portugal, tal como o seu pai e a sua família tiveram de fugir, para poderem escapar à Inquisição.

— Mas, que posso eu...?

— O meu pai foi queimado vivo, amarrado a um poste, há apenas um ano. Qual foi o crime dele? Encontraram páginas da Tora enterradas no chão, nas traseiras da nossa casa. O irmão do meu pai, o pai de Jacob, foi assassinado pouco tempo depois. Tenho uma pergunta para lhe colocar. Imagine este mundo, onde um filho sente o cheiro da carne do seu próprio pai a ser queimada. Onde está o Deus que criou esta espécie de mundo? Por que motivo permite Ele que tais coisas aconteçam? É capaz de me censurar por lhe fazer esta pergunta? — Franco olha profundamente para os olhos de Espinosa durante alguns instantes e depois continua: — De certeza que um homem a quem chamam “abençoado” — Bento em português e Baruch em hebraico — não se recusará a falar comigo...

Espinosa anui, com um ar sério. — Falarei consigo, Franco. Amanhã, ao meio-dia, pode ser?

— Na sinagoga? — pergunta Franco.

— Não. Aqui. Venha ter comigo à loja. Estará aberta.

— A loja? Aberta? — interpôs Jacob. — Mas... E o sabat?

— O meu irmão mais novo, Gabriel, representa a família Espinosa na sinagoga.

— Mas, a Tora sagrada — insiste Jacob, ignorando o puxão de Franco na manga da sua camisa, — estipula o desejo de Deus de que não devemos trabalhar durante o sabat; que devemos passar esse dia santo a fazer orações em Seu nome, e a realizar *mitzvahs*.

⁶ Mandamento, determinação, lei ou estatuto contido na Tora e, por esse motivo, deve ser cumprido por todos os judeus; trata-se de uma ação moral desempenhada como se se tratasse de um dever religioso. (N. do T.)

Espinosa volta-se e fala com toda a calma, à semelhança de um professor perante um aluno jovem: — Diga-me, Jacob, acredita que Deus é todo-poderoso?

Jacob anui.

— Que Deus é perfeito? Completo perante Si mesmo?

Novamente, Jacob concorda.

— Então, seguramente, concordará que, por definição, um ser perfeito e completo não possui quaisquer necessidades, não tem carências, nem querereres, nem desejos. Não será assim?

Jacob pensa, hesita, e depois anui cautelosamente. Espinosa repara no esboçar de um sorriso nos lábios de Franco.

— Nesse caso, — continua Espinosa, — eu defendo que Deus não tem quaisquer desejos acerca do modo como, nem mesmo se, O glorificamos. Então, Jacob, permita-me amar Deus à minha maneira.

Os olhos de Franco ficam esbugalhados. Volta-se para Jacob, como se lhe fosse dizer: — *Estás a ver, estás a ver? É este o homem que eu procurava.*



DOIS

REVAL, ESTÓNIA — 3 DE MAIO DE 1910

Hora: 16.00
Local: Um banco colocado no corredor principal que se encontra no exterior do gabinete do Diretor Epstein, na Petri-Realschule⁷

Sentado no banco está o inquieto Alfred Rosenberg, com dezasseis anos de idade, que desconhece a razão pela qual foi mandado chamar ao gabinete do diretor da escola. O tronco de Alfred está rígido, os seus olhos são de um tom azul-acinzentado, o seu rosto teutónico é bem proporcionado; uma madeixa de cabelo acastanhada encontra-se pendurada por cima da sua testa, num ângulo perfeito. Não há quaisquer vestígios de olheiras à volta dos seus olhos — só irão aparecer mais tarde. Mantém o queixo erigido bem alto. Talvez ele tenha um feitiço provocador, mas os seus punhos, que se vão fechando e abrindo, revelam alguma apreensão.

Ele parece-se com toda a gente e, ao mesmo tempo, com ninguém. É quase um homem, com toda uma vida à sua frente. Dentro de oito anos, ele vai viajar de Reval para Munique, e tornar-se num prolífico jornalista antibolchevique e antissemítico. Dentro de nove anos, vai assistir a um discurso arrebatador, numa reunião do Partido dos Trabalhadores Alemães, com uma nova perspectiva, proferido por um veterano da Primeira Guerra Mundial, chamado Adolf Hitler, e Alfred alistar-se-á no partido pouco tempo depois de Hitler. Dentro de vinte anos, vai pousar lentamente a sua caneta e esboçar um enorme sorriso de triunfo, ao acabar a última página do seu livro, intitulado *O Mito do Século Vinte*. Destinado a tornar-se num best-seller, com um milhão de cópias vendidas, irá fornecer a maior parte dos fundamentos ideológicos do Partido Nazi e apresentar uma justificação para o massacre dos judeus da Europa. Dentro de trinta anos, as suas tropas irão tomar de assalto um pequeno museu holandês, em Rijnsburgo, e confiscar a biblioteca pessoal de Espinosa, composta por cento e cinquenta

⁷ Nome de uma escola secundária em Reval, na Estónia. (N. do T.)

e um volumes. E, dentro de trinta e seis anos, os seus olhos carregados de olheiras vão parecer desorientados, e ele vai acenar com a cabeça, dizendo que não, depois de o carrasco americano, em Nuremberga, lhe colocar a pergunta: — Deseja proferir as suas últimas palavras?

O jovem Alfred ouve o eco de passos a aproximarem-se no corredor e, ao avistar o *Herr*⁸ Schäfer, seu conselheiro e professor de alemão, dá um salto e põe-se de pé para o cumprimentar. O *Herr* Schäfer franze ligeiramente a testa e acena com a cabeça lentamente ao passar por ele, para depois abrir a porta do gabinete do diretor. Mas, mesmo antes de entrar, hesita, volta-se para Alfred e, num tom de voz que não é desagradável, sussurra-lhe: — Rosenberg, o senhor desiludiu-me, a nós todos, com o deficiente discernimento do seu discurso da noite passada. Esse deficiente discernimento não pode ser apagado por ter sido eleito o representante da turma. Mesmo assim, continuo a pensar que o senhor não é uma perda de tempo. Irá formar-se dentro de poucas semanas. Não se comporte, agora, como um tolo.

O discurso da eleição na noite passada! *Ah, então é isso!* Alfred dá uma pancada com a mão na cabeça. *Claro! Foi por isso que me mandaram chamar.* Embora quase a totalidade dos quarenta elementos da sua turma de finalistas tivesse estado presente — na sua maioria alemães bálticos, com um salpico de russos, estónios, polacos e judeus —, Alfred direcionou, nitidamente, os comentários da sua campanha, única e exclusivamente, para a grande maioria alemã, agitando as suas consciências ao falar da missão que têm enquanto guardiães da nobre cultura alemã. — Mantenham a nossa raça pura — dissera-lhes ele. — Não a enfraqueçam esquecendo-vos das nossas ilustres tradições, aceitando ideias inferiores, misturando-vos com raças inferiores. — Talvez devesse ter ficado por ali. Mas deixou-se levar pelo entusiasmo. E talvez tenha ido longe de mais.

As suas recordações são interrompidas pelo abrir da porta maciça com cerca de três metros de altura e pela voz estrondosa do Diretor Epstein: — *Herr Rosenberg, bitte, herein.*⁹

Alfred entra e depara-se com o diretor e o professor de Alemão sentados a uma das extremidades de uma comprida, escura e robusta mesa de madeira. Alfred sente-se sempre pequeno na presença do Diretor Epstein — que tem mais de um metro e oitenta e três centímetros de altura —, cuja aparência imponente, olhar penetrante, e uma barba cerrada e bem aparada, encarnam a sua autoridade.

O Diretor Epstein faz um sinal a Alfred, para que se sente num cadeirão colocado no outro extremo da mesa. É visivelmente mais pequeno

⁸ Senhor. (N. do T.)

⁹ Senhor Rosenberg, faça o favor de entrar. (N. do T.)

do que os dois cadeirões de costas altas que se encontram do outro lado. O diretor não perde qualquer tempo e vai direto ao assunto. — Então, Rosenberg, eu sou de ascendência judaica, não sou? E a minha mulher é, também ela, judia, correto? E os judeus são uma raça inferior e não deveriam dar aulas a alunos alemães, certo? E eu, pelo menos assim deduzo, não deveria, seguramente, ter ascendido ao cargo de diretor, não é verdade?

Não se ouviu qualquer resposta. Alfred expira o ar que tivera nos pulmões, tenta encolher-se ainda mais no cadeirão, e baixa a cabeça.

— Rosenberg, estarei eu a relatar a sua posição corretamente?

— Senhor... Aah, senhor diretor, eu falei precipitadamente. Eu apenas fiz essas observações num sentido geral. Tratava-se do discurso de uma eleição, e eu falei daquele modo porque era aquilo que eles queriam ouvir-me dizer. — Pelo canto do olho, Alfred vê o *Herr Schäfer* a afundar-se no cadeirão, a retirar os óculos, e a esfregar os olhos.

— Ah! Estou a ver... O senhor falou de uma forma geral? Mas, agora, aqui estou eu, diante de si, não no geral mas em particular.

— Senhor, eu apenas afirmei aquilo que todos os alemães pensam. Que devemos preservar a nossa raça e a nossa cultura.

— E no que respeita à minha pessoa e aos judeus?

Em silêncio, Alfred volta a baixar a cabeça. Ele quer contemplar o que se passa no exterior da janela, que fica sensivelmente a meio da mesa, mas ergue o olhar e fixa-o apreensivamente no diretor.

— Claro! É óbvio que não me pode dar uma resposta. Talvez lhe soltasse a língua se eu lhe dissesse que a minha linhagem e a da minha mulher são genuinamente alemãs, e que os nossos antepassados chegaram aos bálticos no século XIV. E há mais... Somos luteranos devotos.

Alfred anui lentamente.

— Mas, não obstante, o senhor disse que eu e a minha mulher éramos judeus — continua o diretor.

— Eu não disse isso. Apenas disse que havia rumores de que...

— Rumores esses que o senhor ficou satisfeito por poder espalhar, para seu próprio benefício durante o discurso da eleição. Mas... Diga-me uma coisa, Rosenberg. Em que factos se fundamentam esses referidos rumores? Ou encontrar-se-ão eles suspensos numa camada de ar rarefeito?

— Factos? — Alfred abana a cabeça. — Aaah... Talvez tenha a ver com o seu nome?

— Com que então, Epstein é um nome judeu? Todos os Epstein são judeus, é isso? Ou apenas cinquenta por cento? Ou somente alguns deles? Ou, talvez, unicamente um em cada mil? O que lhe demonstraram as suas investigações eruditas?

Não há qualquer resposta. Alfred limita-se a abanar a cabeça.

— O senhor quer dizer que, apesar de toda a educação que lhe foi ministrada em ciência e filosofia na nossa escola, nunca pensa no facto de como sabe aquilo que sabe. Não é essa uma das maiores lições do Iluminismo? Teremos falhado consigo? Ou o senhor, connosco?

Alfred parece estar confuso. O *Herr* Epstein bate com os dedos em cima do tampo da mesa comprida, e depois continua.

— E quanto ao seu nome, Rosenberg? Será, também, o seu nome judeu?

— Tenho a certeza que não é.

— Eu não tenho assim tantas certezas. Permita-me fornecer-lhe alguns factos quanto aos nomes. Durante o período do Iluminismo, na Alemanha... — O Diretor Epstein faz uma pausa e depois dispara uma pergunta: — Rosenberg, o senhor sabe quando ocorreu e do que se tratou o Iluminismo?

Olhando de relance para o *Herr* Schäfer, e com uma oração entranhada na voz, Alfred responde com humildade. — No século XVIII e... e foi a era... a era da razão e da ciência?

— Sim, está correto. Ótimo. A instrução do *Herr* Schäfer não foi uma completa perda de tempo consigo. Mais tarde, nesse mesmo século, foram levadas a cabo determinadas medidas na Alemanha, a fim de converter judeus em cidadãos alemães, e eles foram forçados a pagar e a escolher um nome alemão. No caso de se recusarem a pagar, então, poderia ser-lhes atribuído um nome ridículo, tal como Schmutzfinger, ou Drecklecker. A maioria dos judeus concordou em pagar, para ficarem com um nome mais bonito, ou elegante, talvez o de uma flor — tal como Rosenblum —, ou nomes associados, de algum modo, à Natureza, tal como Greenbaum. Mais populares ainda foram os nomes de castelos nobres. Por exemplo, o Castelo de Epstein tinha conotações nobres e pertencia a uma distinta família do Sagrado Império Romano, e o seu nome era frequentemente escolhido por judeus que viviam nas imediações, durante o século XVIII. Alguns judeus pagaram quantias mais pequenas por nomes tradicionais judeus, tal como Levy ou Cohen.

— Agora, vamos ao seu nome, Rosenberg. Trata-se, igualmente, de um nome bastante antigo. Mas, durante mais de cem anos, teve uma nova existência. Tornou-se num nome judeu banal na terra pátria, e garanto-lhe que se o senhor, quando bem entender, fizer uma viagem à terra pátria, vai deparar-se com olhares de soslaio e alguns sorrisos, assim como também ouvirá rumores acerca dos antepassados judeus da sua linhagem. Diga-me, Rosenberg, quando isso acontecer, como irá responder a esses comentários?

— Seguirei o seu exemplo, senhor, e falar-lhes-ei dos meus antepassados.

— Eu, pessoalmente, fiz uma pesquisa genealógica da minha família, recuando vários séculos. O senhor fez o mesmo?

Alfred abana a cabeça.

— E sabe como empreender tal pesquisa?

Outro abanar de cabeça.

— Nesse caso, uns dos projetos de pesquisa que lhe serão exigidos, durante a sua pré-graduação, será o de descobrir os detalhes de uma pesquisa genealógica e, depois disso, levar a cabo uma investigação sobre a sua própria ascendência.

— Um dos meus projetos, senhor?

— Sim. Serão exigidas duas exposições, de forma a apagar quaisquer dúvidas que eu possa ter sobre a sua aptidão para se formar, assim como sobre a sua aptidão para ingressar no Instituto Politécnico. Depois da nossa conversa de hoje, o *Herr Schäfer* e eu tomaremos uma decisão acerca de um outro projeto construtivo.

— Sim, senhor. — Alfred está naquele momento a aperceber-se da fragilidade da sua situação.

— Diga-me, Rosenberg, — continua o Diretor Epstein, — tinha conhecimento da existência de estudantes judeus na reunião de ontem à noite?

Viu-se um fraco anuir por parte de Alfred. O Diretor Epstein pergunta-lhe: — E achou que os sentimentos deles, bem como a reação que tiveram às suas palavras sobre os judeus, são indignos desta escola?

— Acredito que o meu primeiro dever é para com a terra pátria, e proteger a pureza da nossa grande raça ariana, que é a força criadora de qualquer civilização.

— Rosenberg, a eleição acabou. Poupe-me aos seus discursos. Responda à minha questão. Eu perguntei-lhe acerca dos sentimentos dos judeus que se encontravam presentes, a ouvir as suas palavras.

— Acredito que, se não tivermos cuidado, a raça judaica nos irá derubar. Eles são fracos. Eles são parasitas. O eterno inimigo. A antirraça da cultura e dos valores arianos.

Surpreendidos com a impetuosidade de Alfred, o Diretor Epstein e o *Herr Schäfer* trocam olhares de preocupação. O Diretor Epstein decide aprofundar um pouco mais a questão.

— Parece-me que o senhor deseja evitar responder à pergunta que lhe coloquei. Permita-me tentar uma outra linha de conversação. Os judeus são uma pequena raça fraca, parasita e inferior?

Alfred acena afirmativamente com a cabeça.

— Então, diga-me, Rosenberg: como poderá uma raça tão fraca ameaçar a nossa toda-poderosa raça ariana?

Enquanto Alfred tenta formular uma resposta, o Diretor Epstein continua: — Diga-me, Rosenberg: estudou Darwin nas aulas do *Herr Schäfer*?

— Sim, — responde Alfred, — na disciplina de História do *Herr Schäfer* e também na disciplina de Biologia do *Herr Werner*.

— E o que sabe acerca de Darwin?

— Conheço a evolução das espécies e a lei de sobrevivência dos mais aptos.

— Ah, sim, os mais aptos sobrevivem. Agora, vejamos... Certamente que já leu cuidadosamente o Velho Testamento, na sua disciplina de Religião, não é verdade?

— Sim, na disciplina lecionada pelo *Herr Müller*.

— Assim sendo, Rosenberg, vamos considerar a hipótese de que a maioria dos povos e das culturas — e existem dezenas — descritos na Bíblia foram extintos. Certo?

Alfred anui.

— Consegue identificar-me alguns desses povos extintos?

Alfred engole em seco: — Os fenícios, os moabitas... e os edomitas. — Alfred olha de relance para o acenar de cabeça afirmativo do *Herr Schäfer*.

— Excelente! Mas todos eles se encontram mortos e enterrados. À exceção dos judeus. Os judeus continuam a sobreviver. Não estaria Darwin a reivindicar que os judeus são os mais aptos de todos? Está a seguir o meu raciocínio?

Alfred responde de uma forma rápida e desembaraçada: — Mas não servindo-se da sua própria força. Eles têm sido uns parasitas e têm impedido a raça ariana de atingir uma ainda maior aptidão. Apenas sobrevivem sugando a força, o ouro e a riqueza que nos pertence.

— Ah... Quer dizer que eles não estão a agir de um modo leal — diz o Diretor Epstein. — Está a sugerir que existe um lugar para a equidade no grande projeto da Natureza. Por outras palavras, um animal nobre, na sua luta pela sobrevivência, não deve recorrer ao uso de camuflagem nem da caça furtiva, não é assim? É estranho, pois não me recordo de ter lido o que quer que fosse acerca da equidade na obra de Darwin.

Alfred, algo confuso, continua sentado em silêncio.

— Bom, deixemos isso de lado — afirma o diretor. — Analisemos outro ponto de vista. Com toda a certeza, Rosenberg, que concorda que a raça dos judeus produziu grandes homens. Veja o caso do Nosso Senhor, Jesus, que nasceu judeu.

Novamente, Alfred dá uma resposta rápida. — Eu li que Jesus nasceu na Galileia, e não na Judeia, onde se encontravam os judeus. Embora al-

guns galileus tivessem acabado por se dedicar à prática do judaísmo, eles não possuem uma única gota de verdadeiro sangue israelita.

— O quê? — O Diretor Epstein levanta as mãos para o ar, volta-se para o *Herr Schäfer* e pergunta-lhe: — Aonde é que ele foi desencantar todas estas ideias, *Herr Schäfer*? Se ele fosse adulto, perguntar-lhe-ia o que tem andado a beber. É isto que o senhor ensina na sua disciplina de História?

O *Herr Schäfer* abana a cabeça e volta-se para Alfred. — De onde é que anda a retirar essas ideias? O senhor diz que as leu, mas não foi na minha aula. O que anda o senhor a ler, Rosenberg?

— Um livro excelente, senhor. *Os Fundamentos do Século Dezanove*.

O *Herr Schäfer* bate com a mão na cabeça e deixa-se afundar na poltrona.

— Do que se trata? — pergunta o Diretor Epstein.

— De um livro da autoria de Houston Stewart Chamberlain — responde o *Herr Schäfer*. — É um inglês, que presentemente é genro de Wagner. Escreve história imaginativa: quer dizer, história que ele vai inventando à medida que a vai escrevendo. — Volta-se novamente para Alfred. — Como teve conhecimento do livro de Chamberlain?

— Li algumas passagens na casa do meu tio e depois fui comprá-lo na livraria que fica do outro lado da rua. Não o tinham, mas encomendaram uma cópia para mim. Ando a lê-lo desde o princípio deste mês.

— Mas que grande entusiasmo! Só desejava que demonstrasse tanto entusiasmo com os seus trabalhos apresentados nas aulas — diz o *Herr Schäfer*, fazendo um gesto com o braço, varrendo o ar, e apontando na direção das prateleiras com livros forrados a cabedal, que ladeavam a parede do gabinete do diretor. — Nem que fosse com um único trabalho de aula!

— *Herr Schäfer*, — pergunta o diretor, — o senhor conhece essa obra, e esse tal de Chamberlain?

— Tanto quanto gostaria de estar na presença de um qualquer pseudo-historiador. Ele é um adepto de Arthur Gobineau, o racista francês cujos escritos acerca da superioridade fundamental das raças arianas influenciaram Wagner. Mas Gobineau e Chamberlain fazem reivindicações extravagantes acerca da liderança ariana nas grandes civilizações grega e romana.

— Eles foram notáveis! — interveio repentinamente Alfred. — Até se começaram a misturar com raças inferiores — os venenosos judeus, os negros, os asiáticos. A partir daí, cada uma das civilizações começou a entrar em declínio.

Tanto o Diretor Epstein como o *Herr Schäfer* estão surpreendidos com aquele aluno que ousa interromper a conversa de ambos. O diretor olha de relance para o *Herr Schäfer*, como se tudo aquilo fosse da sua responsabilidade.

O *Herr Schäfer* atribui a culpa ao seu aluno: — Se pelo menos ele tivesse tanto fervor nas aulas. — Volta-se para Alfred. — Quantas vezes lhe disse isso, Rosenberg? Parecia estar tão pouco interessado na sua própria educação. Quantas vezes tentei incitá-lo a participar nas nossas leituras? E, contudo, subitamente, aqui está o senhor, hoje, empolgado com um livro. Como poderemos compreender uma coisa dessa natureza?

— Talvez seja por eu nunca antes ter lido um livro como aquele — um livro que narra a verdade acerca da nobreza da nossa raça, e como os estudiosos se enganaram ao escrever sobre a História como sendo o progresso da humanidade, quando a verdade é que a nossa raça criou civilizações em todos os grandes impérios! E não apenas na Grécia e em Roma, mas também no Egito, na Pérsia e até mesmo na Índia. Cada um destes impérios apenas sucumbiu quando a nossa raça foi corrompida pelas raças inferiores que a rodeavam.

Alfred olha para o Diretor Epstein e diz, tão respeitosa quanto lhe é possível: — Se me permitir, senhor, esta é a resposta à pergunta que me fez anteriormente. Esta é a razão pela qual eu não me preocupo em magoar os sentimentos de uns quantos estudantes judeus, ou eslavos, que também são inferiores, só que não tão bem organizados quanto os judeus.

O Diretor Epstein e o *Herr Schäfer* trocam novamente de olhares, ambos agora conscientes, finalmente, da seriedade daquele problema. Não se trata, simplesmente, de um jovem traquina ou impulsivo.

O Diretor Epstein diz: — Rosenberg, espere lá fora, por favor. Temos de conferenciar em particular.

TRÊS

AMESTERDÃO — 1656

Ao anoitecer, por ocasião do sabbat, a Jodenbreestraat estava cheia de judeus. Cada um deles levava um livro de orações e um pequeno saco de veludo com um xaile de orações no interior. Cada judeu sefardita de Amesterdão dirigia-se em direção à sinagoga, exceto um deles. Depois de ter fechado a loja, Bento ficou de pé na soleira da porta, olhou prolongadamente para o fluxo de companheiros judeus, inspirou profundamente, e mergulhou na multidão, tomando a direção oposta. Evitava cruzar os olhares das pessoas com quem se encontrava e sussurrava palavras de confiança para diminuir o seu constrangimento. *Ninguém repara, ninguém quer saber. O que interessa é ter uma boa consciência, e não uma má reputação. Já o fiz por diversas vezes.* Mas o seu coração acelerado era insensível perante as armas fracas da racionalidade. Depois, tentou desligar-se do mundo exterior, e afundar-se apenas no interior, distraíndo-se e ficando admirado com o duelo curioso entre a razão e a emoção, um duelo no qual a razão saía sempre a perder.

Quando a multidão começou a ficar mais pequena, ele começou a deambular mais facilmente e voltou à esquerda, na rua contígua ao Canal Koningsgracht, caminhando em direção à casa, e sala de aulas, de Franciscus van den Enden, um extraordinário professor de Latim e de Estudos Clássicos.

Embora o encontro com Jacob e Franco tivesse sido excepcional, um encontro ainda mais memorável tinha acontecido na loja de exportações de Espinosa, vários meses antes, quando Franciscus van den Enden entrara pela primeira vez no seu estabelecimento comercial. Enquanto caminhava, Bento divertia-se com as recordações que guardava desse encontro. Os detalhes do mesmo permaneciam na sua memória com uma perfeita clareza.

Está prestes a anoitecer, é a véspera do sabbat, quando um homem de meia-idade, com um porte majestoso, vestido formalmente e de modos cortesões, entra na loja de importações de Bento para examinar as mercadorias expostas. Bento está demasiado absorvido a escrever uma entrada no seu

diário para se aperceber da chegada do freguês. Finalmente, van den Enden tosse com educação, a fim de assinalar a sua presença e, depois disso, faz uma observação, de um modo enérgico mas não indelicado: — Caro jovem, não estamos demasiado ocupados para atendermos um cliente, pois não?

Deixando cair a caneta a meio de uma palavra que estava a escrever, Bento dá um salto e levanta-se. — Demasiado ocupado!? Dificilmente o estaria, senhor. É o primeiro cliente que recebo durante todo o dia. Por favor, queira desculpar a minha desatenção. Em que poderei ajudá-lo?

— Queria um litro de vinho e, talvez, dependendo do preço, um quilo-grama dessas uvas passas magricelas que se encontram na caixa de baixo.

Enquanto Bento põe um peso de chumbo no prato da balança, servindo-se de uma concha de madeira para colocar as uvas passas no outro prato, até o fiel da balança ficar em equilíbrio, van den Enden acrescenta: — Mas estou a incomodar a sua escrita. Mas que agradável e invulgar — não, mais do que invulgar, permita-me dizer “surpreendente” — experiência, a de entrarmos numa loja e depararmos com um jovem empregado de estabelecimento tão absorvido a escrever que nem se apercebe da chegada dos fregueses. Sendo eu professor, normalmente costumo assistir a situações precisamente opostas. Deparo-me com os meus alunos não a escreverem, nem a pensarem, quando deveriam estar a fazê-lo.

— O negócio está mau — responde Bento. — Por isso, sento-me aqui, durante horas, sem outra coisa para fazer senão pensar e escrever.

O cliente aponta na direção do diário de Espinosa, que ainda estava aberto na página em que ele tinha estado a escrever. — Deixe-me arriscar um palpite acerca do que estava a escrever. Estando o negócio assim tão mal, não há dúvida de que o senhor se preocupa com o destino das suas mercadorias. O senhor regista as despesas e as receitas no seu diário, estipula um orçamento, e faz uma lista de possíveis soluções. Estarei correto?

Bento, com o rosto avermelhado, coloca o diário com as páginas voltadas para baixo.

— Nada tem de esconder de mim, meu jovem. Eu sou um espião mestre, por isso, sei guardar segredos. E, também eu, tenho pensamentos proibidos. Além do mais, exerço o ofício de professor de Retórica e, muito seguramente, seria capaz de aperfeiçoar a sua escrita.

Espinosa levanta o diário para o observar e pergunta, com um ligeiro sorriso que lhe deixa os dentes a descoberto: — Como está o seu português, senhor?

— Português! Com essa apanhou-me, meu jovem. Digo-lhe que sim para o holandês. Para o francês, inglês, alemão. Sim para o latim e o grego. Até, talvez, sim para um pouco de espanhol, e alguns conhecimentos superficiais do hebraico e do aramaico. Mas quanto ao português, é não. O seu

holandês falado é excelente. Por que motivo não escreve em holandês? Certamente é nativo daqui?

— *Sim. O meu pai emigrou de Portugal quando ainda era uma criança. Apesar de eu fazer uso do holandês para as minhas transações comerciais, não me sinto muito à vontade para escrever nessa língua. Por vezes, também escrevo em espanhol. E comecei a dedicar-me aos estudos hebraicos.*

— *Sempre desejei ler as Sagradas Escrituras na sua língua original. Infelizmente, os jesuítas apenas me ensinaram os rudimentos do hebraico. Mas continua sem ainda me ter falado sobre a sua escrita.*

— *A sua conclusão, de que escrevo sobre orçamentos e a forma de aumentar as vendas, pressuponho que se baseie no meu comentário, quando lhe disse que o negócio não corria de feição. Foi uma dedução racional mas, neste caso em particular, completamente incorreta. A minha mente raramente se ocupa com os negócios, e eu nunca escrevo sobre esse assunto.*

— *Aceito a sua correção. Mas, antes de continuarmos com o ponto central da sua escrita, queira fazer o favor de me permitir uma pequena digressão — um comentário pedagógico, que é um hábito difícil de esquecermos. A forma como empregou a palavra “dedução” foi incorreta. O processo de construirmos algo, baseado em observações particulares, para assim chegarmos a uma conclusão racional, ou, por outras palavras, construirmos uma teoria ascendente a partir de observações abstratas, chama-se indução; ao passo que a dedução começa com uma teoria preconcebida e razões descendentes, até chegarmos a um conjunto de conclusões.*

Apercebendo-se do acenar de cabeça pensativo, e talvez agradecido, por parte de Espinosa, van den Enden continua: — Se não é acerca de negócios, meu jovem, então, sobre que assunto escreve o senhor?

— *Pura e simplesmente acerca daquilo que vejo do lado de fora da janela da minha loja.*

Van den Enden volta-se, para acompanhar o olhar fixo de Bento para o exterior, focado na rua.

— *Repare. Estão todos em movimento. Numa correria de trás para a frente durante todo o dia, durante todas as suas vidas. Com que fim? A riqueza? A fama? Os prazeres dos desejos? De certeza que esses fins representam mudanças de direção erradas.*

— *Porquê?*

Bento já tinha dito tudo o que queria dizer, mas, encorajado pela pergunta do seu cliente, continua: — Esse tipo de objetivos é reprodutor. Cada vez que um objetivo é atingido, vai meramente reproduzir necessidades adicionais. Daí, temos novas correrias, mais procuras, ad infinitum¹⁰. Deve ser

¹⁰ Expressão latina que significa: “Até ao infinito; eternamente.” (N. do T.)

por isso que o verdadeiro caminho para a felicidade imperecível se encontra noutra lugar. E é sobre essas coisas que eu penso e escrevino. — Bento fica profundamente corado. Nunca antes havia partilhado tais pensamentos.

O rosto do cliente revela grande interesse. Pousa o seu saco das compras, aproxima-se, e olha fixamente para a face de Bento.

Aquele foi o momento — o momento de todos os momentos. Bento adorou aquele momento, aquele olhar de surpresa, aquele novo e ainda maior interesse e respeito no rosto daquele desconhecido. E que desconhecido ele era! Um emissário vindo do exterior, do grandioso mundo que não era judeu. Um homem dotado de uma óbvia importância. Achou impossível recapitular aquele momento uma vez apenas. E, em alternativa, voltou a imaginar todo aquele cenário por uma segunda ocasião e, depois, de vez em quando, uma terceira e até uma quarta. E, de cada vez que o visualizava, as lágrimas enchiam-lhe os olhos. Um professor, um homem elegante do mundo, que se interessava por ele, que o levava a sério, e até talvez pensasse: “Este é um jovem extraordinário.”

Com algum esforço, Bento arrancou-se àquele momento de todos os momentos e continuou a recordar-se do dia em que se encontraram pela primeira vez.

O cliente insiste: — O senhor diz que a felicidade imperecível se encontra noutra lugar. Fale-me um pouco mais acerca desse “outro lugar”.

— Eu apenas sei que não se encontra nos objetos perecíveis. Que se encontra não no exterior, mas no interior. É a mente que determina aquilo que é temeroso, sem valor, desejável ou inestimável e, por esse mesmo motivo, é a mente, e apenas a mente, que deve ser modificada.

— Qual é o seu nome, meu jovem?

— Bento Espinosa. Em hebraico chamam-me Baruch.

— E em latim o seu nome é Benedito. Um nome elegante e abençoado. Eu chamo-me Franciscus van den Enden. Dirijo uma academia de filosofia clássica. Espinosa, diz o senhor... humm, oriundo do latim spina e spinosus, que significam, respetivamente, “espinho” e “cheio de espinhos”.

— D’espinhosa, em português — diz Bento, anuindo. — “Que vem de um lugar espinhoso”.

— O seu tipo de questões pode revelar-se espinhoso para os ortodoxos, para os instrutores teóricos pretensiosos. — Os lábios de van den Enden encurvam-se num sorriso descoberto, um tanto ou quanto malicioso. — Diga-me, meu jovem, alguma vez foi um espinho para os seus professores?

Bento também soltou um sorriso rasgado. — Sim, aconteceu uma vez. Mas, atualmente, afastei-me dos meus professores. Limitei a minha característica espinhosa ao meu diário. O meu tipo de questões não é bem-vindo numa sociedade supersticiosa.

— A superstição e a razão nunca foram amigas íntimas. Mas talvez o possa apresentar a companheiros que pensam da mesma forma que o senhor. Aqui, por exemplo, está um homem que o senhor devia conhecer. — Van den Enden procura no interior do seu saco e retira o volume de um livro antigo, que entrega a Bento. — O homem chama-se Aristóteles, e o livro dele contém a sua exploração pessoal sobre o tipo de questões que o senhor se coloca. Também ele considerava a mente, e a procura do aperfeiçoamento dos nossos poderes da razão, como o supremo e único projeto humano. A *Ética a Nicómaco*, de Aristóteles, deveria ser uma das suas próximas lições.

Bento leva o livro até ao nariz e inspira o seu cheiro, antes de o folhear. — Eu já ouvi falar deste homem, e gostaria de o conhecer. Mas nunca poderíamos conversar. Uma vez que eu não falo grego.

— Nesse caso, o grego também deveria fazer parte da sua educação. Depois de conseguir dominar o latim, obviamente. É uma pena que os seus instruídos rabinos saibam tão pouco acerca dos textos clássicos. O alcance da vista deles é tão pequeno que, frequentemente, esquecem-se de que os não-judeus também se empenham na busca do conhecimento.

Bento responde instantaneamente, voltando a referir, como sempre, que já era judeu quando os judeus foram atacados. — Isso não é verdade. Tanto o Rabino Menassch como o Rabino Mortera leram Aristóteles a partir da tradução em latim. E Maimónides pensava que Aristóteles era o maior filósofo de todos.

Van den Enden levanta-se. — Muito bem dito, meu jovem, muito bem dito. Com essa resposta acabou de passar o meu exame para a sua admissão. Uma tal lealdade para com os antigos professores leva-me, agora, a entregar-lhe um convite formal para vir estudar na minha academia. Chegou o tempo, não apenas para que o senhor conheça o trabalho de Aristóteles, mas também para que o descubra por si mesmo. Eu serei capaz de o colocar ao alcance do seu conhecimento, assim como do mundo dos colegas dele, tais como Sócrates, Platão e muitos outros.

— Ah, mas existe o problema das propinas... Tal como eu já referi, o negócio está mau.

— Haveremos de chegar a um acordo. Por um lado, iremos ver que tipo de professor de hebraico o senhor é. Tanto eu como a minha filha pretendemos aperfeiçoar os nossos conhecimentos de hebraico. E até poderemos vir a encontrar outras formas de negociação. Por agora, sugiro que acrescente um quilograma de amêndoas ao meu vinho e às uvas passas — e não quero das magricelas... Vamos experimentar aquelas rechonchudas, que estão na prateleira de cima.

...

Aquela recordação, da gênese da sua nova vida, era a tal ponto envolvente que Bento, perdido na sua fantasia, passou alguns quarteirões para lá do local do seu destino. Apercebeu-se disso com um sobressalto, orientou-se rapidamente e regressou pelo mesmo caminho até chegar à casa de van den Enden: uma habitação estreita, com quatro pisos, que dava para o Canal Singel. Enquanto subia até ao último andar, onde tinham lugar as aulas, Bento, tal como sempre, parava em cada patamar e espreitava para as áreas comuns. No primeiro andar, não lhe despertaram muita atenção os ladrilhos intrincados que cobriam o chão, ladeados por uma fileira de ladrilhos azuis e brancos, com moinhos de vento de Delft.

No segundo andar, o cheiro a couve fermentada misturado com o de caril picante fê-lo recordar-se, uma vez mais, de que se tinha esquecido de almoçar e de tomar a ceia.

Chegado ao terceiro andar, não se demorou muito tempo para admirar a harpa cintilante e as tapeçarias penduradas mas, tal como sempre, apreciou os vários quadros a óleo que preenchiam cada uma das paredes. Durante vários minutos, Bento ficou a olhar fixamente para um pequeno quadro de um barco encalhado na margem, e teve o cuidado de reparar na perspectiva fornecida pelas silhuetas volumosas que se encontravam na margem e pelas duas mais pequenas que se encontravam dentro da embarcação — uma delas estava de pé, na proa, e a outra, ainda mais pequena, encontrava-se sentada — e registou-o na sua memória, para mais tarde, nessa mesma noite, poder desenhar uma cópia em carvão.

No quarto piso, foi cumprimentado por van den Enden e seis jovens estudantes da academia, sendo que um deles estudava latim e os outros cinco tinham avançado para o grego. Van den Enden começou a noite, tal como sempre, com o exercício de um ditado em latim, que os alunos deveriam traduzir para holandês ou para grego. Esperando incutir alguma paixão no conhecimento de novas línguas, van den Enden ensinava os alunos a partir de textos que, supostamente, deveriam ser interessantes e divertidos. Ovídio era a obra que andavam a analisar durante as últimas três semanas e, naquela noite, van den Enden leu uma passagem da história de Narciso.

Ao contrário dos outros estudantes, Espinosa demonstrava pouco interesse em contos mágicos de metamorfoses fantásticas. E cedo se tornou notório que ele não precisava de divertimentos. Em vez disso, demonstrava uma paixão por aprender e um talento para as línguas de cortar a respiração. Embora van den Enden se tivesse apercebido imediatamente de que Bento estava destinado a ser um aluno extraordinário, continuou a sentir-se estupefacto à medida que o jovem ia captando e retendo cada um dos conceitos, cada uma das generalidades e cada particularidade gramatical antes de as explicações terem saído dos lábios do professor.

A tarefa quotidiana do ensino da língua latina era supervisionada pela filha de van den Enden, Clara Maria, uma rapariga de treze anos de idade, com um pescoço comprido, uma estatura alta, um sorriso sedutor e uma espinha dorsal arqueada. Clara era um enorme prodígio em línguas e, descaradamente, demonstrava essa sua facilidade aos outros estudantes, alternando de um idioma para outro enquanto ela e o pai discutiam as lições de cada aluno para aquele dia. De início, Bento ficou chocado: um dos princípios judeus que ele nunca pusera em causa fora a inferioridade das mulheres — direitos inferiores e intelectos inferiores. Embora ele se sentisse desorientado por Clara Maria, começou a encará-la como uma excentricidade, como algo de anormal, uma exceção à regra de que as mentes das mulheres não eram iguais às dos homens.

Logo que van den Enden saía da sala de aulas com os cinco alunos que andavam a estudar grego, Clara Maria começava — com um tom de voz sério que era quase cómico vindo de alguém com treze anos de idade — a ensinar Bento e um aluno alemão, Dirk Kerckrinck, ajudando-os com o vocabulário e o trabalho de casa sobre as declinações. Dirk estava a estudar latim por ser um pré-requisito para ingressar na Faculdade de Medicina de Hamburgo. Depois do exercício de vocabulário, Clara Maria pediu a Bento e a Dirk que traduzissem para latim um poema popular holandês, da autoria de Jacob Cats, acerca do comportamento adequado das mulheres jovens e solteiras, o qual ela leu em voz alta de um modo encantador. Ela irradiou alegria, levantou-se e fez uma vénia, quando Dirk, acompanhado por Bento, aplaudiram o seu desempenho.

A última parte da noite era sempre o ponto mais alto para Bento. Os estudantes reuniam-se todos na sala de aulas maior, a única que tinha janelas, para ouvirem o discurso de van den Enden acerca do mundo antigo. O tema por ele escolhido para aquela noite foi a ideia grega de democracia que, na sua opinião, era a forma mais perfeita de governação, não obstante — nesse momento olhou de relance para a filha, que assistia a todas as suas sessões —, admitiu: — A democracia grega excluía mais de cinquenta por cento da população, nomeadamente, as mulheres e os escravos. — Depois, continuou: — Considerem a posição paradoxal das mulheres no seio do drama grego. Por um lado, as mulheres gregas estavam proibidas de assistir a espetáculos e, mais tarde, após alguns séculos mais esclarecidos, tinham autorização para entrarem em anfiteatros, mas apenas se podiam sentar nas zonas com a pior vista para o palco. E, contudo, considerem as mulheres heroicas nesse drama — mulheres de aço que foram protagonistas das maiores tragédias de Sófocles e Eurípedes. Permitam-me descrever, brevemente, três das mais formidáveis personalidades em toda a literatura: Antígona, Fedra e Medeia.

Após a sua intervenção, durante a qual ele pediu a Clara Maria que lesse algumas das mais intensas passagens de Antígona, tanto em grego como em holandês, pediu a Bento que ficasse mais alguns minutos depois de os outros saírem.

— Tenho umas quantas questões para discutir consigo, Bento. Primeiro, recorda-se da minha oferta aquando do nosso encontro inicial na sua loja? A minha oferta de o apresentar a pensadores que pensam da mesma forma que o senhor? — Bento anuiu e van den Enden continuou: — Eu não me esqueci, e devo começar a cumprir essa promessa. O seu progresso em latim tem sido soberbo e, por isso mesmo, devemos agora voltar-nos para a língua de Sófocles e Homero. Na próxima semana, a Clara Maria irá iniciá-lo na aprendizagem do alfabeto grego. Além do mais, eu escolhi textos que devem ter um interesse especial para si. Iremos trabalhar com passagens de Aristóteles e Epicuro, que estão, precisamente, relacionadas com as questões pelas quais o senhor demonstrou interesse durante o nosso primeiro encontro.

— Está a referir-se às entradas do meu diário, acerca dos objetivos perecíveis e imperecíveis?

— Exatamente! Como forma de aperfeiçoar o seu latim, sugiro-lhe que a partir de agora comece a escrever as suas entradas nessa língua.

Bento anuiu.

— Só mais uma questão... — Van den Enden continuou: — A Clara Maria e eu estamos prontos para começarmos as nossas lições de hebraico sob a sua tutela. Está de acordo que comecemos na próxima semana?

— Com todo o gosto! — respondeu Bento. — Irá dar-me muito prazer, assim como a oportunidade de poder retribuir a enorme dívida que tenho para consigo.

— Então, talvez seja uma boa altura para começar a pensar em alguns métodos pedagógicos. O senhor tem alguma experiência de ensino?

— Há cerca de três anos, o Rabino Mortera pediu-me que o ajudasse a ensinar hebraico aos alunos mais jovens. Tomei nota de uma grande quantidade de conceitos acerca das complexidades do hebraico e espero, um dia destes, poder vir a escrever uma gramática hebraica.

— Ótimo! Fique com a certeza de que irá ter alunos atentos e ansiosos por aprender.

— Por coincidência, — acrescentou Bento, — esta tarde, fizeram-me um estranho pedido de pedagogia. Dois homens confusos vieram à minha procura, há algumas horas, e tentaram contratar-me como uma espécie de conselheiro. — Bento continuou a contar os detalhes do encontro que teve com Jacob e Franco.

Van den Enden ouviu atentamente e, quando Bento terminou, dis-

se-lhe: — Esta noite, vou acrescentar mais uma palavra ao seu trabalho de casa sobre vocabulário de latim. Por favor, anote a palavra *caute*. Pode adivinhar o seu significado a partir da palavra espanhola *cautela*.

— Sim, quer dizer “*caution*” — *cuidado*, em português. Mas porquê *caute*?

— Em latim, por favor.

— *Quid cur caute?*

— Eu tenho um espião que me diz que os seus amigos judeus não estão satisfeitos por andar a ter aulas comigo. Mesmo nada satisfeitos. E não estão satisfeitos com o seu cada vez maior distanciamento da sua comunidade. *Caute*, meu rapaz. Tenha o cuidado de não lhes dar mais razões de queixa. Não confie aos estranhos os seus mais profundos pensamentos e dúvidas. Na próxima semana, logo veremos se Epicuro poderá fornecer algum conselho que lhe seja útil.



QUATRO

ESTÓNIA — 10 DE MAIO DE 1910

Depois de Alfred ter saído, os dois velhos amigos levantaram-se e esticaram-se, enquanto a secretária do Diretor Epstein pousava um prato de *strudels*¹¹, recheados com maçãs e nozes, em cima da mesa. Sentaram-se e começaram calmamente a mordiscar, ao mesmo tempo que ela lhes preparava o chá.

— Então, Hermann, é este o rosto do futuro? — perguntou o Diretor Epstein.

— Não de um futuro ao qual eu queira assistir. Fico feliz pelo chá quente — até dá arrepios estar ao pé daquele rapaz.

— Até que ponto nos devemos preocupar com este rapaz, com a influência que ele possa ter sobre os seus colegas de turma?

Viu-se passar uma sombra — um estudante que caminhava no corredor — e o *Herr* Schäfer levantou-se para ir fechar a porta, que tinha ficado entreaberta.

— Eu sou conselheiro dele desde o início, e ele tem estado inscrito num determinado número de disciplinas lecionadas por mim. Mas, estranhamente, não sei nada acerca dele. Como pode constatar, há algo de mecânico e distante dentro dele. Vejo os outros rapazes envolvidos em conversações animadas, mas o Alfred nunca participa. Mantém-se sempre bem refugiado.

— Dificilmente se manteve refugiado nestes últimos minutos, *Herr* Hermann.

— Tudo isto foi algo completamente novo para mim. Apanhou-me de surpresa. Vi um Alfred Rosenberg diferente. O facto de ter começado a ler Chamberlain encorajou-o.

— Talvez esse livro tenha o seu lado brilhante. Pode ser que ainda estejam para ser publicados outros livros que o possam inflamar de um modo

¹¹ Bolo de massa folhada, servido com vários tipos de recheio. (N. do T.)

diferente. Mas, na generalidade, o senhor afirma que ele não é um apaixonado pela leitura?

— Estranhamente, essa é uma pergunta difícil de responder. Por vezes, penso que ele gosta de livros, ou da aura deles, ou até talvez unicamente da capa dos mesmos. Ele passeia-se, frequentemente, pela escola com um molho de livros debaixo do braço — de Hauptman, Heine, Nietzsche, Hegel, Goethe... Às vezes, ele assume uma atitude que roça a comicidade. É a forma que tem de exibir o seu intelecto superior, de se vangloriar que prefere os livros à popularidade. Cheguei a duvidar, várias vezes, se ele realmente lê aqueles livros. Hoje, não sei o que pensar.

— Uma paixão tão grande por Chamberlain... — observou o diretor. — Ele demonstrou alguma paixão por outras coisas?

— Essa é a questão. Ele sempre manteve os seus sentimentos muito bem controlados, mas recorde-me de um momento de excitação quando estávamos a falar da pré-história local. Por vezes, eu levava pequenos grupos de alunos para participarem em escavações arqueológicas, a norte da Igreja de St. Olai. Rosenberg oferecia-se sempre como voluntário para essas expedições. Numa dessas deslocações, ele ajudou a desenterrar alguns utensílios da Idade da Pedra e uma fogueira pré-histórica, e ficou deslumbrado.

— É estranho... — disse o diretor, enquanto folheava o processo de Alfred. — Ele preferiu vir para a nossa escola em vez de ir para o *gymnasium*¹², onde poderia ter estudado os clássicos e, depois, ter a possibilidade de entrar para a universidade e estudar literatura ou filosofia, que parecem ser as áreas que lhe despertam mais interesse. Por que motivo decidiu ele ir para o Politécnico?

— Acho que existem razões financeiras por detrás dessa escolha. A mãe dele morreu quando Alfred ainda era uma criança, e o pai tem tuberculose pulmonar e apenas trabalha esporadicamente, como funcionário de um banco. O novo professor de Arte, o *Herr Purvit*, considera-o um desenhador razoavelmente bom e encoraja-o a seguir uma carreira de arquiteto.

— Por isso, ele mantém uma certa distância dos outros, — disse o diretor, fechando o processo de Alfred, — e, apesar de tudo, conseguiu ganhar as eleições. E não foi também o chefe de turma há alguns anos?

— Isso tem muito pouco a ver com popularidade, no meu entender. Os estudantes não respeitam o posto, e os rapazes populares, na generalidade, evitam ser chefes de turma devido às tarefas exigidas pelo cargo e à preparação necessária para serem os oradores aquando da cerimónia de for-

¹² Espécie de escola secundária, que dá grande ênfase à educação académica. Em vez de “ginásio”, a tradução mais correta para português será “academia”. (N. do T.)

matura. Eu não acho que os rapazes levem Rosenberg muito a sério. Nunca o vi no meio de um grupo, nem a brincar com os outros. É mais frequente ele ser o alvo de partidas. Ele é um solitário, anda sempre a passear sozinho por Reval, com o seu caderno de esboços. Por isso, eu não me preocuparia demasiado com o facto de ele poder espalhar as suas ideias extremistas por aqui.

O Diretor Epstein levantou-se e caminhou até à janela. No exterior havia árvores de folhas largas, com a nova folhagem da primavera e, um pouco mais longe, imponentes edifícios brancos com telhados de tijolos avermelhados.

— Fale-me um pouco mais acerca desse Chamberlain. Os meus interesses literários são de outro género. Qual é a extensão da sua influência na Alemanha?

— Está a crescer rapidamente. E de um modo alarmante. O livro dele foi publicado há cerca de dez anos, mas a sua popularidade continua a subir. Ouvi dizer que já vendeu mais de cem mil exemplares.

— Já o leu?

— Comecei a fazê-lo, mas fiquei sem paciência e dei uma rápida vista de olhos pelo resto das páginas. Tenho muitos amigos que o leram. Os historiadores informados partilham da minha reação — tal como a Igreja e, obviamente, a imprensa judaica. Não obstante, existem muitos homens prominentes que o elogiam — o *Kaiser Wilhelm*, o americano Theodore Roosevelt — e muitos jornais de primeira linha estrangeiros teceram-lhe uma crítica positiva, alguns até o fizeram de forma a deixarem-nos boquiabertos. Chamberlain utiliza um tipo de linguagem pomposa e diz estar a dirigir-se aos nossos impulsos mais nobres. Mas eu acho que ele está apenas a encorajar os nossos impulsos mais básicos.

— Como explica a popularidade que ele obteve?

— Escreve de uma forma persuasiva. E impressiona aqueles que são incultos. Em cada página podemos encontrar citações de uma profundidade sonora, da autoria de Tertuliano ou de São Agostinho, ou até talvez de Platão ou de um qualquer místico indiano do século VIII. Mas não passa de uma aparência de erudição. Na realidade, ele tem citações simples e resolutas, de várias épocas, mas sem qualquer relação entre si, com o intuito de sustentar as suas ideias preconcebidas. A sua popularidade é ajudada, sem dúvida, pelo seu recente casamento com a filha de Wagner. Há muitas pessoas a considerá-lo como o sucessor do legado racista de Wagner.

— E foi aceite por Wagner?

— Não, eles nunca se chegaram a conhecer. Wagner morreu antes de Chamberlain começar a fazer a corte à sua filha. Mas Cosima deu-lhe a bênção dela.

O diretor serviu-se de mais chá. — Bem... O nosso jovem Rosenberg parece estar tão profundamente absorvido pelo racismo de Chamberlain que pode não ser fácil afastá-lo dessa ideologia. Mas, quando pensamos nisso, onde encontraríamos um adolescente impopular, solitário, e de uma certa forma tolo, que não se deixasse sussurrar ao ouvido, com prazer, que pertence a uma estirpe superior? E que os seus antepassados fundaram civilizações grandiosas? Em particular, um rapaz que nunca teve uma mãe para o admirar, e cujo pai se encontra às portas da morte, que tem um irmão mais velho adoentado, e que...

— Ah, Karl, estou a ouvir os ecos do seu visionário, aquele doutor vienense chamado Freud, que também escreve de uma forma persuasiva e também se dedica aos clássicos, que nunca se esquece de dar um acabamento especial com uma citação elegante presa entre os dentes.

— *Mea culpa*. Confesso que as ideias dele me parecem ser mais apreciadas do que nunca. Por exemplo, acabou de dizer que foram vendidos cem mil exemplares do livro antissemítico de Chamberlain. De entre todas as legiões de leitores, quantos deles o põem de parte, tal como você? E quantos deles ficam arrebatados com o que ele escreve, à semelhança de Rosenberg? Por que motivo esse livro provoca um tão grande número de reações? Deve existir algo no leitor, em particular, que o faz identificar-se com o livro. A sua vida, a sua psicologia, a imagem que tem de si próprio. Deve existir algo que se encontra profundamente escondido no interior da sua mente — ou, tal como esse Freud diz, o inconsciente — que faz com que um determinado leitor se “apaixone” por um determinado escritor.

— É um assunto pertinente para discutirmos aquando do nosso próximo jantar! Entretanto, o meu jovem aluno, o Rosenberg — e isto é um palpito meu —, anda por aí a ferver e a suar as estopinhas. O que acha que devemos fazer quanto a ele?

— Sim, temos andado a evitar falar desse assunto. Prometemos-lhe a atribuição de trabalhos e temos de pensar nalguma coisa para ele fazer. Talvez estejamos a passar dos limites. Poderá ser possível, mesmo remotamente, atribuir uma tarefa que possa exercer uma influência positiva nas poucas semanas que ainda nos restam? Vejo tanta amargura naquele rapaz, tanto ódio por todas as pessoas, menos pelo fantasma do “alemão puro”. Acho que o devemos afastar daquele tipo de ideias, e direcioná-lo para algo que seja tangível, algo em que ele possa tocar.

— Estou de acordo. É mais difícil odiar um indivíduo do que uma raça — disse o *Herr Schäfer*. — Tive uma ideia. Conheço um judeu com o qual ele se deve preocupar. Vamos voltar a chamá-lo aqui e começarei por esse ponto.

A secretária do Diretor Epstein retirou as chávenas do chá e foi chamar Alfred, que voltou a sentar-se no cadeirão ao fundo da mesa.

O *Herr Schäfer* começou lentamente a encher o seu cachimbo, acendeu-o, puxou uma baforada, expirou uma nuvem de fumo e começou: — Rosenberg, temos mais umas quantas perguntas a colocar-lhe. Estou a par dos seus sentimentos relativamente aos judeus, em termos gerais de raça, mas estou certo de que já se cruzou com alguns judeus de carácter requintado. Acontece que tenho conhecimento de que o senhor e eu tivemos o mesmo médico particular, o *Herr Apfelbaum*. Ouvi dizer que foi ele quem assistiu ao seu parto.

— Sim — respondeu Alfred. — Ele tem sido o meu médico ao longo da minha vida.

— E também tem sido meu amigo íntimo durante todos estes anos. Diga-me... Ele é venenoso? É um parasita? Em Reval, ninguém trabalha tanto como ele. Quando o senhor ainda era uma criança, eu vi, com os meus próprios olhos, como ele se esforçou, dia e noite, para tentar salvar a sua mãe de morrer com tuberculose. E disseram-me que ele chorou no funeral dela.

— O Dr. Apfelbaum é um homem bom. Trata sempre bem de nós. E, a propósito, nós sempre lhe pagámos. Mas existem judeus que são bons. Eu sei disso. Eu não falo mal dele como pessoa, apenas da semente judaica. É inegável que todos os judeus transportam a semente de uma raça odiosa, e isso...

— Ah! De novo essa palavra, “odiosa” — interrompeu o Diretor Epstein, tentando controlar-se com alguma dificuldade. — Ouço dizer muitas coisas acerca do ódio, mas nada ouço acerca do amor. Não se esqueça de que o amor é o ponto principal da mensagem de Jesus. Não devemos apenas amar a Deus, mas também amar o nosso vizinho, assim como a nós mesmos. Não vê a existência de uma certa contradição entre o que o senhor lê, escrito por Chamberlain, e o que ouve dizer na igreja, todas as semanas, acerca do amor cristão?

— Senhor, eu não vou à igreja todas as semanas. Deixei de o fazer.

— O que sente o seu pai acerca dessa sua decisão? O que sentiria Chamberlain?

— O meu pai diz que nunca pôs os pés numa igreja. E li que Chamberlain, tal como Wagner, reivindicam que os ensinamentos da Igreja nos enfraquecem mais do que nos fortalecem.

— O senhor não ama o Nosso Senhor Jesus?

Alfred fez uma pausa; ele pressentia armadilhas vindas de todas as direções. Estava a pisar um terreno traiçoeiro: o diretor já se tinha referido a si próprio como sendo um luterano devoto. A segurança residia em manter-se fiel a Chamberlain e, por esse motivo, Alfred tentou recordar-se das palavras que lera no livro dele. — Tal como Chamberlain, admiro imenso Jesus. Chamberlain chama-lhe um génio da moral. Ele possuía um po-

der e coragem enormes mas, infelizmente, o valor dos seus ensinamentos foi diminuído por Paulo, que transformou Jesus num homem sofredor e submisso. Todas as igrejas cristãs exibem pinturas em vitrais com Jesus a ser crucificado. Nenhuma delas mostra as imagens de um Jesus poderoso e corajoso — do Jesus que se atreveu a desafiar rabinos corruptos, do Jesus que, sem a ajuda de ninguém, expulsou os cambistas para fora do templo!

— Quer então dizer-me que Chamberlain encara Jesus como um leão e não como um cordeiro?

— Sim — respondeu Alfred, encorajado. — Chamberlain diz que foi uma tragédia Jesus ter aparecido no lugar e na época em que apareceu. Se Jesus tivesse pregado para o povo germânico ou, digamos, para o povo indiano, as suas palavras teriam tido uma influência completamente diferente.

— Regressemos à minha anterior pergunta — afirmou o diretor, que se apercebeu de estar a seguir pelo caminho errado. — Tenho uma pergunta simples a colocar-lhe: de quem gosta o senhor? Quem é o seu herói? Aquele que o senhor admira acima de todos os outros? Além desse tal Chamberlain, como é óbvio.

Alfred não deu uma resposta imediata. Ponderou durante algum tempo, antes de responder: — Goethe!

Tanto o Diretor Epstein como o *Herr Schäfer* se endireitaram nas poltronas. — É uma escolha interessante, Rosenberg — retorquiu o diretor. — Trata-se de uma escolha sua ou de Chamberlain?

— De ambos. E acho que também é a escolha do *Herr Schäfer*. Ele elogia Goethe nas nossas aulas, mais do que qualquer outra personalidade. — Alfred olhou para o *Herr Schäfer*, à espera de uma confirmação, e recebeu um acenar de cabeça afirmativo.

— Mas, diga-me, porquê Goethe? — inquiriu o diretor.

— Ele é o eterno génio alemão. O mais notável de todos os alemães. Um génio da escrita, da ciência, da arte e da filosofia. É um génio em várias áreas de estudo, mais do que qualquer outro.

— Uma excelente resposta — disse o Diretor Epstein, subitamente cheio de energia. — E acho que acabei de descobrir o projeto perfeito de pré-graduação para o senhor levar a cabo.

Os dois professores conferenciaram em particular, sussurrando suavemente um com o outro. O Diretor Epstein saiu do gabinete e regressou pouco tempo depois, trazendo com ele um livro de grandes dimensões. Juntamente com o *Herr Schäfer*, debruçaram-se sobre o livro e folhearam algumas páginas durante vários minutos, analisando o seu conteúdo. Depois de o diretor ter anotado os números de umas quantas páginas, voltou-se para Alfred.

— Aqui está o seu projeto. Tem de ler, muito cuidadosamente, dois capítulos — o décimo quarto e o décimo sexto — da autobiografia de Goethe, e vai ter de tomar nota de todas as linhas em que ele se refere ao seu próprio herói, um homem que viveu há bastante tempo, chamado Espinosa. Tenho a certeza que vai receber de braços abertos esta tarefa. Será uma alegria ler parte da autobiografia do seu herói. Goethe é o homem que o senhor admira, e imagino que será do seu interesse ficar a saber o que ele diz acerca do homem de quem ele gosta e admira. Estou certo?

Alfred anuiu, com um ar circunspecto. Algo confuso com as boas intenções do diretor, pressentiu que se tratava de uma armadilha.

— Bom, — continuou o diretor, — sejamos bem claros quanto ao seu trabalho, Rosenberg. O senhor tem de ler os capítulos números catorze e dezasseis da autobiografia de Goethe, e tem de transcrever cada frase que ele escreveu acerca de Benedito Espinosa. Tem de fazer três cópias: uma que ficará para si e as outras que entregará a cada um de nós. Se descobrirmos que, no seu trabalho escrito, passou ao lado de qualquer um dos comentários por ele feitos acerca de Espinosa, ser-lhe-á exigido que volte a realizar o mesmo projeto, as vezes que forem necessárias, até o mesmo se encontrar na perfeição. Voltaremos a encontrar-nos dentro de duas semanas, para lermos a sua exposição escrita e para discutirmos todos os aspetos da sua exposição oral. Estamos entendidos?

Alfred voltou a acenar a cabeça afirmativamente. — Senhor, posso fazer uma pergunta? Anteriormente, tinha-me dito que seriam dois trabalhos. Tenho de fazer uma pesquisa genealógica; tenho de ler dois capítulos; e tenho de escrever três cópias acerca da informação relativa a Benedito Espinosa.

— Exatamente! — replicou o diretor. — E qual é a sua pergunta?

— Senhor, não se tratará antes de três trabalhos, em vez de dois?

— Rosenberg, — interpôs o *Herr Schäfer*, — mesmo que se tratasse de vinte trabalhos, seria uma clemência. O facto de chamar inapto ao seu diretor, para a posição por ele desempenhada, só por ele ser judeu, é um motivo suficiente para o senhor ser expulso de qualquer escola em toda a Estónia, ou até mesmo na terra pátria.

— Sim, senhor.

— Espere, *Herr Schäfer*, talvez o rapaz tenha razão. O trabalho sobre Goethe é de tal forma importante que eu quero que ele o faça com toda a minúcia possível. — O Diretor Epstein voltou-se para Alfred. — Está dispensado de realizar o projeto de pesquisa genealógica. Concentre-se unicamente nas palavras de Goethe. O encontro está encerrado. Encontrar-nos-emos aqui, precisamente, dentro de duas semanas. À mesma hora. E certifique-se de me entregar as suas cópias do trabalho escrito no dia antes.



CINCO

AMESTERDÃO — 1656

— **B**om-dia, Gabriel — disse Bento, ao ouvir o irmão a lavar-se, para os preparativos da cerimónia do sabat. Gabriel limitou-se a soltar um grunhido em sinal de resposta e voltou a entrar no quarto de ambos, onde se sentou pesadamente na cama imponente de quatro colunas que partilhavam. A cama, que ocupava a maior parte do espaço existente no quarto, era o único bem familiar que lhes restava do passado.

O pai deles, Michael, tinha deixado todas as possessões da família entregues a Bento, o filho mais velho, mas as duas irmãs de Bento formularam um protesto contra o testamento do pai, com o fundamento de que ele não se tinha comportado como um verdadeiro membro da comunidade judaica. Embora o tribunal judeu tivesse decidido a favor de Bento, este deixou todos estupefactos ao devolver, de imediato, todos os bens da família às suas irmãs, guardando apenas para ele uma única coisa — a cama de quatro colunas que pertencera aos seus pais. Depois do casamento das suas duas irmãs, ele e Gabriel ficaram sozinhos na encantadora casa branca de três andares que a família Espinosa tinha alugado há décadas. O edifício dava para a Avenida Houtgracht, ficando perto dos sempre movimentados cruzamentos da região judaica de Amesterdão, a apenas um quarteirão de distância da pequena Sinagoga de Beth Jacob e das salas de aulas adjacentes.

Bento e Gabriel decidiram, com alguma tristeza, mudar-se. Com a partida das irmãs, a velha casa era demasiado grande e demasiado assombrada pelas imagens dos mortos. Assim como demasiado cara — a guerra anglo-holandesa de 1652, bem como os assaltos piratas de navios oriundos do Brasil, foram desastrosos para o negócio de importações dos Espinosa, forçando os irmãos a alugarem uma pequena casa, que ficava apenas a cinco minutos, a pé, da loja que possuíam.

Bento olhou prolongadamente para o irmão. Quando Gabriel era ainda uma criança, as pessoas chamavam-lhe, frequentemente, “pequeno Bento”, uma vez que tinham o mesmo rosto comprido e oval, os mesmos

olhos penetrantes de coruja e o mesmo nariz robusto. Contudo, atualmente, o físico já completamente constituído de Gabriel era dezoito quilos mais pesado do que o seu irmão mais velho, tinha cerca de treze centímetros a mais de altura e era muito mais forte. E os seus olhos já não pareciam estar sempre a fixar um ponto à distância.

Em silêncio, os dois irmãos sentaram-se lado a lado. Normalmente, Bento costumava apreciar o silêncio e sentia-se à vontade em partilhar as refeições com Gabriel, ou a trabalhar com ele na loja, sem trocarem uma única palavra. Mas aquele silêncio era opressivo e despertava sentimentos obscuros. Bento pensava na irmã, Rebekah, que, no passado, sempre fora tagarela e animada. Agora, também ela lhe respondia com silêncio e desviava o olhar de cada vez que se cruzava com ele na rua.

E silenciosos, também, estavam todos os mortos, todos aqueles que haviam morrido embalados por aquela cama: a sua mãe, Hanna, que tinha falecido há dezassete anos, quando ele tinha acabado de fazer seis anos; o seu irmão mais velho, Isaac, que morrera há seis anos; a sua madrastra, Esther, falecida há três; assim como o seu pai e a sua irmã, Miriam, há apenas dois anos. Dos seus irmãos — aquele bando barulhento, cheio de vivacidade, que brincava, se disputava e fazia as pazes, que chorou pela mãe e que, lentamente, aprendeu a amar a madrastra — restavam apenas Rebekah e Gabriel, e estavam ambos rapidamente a afastar-se dele.

Olhando de relance para o rosto rechonchudo e pálido de Gabriel, Bento resolveu quebrar o silêncio: — Voltaste a dormir mal, Gabriel? Senti-te a dar voltas na cama.

— Sim, voltei. Mas, como posso eu dormir descansado, Bento? Atualmente, nada nos corre bem. O que achas que poderemos fazer? Detesto os problemas entre nós. Hoje, de manhã, estou a vestir-me para o sabat. Pela primeira vez, esta semana, o Sol brilha; o céu, lá no alto, está azul; e eu devia sentir-me feliz, como todos os outros, tal como os nossos vizinhos, um pouco por toda a parte. Mas, em vez disso, por causa do meu próprio irmão — perdoa-me, Bento, mas se não falar, vou explodir —, por tua causa a minha vida é miserável. Não sinto qualquer alegria em ir até à minha própria sinagoga, para me juntar ao meu próprio povo e rezar ao meu próprio Deus.

— Fico triste por saber disso, Gabriel. Tudo o que eu desejo é a tua felicidade.

— As palavras são uma coisa. As ações outra...

— Quais ações?

— Quais ações!? — exclamou Gabriel. — E pensar que, durante tanto tempo, durante toda a minha vida, eu costumava acreditar que tu sabias tudo. Se fosse outra pessoa qualquer a fazer-me essa pergunta, eu teria res-

pondido: “Deves estar a brincar!” Mas acontece que eu sei que tu nunca brincas. Por isso, de certeza que *sabes* a que ações eu me estou a referir.

Bento suspirou.

— Bem, comecemos pela ação de rejeitares os costumes judaicos, e pela de até rejeitares a tua própria comunidade. E depois, a ação de desonrares o sabbat. E a de te afastares da sinagoga e de não teres efetuado, praticamente, qualquer donativo este ano — é a esse tipo de ações que eu me refiro.

Gabriel olhava para Bento, que continuava em silêncio.

— Vou dar-te mais exemplos de ações, Bento. Mesmo ontem à noite, a ação de recusares o jantar do sabbat em casa da Sarah. Tu sabes que eu vou casar com ela, não obstante, não unes as duas famílias ao juntares-te a nós durante o sabbat. Consegues imaginar como isso me faz sentir? Como faz sentir a nossa irmã, Rebekah? Que tipo de desculpas podemos apresentar às pessoas? Podemos dizer que o nosso irmão prefere ter aulas de latim com o seu amigo jesuíta?

— Gabriel, é melhor para o bem-estar de todos que eu não vá. E tu sabes disso. Tu sabes que o pai da Sarah é supersticioso.

— Supersticioso?

— Queria dizer extremo ortodoxo. Tu já assististe como a minha presença o incita para querelas de índole religiosa. Já viste como qualquer resposta da minha parte apenas semeia mais discórdia e mais dor para ti e para a Rebekah. A minha ausência é para o bem da paz — e quanto a isso não tenho quaisquer dúvidas. A minha ausência proporciona paz a ti e à Rebekah. E cada vez mais penso nesse equilíbrio.

Gabriel abanava a cabeça. — Bento, recordas-te de quando eu era criança, e às vezes me assustava porque pensava que o mundo ia desaparecer se eu fechasse os olhos? Tu corrigiste a minha forma de ver as coisas. Tranquilizaste-me acerca da realidade e das leis eternas da Natureza. Contudo, agora, estás a cometer o mesmo erro. Tu pensas que a discórdia em relação a Bento Espinosa vai desaparecer se ele não estiver presente para a testemunhar?

— Ontem à noite foi muito doloroso — continuou Gabriel. — O pai da Sarah começou a refeição a falar sobre ti. Uma vez mais, estava furioso por tu teres ignorado o nosso tribunal judeu local e por teres entregado o teu processo penal ao tribunal civil holandês. Não há memória, disse ele, de alguém ter insultado o tribunal rabínico dessa forma. É quase um motivo para a excomunhão. É isso que tu pretendes? Um *cherem*¹³? Bento, o nos-

¹³ O mais alto grau de punição, em que a pessoa é excluída da comunidade judaica. (N. do T.)

so pai está morto; o nosso irmão mais velho está morto. Tu és o chefe da família. Todavia, insultas-nos a todos ao decidires voltar-te para o tribunal holandês. E depois, a tua escolha do momento certo! Não poderias, ao menos, ter esperado que o casamento se realizasse?

— Gabriel, eu já te expliquei, vezes sem conta, mas tu não me ouviste. Ouve-me novamente, para que fiques a par de todos os factos. E, acima de tudo, por favor, tenta compreender que eu encaro a minha responsabilidade por ti e pela Rebekah com toda a seriedade. Presta atenção ao meu dilema. O nosso pai, abençoado seja, era um homem generoso. Mas cometeu um erro de julgamento ao responsabilizar-se por uma promissória que se encontrava em poder daquele usurário ganancioso, chamado Duarte Rodriguez, em nome da desolada viúva Henriques. O marido dela, Pedro, não passava de um simples conhecimento do nosso pai, nem sequer era um parente ou, tanto quanto sei, um amigo íntimo. Nenhum de nós chegou a conhecê-lo, nem à mulher dele, e continua a ser um mistério o motivo pelo qual o nosso pai resolveu assumir a responsabilidade daquela promissória. Mas tu sabes como o pai era — quando via que as pessoas estavam com problemas, ele estendia ambas as mãos para as ajudar, sem pensar nas consequências. Quando a viúva e o seu único filho morreram devido à peste, no ano passado, deixando a dívida por pagar, Duarte Rodriguez — esse judeu devoto, que se senta na *bimah*¹⁴ da sinagoga e é o proprietário de quase metade das casas da Jodenbreestraat — tentou transferir a sua perda para o nosso nome, pressionando o tribunal rabínico a exigir que a pobre família Espinosa pagasse a dívida de alguém que nenhum de nós chegou alguma vez a conhecer.

Bento fez uma pausa... e depois continuou: — Tu tens conhecimento disso, não tens, Gabriel?

— Tenho, mas...

— Deixa-me concluir, Gabriel. É importante que tu fiques a par de todos os factos. Visto que, um dia, podes vir a ser o chefe da família. Então, esse tal Rodriguez apresentou a dívida ao tribunal judeu, um tribunal que é composto por vários membros que procuram obter favores de Rodriguez, uma vez que ele é o maior doador da sinagoga. Diz-me uma coisa, Gabriel: iriam eles pensar em agir contra a vontade dele e desagradar-lhe? Quase de imediato, o tribunal determinou que a família Espinosa deveria assumir a responsabilidade do montante total da dívida. E trata-se de uma dívida que iria esgotar por completo os recursos que possuímos para o resto das nossas vidas. E, o pior de tudo, também ficou determinado que a herança

¹⁴ Lugar elevado dentro de uma sinagoga judaica, uma espécie de tribuna ou púlpito, onde a pessoa responsável pela leitura da Tora se coloca. (N. do T.)

que a nossa mãe nos deixou seria utilizada para pagar a dívida a Rodriguez. Consegues entender tudo isto que te estou a tentar explicar, Gabriel?

Depois de um acenar de cabeça relutante por parte de Gabriel, Espinosa continuou: — Por isso, há três meses, voltei-me para a lei holandesa, por ser mais justa. Por um lado, o nome Duarte Rodriguez não tem qualquer influência sobre os tribunais holandeses. Por outro lado, a lei holandesa determina que o chefe de família deve ter vinte e cinco anos de idade, para que assim possa ser responsabilizado por uma dívida daquele género. Visto eu ainda não ter completado os vinte e cinco anos, a nossa família pode vir a ser liberta dessa dívida. Não temos de aceitar as dívidas que eram propriedade do nosso pai, e, para além disso, poderemos receber o dinheiro que nos foi deixado em herança pela nossa mãe. E por nós, eu quero dizer tu e a Rebekah — pois tenciono reverter a totalidade da parte a que tenho direito a teu favor. Não tenho qualquer família nem necessidade de dinheiro.

— E mais uma coisa... — continuou Bento. — Acerca da minha escolha do momento certo. Uma vez que o meu vigésimo quinto aniversário acontece *antes* do vosso casamento, tive de agir de *mediato*. Agora, diz-me uma coisa: não estás a ver que estou a agir de uma forma responsável para com a nossa família? Não dás valor à liberdade? Se eu não tivesse empreendido qualquer tipo de ação, teríamos ficado servos para o resto das nossas vidas. É isso que tu pretendes?

— Prefiro deixar o assunto nas mãos de Deus. Não tens o direito de desafiar a lei da nossa comunidade religiosa. E quanto à servidão, prefiro isso ao ostracismo. Além disso, o pai da Sarah falou de outros assuntos, e não apenas do processo penal. Queres ouvir as outras coisas que ele disse?

— Acho que tu mas queres contar.

— Ele disse que o “problema Espinosa”, pois é assim que ele o designa, já remonta há muitos anos, até ao dia da tua impertinência durante a preparação para o teu *bar mitzvah*¹⁵. Ele recordou que o Rabino Mortera te favoreceu em relação a todos os outros alunos. Que chegou a pensar em ti como o seu possível sucessor. E depois disso, tu designaste a história bíblica de Adão e Eva como sendo uma “fábula”. O pai da Sarah disse que quando o rabino te repreendeu, por teres negado a palavra de Deus, tu lhe respondeste: “A Tora é confusa, pois se Adão foi o primeiro homem a ser criado, com quem é que o seu filho, Caim, se casou na realidade?” Tu afirmaste isso, Bento? É verdade que disseste que a Tora era “confusa”?

— É verdade que a Tora diz que Adão foi o primeiro homem a existir. E é verdade que diz que o seu filho, Caim, se casou. Evidentemente, temos

¹⁵ Ritual religioso judaico, bem como uma celebração familiar, que assinala a passagem à idade adulta de um rapaz, quando este completa treze anos de idade. (N. do T.)

todo o direito de colocar a pergunta mais óbvia de todas: se Adão foi o primeiro homem, então, como poderia ter existido alguém para se casar com Caim? Esta questão — que é designada de “questão pré-adamita” — tem vindo a ser discutida em estudos bíblicos há mais de mil anos. Por isso, se me perguntares se se trata de uma fábula, tenho de te responder que “sim” — é óbvio que essa história não passa de uma metáfora.

— Tu dizes isso porque não a compreendes. Será a tua sabedoria superior à de Deus? Tu não sabes que existem razões pelas quais nós não podemos conhecer a verdade e, por esse motivo, temos de confiar nos nossos rabinos para interpretarem, ou esclarecerem, as Sagradas Escrituras?

— Essa conclusão é extraordinariamente vantajosa para os rabinos, Gabriel. Ao longo dos tempos, os profissionais da religião sempre tentaram ser os únicos intérpretes dos mistérios. E isso é-lhes de uma grande utilidade!

— O pai da Sarah disse que esta tua insolência, em questionares a Bíblia e os nossos líderes religiosos, é ofensiva e perigosa — não apenas para os judeus como também para a comunidade cristã. Para estes, a Bíblia também é sagrada.

— Gabriel, acreditas que deveríamos renunciar à lógica, renunciar ao nosso direito de nos colocarmos perguntas?

— Eu não ponho em causa o *teu* direito pessoal à lógica nem o *teu* direito de duidares da lei rabínica. Não estou a pôr em causa o *teu* direito de duidares da santidade da Bíblia. De facto, nem sequer ponho em causa o teu direito de enfureceres Deus. É um assunto que só a ti diz respeito. Talvez seja uma doença que tu tens. Mas estás a prejudicar-nos, a mim e à tua irmã, ao recusares-te a guardar as tuas opiniões só para ti.

— Gabriel, essa conversa acerca de Adão e Eva com o Rabino Mortera aconteceu há mais de dez anos. Depois disso, mantive as minhas opiniões só para mim. Mas, há cerca de dois anos, fiz um juramento, o de conduzir a minha vida de um modo sagrado, o qual me obriga a nunca mais voltar a mentir. E, por esse motivo, se me perguntarem qual é a minha opinião, dá-la-ei com toda a sinceridade — e foi *por isso* que declinei o jantar com o pai da Sarah. Mas, acima de tudo, Gabriel, lembra-te de que somos almas independentes. Existem pessoas que não te confundem comigo. Não te responsabilizam pelas aberrações do teu irmão mais velho.

Gabriel saiu do quarto a abanar a cabeça e a resmungar: — O meu irmão mais velho fala como se fosse uma criança.

SEIS

ESTÓNIA — 1910

Três dias mais tarde, um pálido e agitado Alfred teve uma reunião com o *Herr Schäfer*.

— Estou com um problema, senhor — começou Alfred, enquanto abria o saco dos livros e retirava a autobiografia com setecentas páginas de Goethe, com vários pedaços de papéis irregulares que saíam por entre as páginas. Abriu-o na primeira marca assinalada no livro e apontou para o texto.

— Senhor, Goethe faz referência a Espinosa aqui, nesta linha. E, depois, volta a fazê-lo aqui, umas quantas linhas mais à frente. Mas acontece que existem vários parágrafos em que o nome não é mencionado, e eu não consigo perceber se ele está a referir-se a Espinosa ou não. Na verdade, não consigo perceber a maior parte do que ele escreve. É muito difícil. — Vira umas quantas páginas e aponta para outra secção: — Aqui acontece a mesma coisa. Ele menciona Espinosa duas ou três vezes e, depois, escreve quatro páginas sem voltar a referir-se a ele. Tanto quanto me apercebi, não é claro se ele está a falar de Espinosa ou não. E também fala de alguém chamado Jacobi. E isso acontece em mais quatro locais diferentes. Eu compreendi o *Fausto* quando o lemos na sua aula, e compreendi *A Paixão do Jovem Werther*¹⁶, mas aqui, neste livro, não consigo compreender uma única página.

— É muito mais fácil ler Chamberlain, não é verdade? — De imediato, o *Herr Schäfer* lamentou o seu sarcasmo e apressou-se a acrescentar, com um tom de voz mais simpático: — Eu sei que pode não conseguir captar o significado de todas as palavras de Goethe, Rosenberg, mas tem de compreender que não se trata de um trabalho minuciosamente organizado, mas sim de um conjunto de reflexões acerca da vida dele. Já alguma vez elaborou um diário sobre si, ou escreveu acerca da sua própria vida?

Alfred anuiu. — Há cerca de dois anos, mas apenas o fiz durante alguns meses.

¹⁶ Também conhecido sob o título de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. (N. do T.)

— Pois muito bem, considere esta obra como se fosse uma espécie de diário. Goethe escreveu-o tanto para ele como para o leitor. Acredite no que lhe digo, quando for mais velho, e conhecer um pouco mais as ideias de Goethe, irá compreender e apreciar ainda melhor as palavras dele. Deixe-me ver o livro.

Depois de ter analisado as páginas que haviam sido marcadas por Alfred, o *Herr Schäfer* disse: — Estou a ver qual é o problema. Está a levantar uma questão legítima, e vou ter de rever a sua tarefa. Analisemos estes dois capítulos em conjunto. — Com as cabeças ao lado uma da outra, o *Herr Schäfer* e Alfred leram atentamente toda a extensão do texto e, num bloco de apontamentos, o *Herr Schäfer* registou um conjunto de páginas e de números de linhas.

Depois de entregar o bloco de apontamentos a Alfred, disse-lhe: — Aqui está o que o senhor tem de copiar. Mas recorde-se, são três cópias em letra bem legível. Mas existe um problema... Trata-se apenas de vinte ou vinte e cinco linhas, e é uma tarefa tão pequena — comparada com a que o diretor originalmente lhe atribuiu — que duvido que ele vá ficar satisfeito. Por esse motivo, tem de acrescentar algo mais: memorize esta versão resumida, e relate-a aquando do nosso encontro com o Diretor Epstein. Acho que ele irá considerar o trabalho aceitável.

Alguns segundos mais tarde, ao aperceber-se de um franzir de sobrancelhas no rosto de Alfred, o *Herr Schäfer* acrescentou: — Rosenberg, apesar de eu não gostar dessa mudança em si — esse disparate das raças superiores —, continuo a estar do seu lado. Ao longo dos últimos quatro anos, o senhor revelou ser um ótimo e obediente estudante — no entanto, tal como já lhe disse por diversas vezes, poderia ter sido muito mais aplicado. Seria uma tragédia, para si mesmo, se arruinasse as possibilidades do seu futuro ao não se conseguir formar. — Deixou o rapaz absorver aquelas palavras. — Coloque todo o seu coração nesse trabalho. O Diretor Epstein vai querer mais do que uma simples cópia e uma exposição. Ele vai estar à espera de que o senhor tivesse compreendido a leitura. Por isso, aplique-se, Rosenberg. Quanto a mim, o meu desejo é o de vê-lo formar-se.

— Ainda tenho de lhe entregar a minha cópia antes de redigir as outras duas?

O coração do *Herr Schäfer* quase teve um ataque ao ouvir a resposta mecânica de Alfred, mas limitou-se a responder-lhe: — Se seguir as instruções que anotei no bloco de apontamentos, não será necessário.

Quando Alfred já se começava a afastar, o *Herr Schäfer* chamou-o. — Rosenberg, há cerca de um minuto, aproximei-me de si e disse-lhe que era um ótimo estudante e que desejava vê-lo formar-se. Não encontrou qualquer tipo de resposta para me dar? Apesar de tudo, eu fui seu professor nos últimos quatro anos.

- Sim, senhor.
- Sim, senhor!?
- Não sei que possa dizer-lhe.
- Está bem, Alfred, pode ir embora.

O *Herr Schäfer* enfiou na pasta alguns trabalhos de alunos que ainda não tinha lido, afastou Alfred do pensamento, e, em vez dele, pensou nos seus dois filhos, na sua mulher e no jantar de *spaetzle* e *verivorst*¹⁷ que ela tinha prometido fazer para a noite.

Alfred saiu num estado de grande confusão, relativamente ao trabalho que tinha para fazer. Teria ele piorado as coisas? Ou teria tido uma oportunidade? Afinal de contas, a memorização era algo que fazia com facilidade. Gostava de memorizar passagens para apresentações dramáticas e discursos.

Duas semanas mais tarde, Alfred estava sentado ao fundo de uma das extremidades da mesa comprida do *Herr Epstein*, à espera de instruções por parte do diretor, que, naquele dia, parecia maior e mais feroz do que das outras vezes. O *Herr Schäfer*, bastante mais pequeno, com um rosto sério, fez um sinal a Alfred para que este desse início à sua exposição. Dando uma última vista de olhos à sua cópia das palavras de Goethe, Alfred levantou-se e anunciou: — Segundo a autobiografia de Goethe —, e depois começou:

— “A mente que tão decididamente me entusiasmou e que teve uma tão grande influência sobre a minha forma de pensar foi Espinosa. Depois de ter procurado, em vão, um pouco por todos os cantos do mundo, um meio de cultivar a minha estranha natureza, por fim, acabei por descobrir a *Ética* deste homem. Foi aí que descobri um calmante para as minhas paixões; pareceu abrir-se-me um vasto e independente ponto de vista acerca do mundo material e mortal.”

— Diga-me, Rosenberg... — interrompeu o diretor. — O que foi que Goethe aprendeu com Espinosa?

— Aah... Terá sido a *ética* dele?

— Não, não. Meu Deus, não percebeu que *Ética* é o nome do livro de Espinosa? O que diz Goethe ter aprendido com o livro de Espinosa? O que acha que ele quer dizer com a frase: “um calmante para as minhas paixões”?

— Algo que o deixava mais calmo?

— Sim, tem a ver com isso. Mas, por agora, continue — essa ideia irá de novo aparecer daqui a pouco tempo.

¹⁷ *Spaetzle* é uma massa com um aspeto semelhante ao das tiras das massas orientais. *Verivorst* é um género de enchidos de sangue, semelhante à morcela portuguesa. (N. do T.)

Alfred recitou para si mesmo durante um instante, para se situar no ponto em que se encontrava, e recomeçou:

— “Mas, aquilo que, em particular, me cativou em Espinosa foi o interesse sem limites que sobressaía...”

— Desinteresse... e não interesse! — bradou o Diretor Epstein, que estava a seguir cada palavra do relato, com toda a atenção, nas suas notas. — “Desinteresse” significa não estarmos ligados emocionalmente.

Alfred anuiu e continuou:

— “Mas aquilo que, em particular, me cativou em Espinosa foi o desinteresse sem limites que sobressaía de cada uma das suas palavras. Aquela expressão maravilhosa: ‘Aquele que ama Deus adequadamente não deve desejar que Deus o ame de volta,’ com todas as premissas em que se baseia e todas as consequências que daí possam advir, preencheu toda a minha capacidade de pensamento.”

— É uma passagem difícil — disse o diretor. — Permita-me explicar-lha. Goethe está a dizer que Espinosa o ensinou a libertar a mente da influência provocada pelos outros. Para que ele pudesse encontrar os seus próprios sentimentos e as suas próprias conclusões, para depois poder agir em conformidade. Por outras palavras, deixe o seu amor fluir, e não o deixe ser influenciado pela ideia do amor que possa vir a receber em troca. Poderíamos aplicar esta mesma ideia aos discursos de eleição. Teria Goethe feito um discurso baseado na admiração que poderia vir a receber dos outros? Claro que não! Nem sequer teria dito aquilo que os outros quisessem ouvi-lo dizer. Está a compreender? Consegue perceber esta ideia?

Alfred anuiu. Aquilo que ele estava realmente a compreender era que o Diretor Epstein se sentia profundamente ressentido com ele. Esperou até o diretor lhe fazer um sinal para que continuasse.

— “Além do mais, não podemos negar que as relações de maior proximidade provêm dos opostos. A perfeita harmonia de calma de Espinosa encontrava-se em forte contraste com a minha grande atividade perturbadora. O seu método matemático era o oposto dos meus sentimentos poéticos. A sua forma disciplinada de pensamento fez de mim o seu discípulo mais apaixonado, o seu adorador mais determinado. A mente e o coração, o discernimento e o sentimento, procuraram-se mutuamente com uma necessária afinidade e, por esse motivo, deu-se a união das duas naturezas mais díspares.”

— O senhor sabe o que ele quer dizer com as duas naturezas díspares, Rosenberg? — perguntou o Diretor Epstein.

— Acho que ele se está a referir à mente e ao coração...

— Exatamente! E qual delas pertence a Goethe e qual a Espinosa?

Alfred parecia baralhado.

— Isto não se trata apenas de um exercício de memória, Rosenberg! Eu quero que o senhor compreenda essas palavras. Goethe é um poeta. Por isso, quem é ele, a mente ou o coração?

— Ele é o coração. Mas também possuía uma grande mente.

— Ah, sim... Agora, estou a perceber a sua confusão. Mas, nessa passagem, ele está a dizer que Espinosa lhe proporciona o equilíbrio que lhe permite colocar em harmonia a sua paixão e a sua imaginação arrebatadora com as necessárias calma e razão. E é por isso que Goethe se diz ser o “adorador mais determinado” de Espinosa. Está a compreender?

— Sim, senhor.

— Agora, continue.

Alfred hesitou, revelando um sinal de pânico no olhar. — Perdi-me... Já não sei bem onde íamos.

— Está a sair-se lindamente — interrompeu o *Herr Schäfer*, num esforço para o tentar acalmar. — Nós sabemos que é difícil fazer uma apresentação com tantas interrupções. Pode consultar as suas notas para ver de que passagem estava a falar.

Alfred inspirou fundo, deu uma rápida vista de olhos pelas notas e continuou:

— “Alguns têm descrito este homem como sendo um ateu e têm-no considerado condenável, mas também admitiram que ele era um homem calmo e ponderado, um bom cidadão, uma pessoa compreensiva. Por isso, os críticos de Espinosa parecem ter esquecido as palavras do Evangelho: ‘Pelos seus frutos, conhecê-los-eis’; pois como poderá uma vida, que agrada aos homens e a Deus, derivar de princípios corruptos? Continuo a recordar-me da calma e da clareza que se apossaram de mim quando, pela primeira vez, folheei as páginas da *Ética* desse homem tão notável. Por esse motivo, recomecei rapidamente o meu trabalho, o qual já estava bastante atrasado, e senti uma vez mais aquela atmosfera de calma a pairar sobre mim. Entreguei-me por completo àquela leitura e pensei, quando olhei para dentro de mim, que nunca antes tinha conseguido observar o mundo com tanta clareza.”

Alfred expirou profundamente à medida que acabava a última linha. O diretor fez-lhe sinal para que retomasse o seu lugar e comentou: — A sua exposição foi satisfatória. O senhor tem uma boa memória. Agora, analisemos a sua compreensão relativamente ao último excerto por si apresentado. Diga-me, Goethe pensa que Espinosa é um ateu?

Alfred abanou a cabeça negativamente.

— Não ouvi bem a sua resposta.

— Não, senhor — disse Alfred, em voz alta. — Goethe não pensava que Espinosa fosse um ateu. Mas havia quem pensasse isso dele.

— E por que motivo Goethe não concordava com eles?
— Por causa da sua ética?
— Não, não. Já se esqueceu que *Ética* é o nome do livro de Espinosa? Outra vez, por que motivo Goethe não concordava com os críticos de Espinosa? Alfred estremeceu e ficou em silêncio.
— Meu Deus, Rosenberg, olhe para os seus apontamentos — disse o diretor.

Alfred escrutinou o último parágrafo e resolveu arriscar: — Porque ele era bom e levava uma vida que agradava a Deus?

— Exatamente! Por outras palavras, não é aquilo em que acreditamos, ou dizemos acreditar, mas sim o modo como vivemos que é importante. Agora, Rosenberg, uma última pergunta acerca dessa passagem. Diga-nos uma vez mais, o que recebeu Goethe de Espinosa?

— Ele disse que recebeu uma atmosfera de paz e de calma. E também diz que observa o mundo com muito mais clareza. Essas foram as duas coisas mais importantes.

— Exatamente! Nós sabemos que o grande Goethe transportou uma cópia da *Ética* de Espinosa, dentro do bolso, durante um ano. Imagine só... um ano inteiro! E não foi apenas Goethe, mas muitos outros alemães eminentes. Lessing e Heine relataram uma clareza e uma calma que lhes tinha acontecido por terem lido esse livro. Quem sabe... Pode vir a acontecer uma altura na sua vida em que o senhor, também, venha a necessitar da calma e da clareza que a *Ética* de Espinosa proporciona. Não lhe vou pedir que leia esse livro agora. O senhor é demasiado novo para conseguir captar todo o seu significado. Mas quero que me prometa que, antes de completar o seu vigésimo primeiro aniversário, o vai ler. Ou, talvez eu deva dizer, leia-o quando já for completamente adulto. Como bom alemão que é, dá-me a sua palavra de que o irá fazer?

— Sim, senhor, dou-lhe a minha palavra. — Alfred teria prometido ler toda a enciclopédia em chinês só para sair daquele interrogatório.

— Agora, passemos ao cerne da sua tarefa. Está completamente consciente do motivo pelo qual lhe atribuímos este trabalho escrito?

— Aah... Não, senhor. Eu pensei que fosse por eu ter dito que admirava Goethe acima de todos os outros.

— Certamente que, em parte, foi por essa razão. Mas tem a certeza que compreendeu qual foi, de facto, a minha verdadeira pergunta?

Alfred parecia desorientado.

— Estou a perguntar-lhe: que significado tem para si que o homem que o senhor admira, acima de todos os outros, escolha um judeu como o homem que ele admira acima de todos os outros?

— Um judeu!?

— O senhor não sabia que Espinosa era judeu?

Houve um momento de silêncio.

— O senhor não descobriu nada acerca dele nestas duas últimas semanas?

— Senhor, eu nada sei acerca de Espinosa. Isso não fazia parte da minha tarefa.

— E por assim ser, graças a Deus, o senhor evitou o desagradável passo de ter de aprender algo adicional. Foi isso que aconteceu, Rosenberg?

— Deixe-me colocar a questão desta forma — interveio o *Herr Schäfer*.

— Pense em Goethe. O que teria ele feito perante uma situação idêntica? Se tivessem pedido a Goethe que lesse a autobiografia de alguém que ele desconhecesse, o que teria ele feito?

— Ter-se-ia informado acerca dessa pessoa.

— Exatamente! Isso é importante. Quando o senhor admira alguém, tem de o emular. Servir-se dele como seu guia.

— Obrigado, senhor.

— Ainda assim, continuemos com a minha pergunta — disse o Diretor Epstein. — Como explica a admiração sem limites de Goethe e a gratidão dele para com um judeu?

— Goethe sabia que ele era judeu?

— Meu Deus! Claro que sabia!!

— Mas, Rosenberg, — disse o *Herr Schäfer*, que também já estava a ficar impaciente, — pense na sua pergunta. Que importância tem o facto de ele saber, ou não, que Espinosa era judeu? Por que razão haveria o senhor de fazer essa pergunta? Acha que um homem com o estatuto de Goethe — foi você mesmo quem o apelidou de génio universal — não iria adotar ideias grandiosas, independentemente da origem das mesmas?

Alfred parecia estar atordoado. Nunca antes havia sido sujeito a uma tamanha tempestade de ideias. O Diretor Epstein colocou a mão em cima do braço do *Herr Schäfer* para o acalmar, mas não se compadeceu com Rosenberg.

— A principal questão que lhe coloquei ainda continua sem uma resposta: como explica que o génio universal alemão se sinta tão ajudado pelas ideias de um membro pertencente a uma raça inferior?

— Talvez seja a mesma resposta que eu dei relativamente ao Dr. Apfelbaum. Talvez, devido a uma mutação, possa existir um bom judeu, embora a raça seja corrupta e inferior.

— Isso não é uma resposta aceitável — retorquiu o diretor. — Uma coisa é falarmos de um médico, que é simpático e exerce a profissão por ele escolhida com êxito; outra coisa, completamente diferente, é falarmos do mesmo modo de um génio que pode ter mudado o curso da História.

E existem muitos outros judeus cujo gênio é bem conhecido. Pense neles. Permita-me recordar-lhe o nome daqueles que o senhor conhece, mas que talvez não saiba que são judeus. O *Herr Schäfer* disse-me que nas aulas recitaram a poesia de Heinrich Heine. Também me disse que o senhor gosta de música, e suponho que já tenha ouvido a música de Gustav Mahler, e de Felix Mendelssohn. Estou certo?

— Eles são judeus, senhor?

— Sim, e também deve saber que Disraeli, o notável primeiro-ministro de Inglaterra, era judeu.

— Não tinha conhecimento disso, senhor.

— Sim. E, neste preciso momento, em Riga, estão a exhibir a ópera *Os Contos de Hoffmann*, da autoria de Jacob Offenbach, outro descendente da raça judaica. São tantos os gênios! Qual é a sua explicação?

— Não sei como responder a essa pergunta. Vou ter de pensar no assunto. Por favor, posso ir embora, senhor? Não me estou a sentir bem. Prometo que vou pensar no assunto.

— Sim, pode ir embora — respondeu o diretor. — Mas quero que pense sobre muitas coisas. Pensar faz-nos bem. Pense na conversa que tivemos hoje. Pense em Goethe e no judeu, Espinosa.

Depois de Alfred ter saído, o Diretor Epstein e o *Herr Schäfer* ficaram a olhar um para o outro durante alguns instantes, até que o diretor decidiu falar. — Ele diz que vai pensar, Hermann. Quais são as probabilidades de ele ir mesmo pensar?

— Muito próximas do zero, será esse o meu palpite — respondeu o *Herr Schäfer*. — Vamos dar-lhe o diploma de formatura para assim nos podermos ver livres dele. O rapaz tem uma falta de curiosidade que, muito provavelmente, nunca terá cura. Se nos pusermos a escavar ainda mais o interior da sua mente, só iremos encontrar um leito rochoso de convicções sem quaisquer fundamentos.

— Concordo consigo. Não tenho dúvida alguma de que Goethe e Espinosa estão, neste preciso momento, a afastar-se rapidamente dos pensamentos de Rosenberg, e nunca mais o voltarão a incomodar. Apesar disso, sinto-me aliviado pelo que acabou de acontecer. Os meus receios foram acalmados. Este jovem não possui a inteligência, nem a força de espírito, para provocar quaisquer estragos, influenciando outros com a sua forma de pensar.

SETE

AMESTERDÃO — 1656

Bento olhava fixamente para o exterior da janela, vendo o seu irmão a caminhar na direção da sinagoga. *O Gabriel tem razão; eu estou a prejudicar aqueles que me são mais chegados. As minhas escolhas são horrendas — ou me retraio, desistindo da minha natureza mais íntima e agrilhoando a minha curiosidade, ou vou fazer mal àqueles que me são mais próximos.* O relato de Gabriel acerca da raiva em relação à sua pessoa, manifestada no jantar do sabat, fê-lo pensar no aviso paternal de van den Enden, acerca dos perigos crescentes que Bento enfrentava no seio da comunidade judaica. Pensou em estratégias de fuga da armadilha em que se encontrava, durante cerca de uma hora, depois, levantou-se, vestiu-se, fez café e, saindo pela porta das traseiras com a chávena na mão, foi até à Loja de Importações e Exportações Espinosa.

Aí chegado, limpou o pó e varreu a sujidade para a rua através da porta da frente. Depois, esvaziou um enorme saco com deliciosos figos secos — um novo carregamento que tinha vindo de Espanha — para dentro de uma caixa. Sentando-se no habitual lugar junto da janela, Bento começou a bebericar o café, mordiscou uns quantos figos e concentrou-se nos devaneios que lhe ocorriam à mente. Ultimamente, ele tinha andado a praticar a meditação, em que se desligava do seu fluxo de pensamentos e via a sua mente como um teatro, e a si próprio como um dos espetadores da audiência que assistiam ao espetáculo que se estava a desenrolar. O rosto de Gabriel, com toda a sua tristeza e confusão, apareceu imediatamente em cima do palco, mas Bento tinha aprendido a baixar o pano e a passar ao ato seguinte. Pouco tempo depois, van den Enden materializou-se. Elogiou os progressos de Bento em latim, ao mesmo tempo que lhe apertava levemente o ombro, de um modo paternal. Aquele toque — Bento gostava do efeito que o mesmo lhe provocava. *Mas, agora, pensou Bento, com a Rebekah e também o Gabriel a afastarem-se de mim, quem voltará a tocar-me?*

Então, a mente de Bento flutuou até uma imagem em que ele estava a

dar aulas de hebraico ao seu professor e a Clara Maria. Sorriu, enquanto ensinava aos seus dois alunos, como se fossem crianças, o *aleph, bet, gimme*¹⁸, e sorriu ainda mais perante a imagem de Clara Maria a ensinar-lhe, por sua vez, o *alfa, beta, gamma* do alfabeto grego. Apercebeu-se da qualidade resplandecente, quase luminosa, da imagem de Clara Maria... Clara Maria, aquela aparição com treze anos de idade, com as costas arqueadas, aquela mulher-criança, cujo sorriso endiabrado desmentia a sua pretensão de ser uma professora severa e adulta. Um pensamento à deriva passou por ele a vaguar: *Se pelo menos ela fosse mais velha...*

Por volta do meio-dia, a sua longa meditação foi interrompida por uma movimentação no exterior da janela. À distância, ele apercebeu-se de Jacob e de Franco a conversarem um com o outro, à medida que se iam dirigindo para a loja. Bento tinha prometido comportar-se de um modo sagrado e sabia que não era correto observar os outros sub-repticiamente, em particular outros que pudessem estar a falar acerca dele. Não obstante, não foi capaz de desviar a sua atenção do estranho episódio que se estava a desenrolar diante dos seus olhos.

Franco arrastava-se três ou quatro passos atrás de Jacob, quando este se voltou, agarrou na mão do outro e tentou puxá-lo. Franco afastou-se e abanou a cabeça energicamente. Jacob retorquiu e, depois de olhar em redor, para se assegurar de que não havia testemunhas nas proximidades, colocou as suas mãos enormes nos ombros de Franco, sacudiu-o bruscamente e empurrou-o, fazendo-o caminhar à sua frente até chegarem à loja.

Por um instante, Bento inclinou-se para diante, atraído por aquele drama, mas voltou rapidamente a entrar num estado de meditação e considerou o enigma de Franco e Jacob como sendo um comportamento estranho. Ao fim de alguns minutos, foi arrancado da sua fantasia pelo som da porta da loja a abrir-se e de passos a caminharem no interior.

Deu um salto e pôs-se de pé, cumprimentou as visitas, e puxou duas cadeiras para que ambas se pudessem sentar, ao mesmo tempo que ele próprio se sentava em cima de um caixote enorme de figos secos. — Acabam de chegar da cerimónia do sabat?

— Sim, — respondeu Jacob, — um de nós sente-se revigorado, o outro mais agitado do que nunca.

— É interessante como o mesmo acontecimento consegue produzir duas reações diferentes. E qual é a explicação para esse fenómeno tão curioso? — perguntou Bento.

Jacob apressou-se a responder. — O assunto não é assim tão impor-

¹⁸ Equivalente ao “a, bê, cê” (abecedário) em português; os princípios mais básicos através dos quais se começa a aprender uma língua. (N. do T.)

tante, e a explicação é óbvia. Ao contrário de Franco, que não possui uma educação judaica, eu fui instruído de acordo com a tradição judaica, a língua hebraica e...

— Permita-me interrompê-lo — disse Bento. — Mas, mesmo de início, a sua explicação exige uma explicação. Todas as crianças criadas em Portugal, numa família de marranos, não possuem qualquer instrução de hebraico e conhecimentos dos rituais judaicos. E isso inclui o meu pai, que aprendeu o hebraico só depois de ter saído de Portugal. Ele disse-me que quando era rapaz, em Portugal, eram infligidos grandes castigos a qualquer família que ensinasse às crianças a língua hebraica ou os costumes judaicos. De facto, — Espinosa voltou-se para Franco, — não ouvi ontem a história de um pai adorado, que foi morto porque a Inquisição descobriu uma Tora enterrada?

Franco, passando os dedos nervosamente pelos cabelos compridos, nada disse, mas acenou ligeiramente com a cabeça, em sinal de concordância.

Voltando-se para Jacob, Bento continuou: — Por isso, Jacob, a pergunta que lhe faço é a seguinte: qual é a origem dos seus conhecimentos de hebraico?

— Os meus familiares converteram-se em novos-cristãos há três gerações, — respondeu Jacob, rapidamente, — mas permaneceram cripto-judeus, determinados em manter a fé viva. O meu pai enviou-me para Roterdão, para trabalhar no mesmo ramo de negócios que ele, quando eu tinha onze anos de idade e, durante os oito anos que se seguiram, eu ocupava as noites todas a estudar hebraico com o meu tio, que era um rabino. Preparou-me para o meu *bar mitzvah* na sinagoga de Roterdão, e depois disso continuou com a minha educação judaica até ao dia da sua morte. Tenho vivido a maior parte dos últimos doze anos em Roterdão, e só recentemente é que regressiei a Portugal, para ajudar o Franco.

— E o senhor...? — Bento voltou-se na direção de Franco, cujo olhar se interessava única e exclusivamente pelo chão mal varrido do estabelecimento de importações dos Espinosa. — Não tem quaisquer conhecimentos de hebraico?

Mas foi Jacob quem lhe respondeu: — Claro que não tem. Em Portugal, tal como o senhor acabou de dizer, o hebraico não é permitido. Aprendemos todos a ler as Sagradas Escrituras em latim.

— Então, Franco, o senhor não fala hebraico?

Jacob voltou a interpor-se: — Em Portugal, ninguém se atreve a ensinar o hebraico. Não apenas por enfrentarem a morte de imediato, mas também porque todos os seus familiares seriam perseguidos. Neste preciso momento, a mãe de Franco, uma tia e a irmã dele estão escondidas.

— Franco... — Bento dobrou-se para o olhar diretamente nos olhos — Jacob continua a responder por si. Por que razão prefere não me dar respostas às perguntas que lhe faço?

— Ele está apenas a tentar ajudar-me — disse Franco, num tom de voz sussurrado.

— E sente-se ajudado mantendo o silêncio?

— Estou demasiado transtornado para confiar nas minhas palavras — respondeu Franco, desta vez num tom de voz mais audível. — Jacob sabe como falar, a minha família encontra-se em perigo e, tal como ele diz, eu não possuo qualquer formação judaica, para além do *aleph, bet, gimmel* que ele me ensinou, desenhando as letras na areia. E, mesmo assim, teve de as apagar, esfregando os pés em cima delas.

Bento voltou-se de frente para Franco, evitando propositadamente o rosto de Jacob. — Também partilha a opinião de que, embora ele se tivesse sentido revigorado pela cerimónia, o senhor sentiu-se mais agitado?

Franco anuiu.

— E a sua agitação deve-se a...?

— Às minhas dúvidas e aos meus sentimentos. — Franco lançou um olhar furtivo na direção de Jacob. — Sentimentos tão fortes que até tenho receio de os descrever. Mesmo a si.

— Confie em mim para compreender os seus sentimentos e não para os julgar.

Franco baixou o olhar, com a cabeça a vacilar.

— Mas que tamanho receio o senhor sente... — continuou Bento. — Deixe-me tentar acalmá-lo. Primeiro, e por favor, vamos verificar se o seu receio é sensato.

Franco esboçou uma careta e olhou fixamente para Espinosa, com um ar perplexo.

— Vamos ver se o seu receio faz algum sentido. Pense nestes dois factos: *Primeiro*, eu não represento qualquer tipo de ameaça. Prometo-lhe que nunca voltarei a repetir as suas palavras, a quem quer que seja. Além disso, também eu tenho dúvidas acerca de muitas coisas. Se calhar, até partilho alguns desses sentimentos consigo. E, *segundo*, o senhor não corre qualquer perigo na Holanda; aqui não existe a Inquisição. Não nesta loja, não nesta comunidade, nem tão-pouco nesta cidade e nem sequer nesta região. Amsterdão obteve a independência da Ibéria há muitos anos. O senhor tem conhecimento disso, não tem?

— Sim, tenho — respondeu Franco, num tom de voz suave.

— No entanto, e apesar disso, uma parte da sua mente, que não se encontra sob o seu controlo, continua a comportar-se como se existisse um grande perigo iminente. Não é extraordinária a forma como as nossas mentes se encontram estruturadas? Como o nosso raciocínio, a parte mais importante da nossa mente, é dominado pelas nossas emoções?

Franco não demonstrou qualquer interesse por aqueles factos extraordinários.

Bento hesitou. Sentia simultaneamente uma impaciência crescente e um sentimento de missão, quase como se de um dever se tratasse. Mas como poderia ele resolver aquele assunto? Estaria ele a esperar demasiado de Franco, e demasiado cedo? Recordou-se de várias situações em que o raciocínio lhe falhou e não conseguiu vencer os seus próprios receios. Uma dessas ocasiões tinha acontecido, precisamente, na noite anterior, quando caminhava na direção oposta à da multidão que se dirigia para a cerimónia do sabat na sinagoga.

Finalmente, decidi fazer uso da única vantagem que possuía e, no tom de voz mais afável que conseguiu encontrar, disse: — O senhor pediu-me que o ajudasse. E eu concordei fazê-lo. Mas, se quiser a minha ajuda, hoje vai ter de confiar em mim. Tem de me ajudar a ajudá-lo. Está a compreender?

— Sim — respondeu Franco, com um suspiro.

— Pois então, muito bem, o seu próximo passo vai ser o de enumerar os seus receios.

Franco abanou a cabeça. — Não posso. Eles são aterradores. E são perigosos.

— Não tão aterradores ao ponto de resistirem à luz do raciocínio. E acabei de lhe demonstrar que não são perigosos se nada houver que recear. Vamos lá, coragem! Chegou o momento de os enfrentar. Se assim não for, volto a repetir-lho, — disse Bento num tom de voz firme, — não vejo motivo algum para nos continuarmos a encontrar.

Franco inspirou fundo e começou: — Hoje, na sinagoga, ouvi as Sagradas Escrituras a serem entoadas numa língua estranha. Não compreendi uma única palavra...

— Mas, Franco... — interrompeu Jacob, — *é óbvio* que não compreendeste. Já te disse, vezes sem conta, que esse problema é temporário. O rabino dá aulas de hebraico. Tem paciência, paciência.

— E, vezes sem conta, — ripostou Franco, agora com a raiva a aflorar-lhe a voz, — eu disse-te que não se trata apenas da língua. Ouve o que te digo, às vezes! É todo aquele espetáculo. Esta manhã, na sinagoga, olhei à minha volta e vi todos os presentes com os seus extravagantes solidéus bordados, com os seus xailes de oração com franjas azuis e brancos, as suas cabeças a oscilarem para trás e para a frente como se fossem papagaios à frente do recipiente da comida, com os olhos voltados para cima. Eu ouvi tudo isso, vi tudo isso e pensei... Não! Não posso dizer o que pensei.

— Di-lo, Franco — interveio Jacob. — Ontem disseste-me que este homem é o professor de que andavas à procura.

Franco fechou os olhos. — Pensei qual seria a diferença entre aquilo e o espetáculo — não, deixa-me exprimir os meus pensamentos —, o *disparate* que acontecia na Missa Católica a que nós, os novos-cristãos, tínhamos de assistir. Depois da missa, quando éramos crianças, Jacob, recordas-te como tu e eu costumávamos ridicularizar os católicos? Ridicularizávamos as vestes estranhas dos padres, as intermináveis figuras cheias de sangue da crucificação, a genuflexão diante dos pedaços de ossos dos santos, a hóstia e o vinho, e comer o corpo e beber o sangue. — A voz de Franco subiu de tom. — Judeus ou católicos... Não há qualquer diferença... É uma loucura. É tudo uma loucura completa.

Jacob pôs o solidéu na cabeça, colocou a mão em cima dele e, em voz baixa, começou a entoar uma oração em hebraico. Bento também estava abalado e procurava, cuidadosamente, as palavras mais apropriadas, as mais serenas. — Ter pensamentos como esses e acreditar que é o único a tê-los. Sentir-se sozinho na sua dúvida. Tudo isso deve ser aterrador...

Franco apressou-se a continuar: — Mas existe mais uma coisa, um pensamento ainda mais terrível. Não consigo parar de pensar que foi por causa de toda essa loucura que o meu pai sacrificou a vida. E, por causa dessa loucura, pôs-nos em perigo a todos nós — a mim, aos seus próprios pais, à minha mãe, ao meu irmão e às minhas irmãs.

Jacob não pôde conter-se. Aproximando-se de Franco e baixando a sua enorme cabeça até à altura do ouvido dele, disse-lhe, sem ser com indelicadeza: — Talvez o pai saiba mais do que o filho.

Franco abanou a cabeça, abriu a boca, mas não proferiu qualquer palavra.

— E pensa, também, — continuou Jacob, — como as tuas palavras fazem com que a morte do teu pai fique desprovida de significado. Ter pensamentos como esses faz, realmente, com que a morte dele tenha sido um desperdício. Ele morreu para manter a fé sagrada para ti.

Franco parecia derrotado e baixou a cabeça.

Bento sabia que tinha de interferir naquele assunto. Primeiro, voltou-se para Jacob e disse-lhe, calmamente: — Ainda há poucos instantes o senhor pediu a Franco que exprimisse os seus pensamentos. Agora, que finalmente ele está a fazer o que você lhe pediu, não será melhor encorajá-lo do que silenciá-lo?

Jacob deu meio passo para trás. Bento continuou a dirigir-se a Franco no mesmo tom de voz sereno. — Imagino que deverá ser um grande dilema para si, Franco: Jacob afirma que se o senhor não acreditar em coisas que você considera inacreditáveis, isso significa que transformou o martírio do seu pai numa morte desperdiçada. Mas, quem iria desejar fazer mal ao

seu próprio pai? Tantos obstáculos para meditar acerca deles, e sozinho... Tantos obstáculos para nos aperfeiçoarmos, fazendo uso da capacidade de raciocínio que nos foi dada por Deus...

Jacob abanou a cabeça. — Espere, espere... Essa última parte acerca da capacidade de raciocínio que nos foi dada por Deus. Não foi isso que eu disse. Está a distorcer as coisas. Está a falar de raciocínio? Eu mostro-lhe o que é o raciocínio. Utilize o seu senso comum. Abra os olhos. Quero que o senhor faça uma comparação! Olhe para o Franco. Ele está a sofrer, a chorar, a humilhar-se, a entrar em desespero. Consegue ver isso?

Bento acenou com a cabeça afirmativamente.

— E, agora, olhe para mim. Eu sou forte. Amo a vida. Tomo conta dele. Salvei-o da Inquisição. Sinto-me amparado pela minha fé e pelo abraço dos meus companheiros judeus. Sinto-me reconfortado pelo facto de saber que o nosso povo e a nossa tradição vão continuar vivos. Compare-nos aos dois com o seu precioso raciocínio, e diga-me, *homem sábio*, a que raciocínio chega?

As ideias falsas dão um reconforto falso e frágil, pensou Bento. Mas conseguiu segurar a língua.

Jacob continuou a insistir com mais ímpeto. — E aplique o mesmo a si, também, senhor intelectual. O que somos nós, o que é o senhor, sem a nossa comunidade, sem a nossa tradição? Consegue viver vagueando pela Terra sozinho? Ouvi dizer que não tem esposa. Que espécie de vida pode o senhor ter sem pessoas? Sem família? Sem Deus?

Bento, que evitava sempre todo o tipo de conflitos, sentiu-se abalado pelas injúrias de Jacob.

Jacob voltou-se para Franco e acalmou o tom de voz. — Irás sentir-te amparado, tal como eu me sinto, quando souberes as palavras e as orações, quando compreenderes o que significam aquelas coisas.

— Com essa afirmação, estou de acordo — disse Bento, tentando acalmar Jacob, que tinha estado a olhar para ele com um semblante carrancudo. — A desorientação só agrava o seu estado de choque, Franco. Cada marrano que abandona Portugal fica desorientado, tem de ser novamente educado, para poder voltar a tornar-se num judeu, tem de começar como uma criança, e aprender o *aleph, bet, gimmel*. Durante três anos, ajudei o rabino a dar aulas de hebraico para marranos, e garanto-lhe que vai aprender rapidamente.

— Não — insistiu Franco, parecendo-se agora com o relutante Franco que Bento vira através da janela. — Nem *tu*, Jacob Mendoza, nem *você*, Bento Espinosa, me estão a dar ouvidos. Uma vez mais vos digo: *não se trata da língua!* Eu não sei falar hebraico, mas esta manhã, na sinagoga, durante toda a cerimónia religiosa, li a tradução espanhola da sagrada Tora.

Está repleta de milagres. Deus separa o Mar Vermelho; Ele ataca os egípcios com calamidades; Ele fala disfarçando-se de um arbusto flamejante. Por que motivo acontecem todos esses milagres, *então*, na era da Tora? Digam-me, os dois, porque acabou a época dos milagres? Terá o grandioso e todo-poderoso Deus adormecido? Onde se encontrava esse Deus quando o meu pai foi queimado vivo, amarrado a um poste? E por que motivo? Por ter protegido o Livro Sagrado desse mesmo Deus? Não seria Deus suficientemente poderoso para salvar o meu pai, que tanto O venerava? Se assim for, quem precisa de um Deus tão fraco? Ou não saberia Deus que o meu pai O venerava? Se assim for, quem precisa de um Deus tão pouco conhecedor? Seria Deus suficientemente poderoso para o proteger, mas terá decidido não o fazer? Se assim for, quem precisa de um Deus tão pouco afetuoso? O senhor, Bento Espinosa, a quem chamam de “abençoado”, o senhor sabe tudo acerca de Deus; o senhor é um estudioso. Explique-me tudo isto.

— Por que motivo tinha medo de falar? — perguntou Bento. — O senhor está a colocar questões bastante importantes, questões essas que deixaram perplexos os devotos ao longo de vários séculos. Eu acho que a raiz do problema se encontra num erro elementar e colossal, o erro de assumirmos que Deus é um ser vivo que pensa, um ser feito à semelhança da nossa imagem, um ser que pensa como nós, um ser que pensa em nós.

»Os antigos gregos aperceberam-se desse erro. Há cerca de dois mil anos, um homem sábio, de nome Xenófanes, escreveu que se os bois, os leões e os cavalos possuíssem mãos com as quais pudessem esculpir imagens, eles teriam moldado Deus de acordo com as suas próprias formas e ter-lhe-iam atribuído um corpo igual ao deles. Eu acredito que se os triângulos pudessem pensar, eles criariam um Deus com o aspeto e os atributos de um triângulo, e os círculos criariam formas circulares...

Jacob interrompeu Bento, escandalizado. — O senhor fala como se nós, os judeus, não soubéssemos nada acerca da natureza de Deus. Não se esqueça de que temos a Tora e que ela contém as Suas palavras. E, Franco, não penses que Deus não tem poder. Não te esqueças de que os judeus continuam a persistir, e que, independentemente daquilo que nos possamos fazer, continuamos a persistir. Onde estão todos esses povos que já desapareceram — os fenícios, os moabitas, os edomitas —, e tantos outros cujos nomes desconheço? Não te esqueças de que devemos ser guiados pela lei que Deus, em pessoa, deu aos judeus, a nós, o povo por Ele escolhido.

Franco lançou um olhar na direção de Espinosa, como que para lhe dizer: *Está a ver aquilo que eu tenho de enfrentar?* Depois, voltou-se para Jacob. — Todos os povos pensam que Deus os escolheu a eles — os cristãos, os muçulmanos...

— Não! O que nos interessa aquilo que os outros pensam? O que real-

mente interessa é aquilo que está escrito na Bíblia. — Jacob voltou-se para Espinosa. — Admita-o, Baruch, admita-o, senhor intelectual: a palavra de Deus não diz que os judeus são o povo escolhido? Será capaz de negar isso?

— Passei anos a estudar essa questão, Jacob, e, se você desejar, poderei partilhar os resultados da minha pesquisa convosco. — Bento falava calmamente, tal como um professor se deve dirigir a um estudante perguntador. — Para responder às suas perguntas, acerca da razão que torna os judeus tão especiais, temos de ir até à origem. Podem acompanhar-me numa pequena exploração às palavras exatas que se encontram escritas na Tora? A minha cópia encontra-se apenas a alguns minutos de distância.

Ambos anuíram, trocando olhares de relance, e depois levantaram-se para seguirem Bento, que voltou a colocar, cuidadosamente, as cadeiras no lugar e fechou a porta da loja, antes de os acompanhar até sua casa.



OITO

REVAL, ESTÓNIA — 1917-1918

A previsão do Diretor Epstein, de que a curiosidade e inteligência limitadas de Rosenberg só o prejudicariam, demonstrou estar completamente errada. E, igualmente errada, estava a previsão do diretor de que Goethe e Espinosa iriam desaparecer de imediato dos pensamentos de Alfred. Longe disso: Alfred nunca mais voltou a ser capaz de limpar da sua mente a imagem do distinto Goethe a ajoelhar-se diante do judeu Espinosa. Sempre que lhe ocorriam pensamentos sobre Goethe e Espinosa (agora, para sempre unidos), ele apenas mantinha aquela divergência durante o menor espaço de tempo possível, e depois varria-a com qualquer “vassoura” imaginária que encontrasse à mão. Por vezes, era persuadido pelo argumento de Houston Stewart Chamberlain de que Espinosa, à semelhança de Jesus, praticava a cultura judaica mas não tinha uma única gota de sangue judeu a correr-lhe nas veias. Ou talvez Espinosa fosse um judeu que tivesse roubado ideias a pensadores arianos. Ou talvez Goethe estivesse sob o efeito de um qualquer feitiço, hipnotizado pela conspiração judaica. Por diversas vezes, Alfred meditava sobre tudo isso, perseguindo essas ideias até à exaustão através de pesquisas que fazia em bibliotecas, mas nunca as levou até ao fim. O ato de pensar, de realmente pensar, era um trabalho demasiado cansativo, como o de arrastar troncos pesadíssimos pelo chão fora no interior de um sótão. Em vez disso, Alfred tornou-se um adepto do recalçamento. E distraía-se com outras coisas. Dedicava-se a inúmeras outras atividades. Acima de tudo, convencia-se a si mesmo de que a força das convicções neutraliza a necessidade da investigação.

Um genuíno e nobre alemão honra uma promessa e, à medida que o seu vigésimo primeiro aniversário se ia aproximando, Alfred recordou-se do acordo que fizera com o diretor de ler a *Ética* de Espinosa. Tencionando cumprir com a sua palavra, comprou uma cópia usada do livro e começou a lê-lo, sendo de imediato recebido por uma longa lista de definições incompreensíveis, que se encontravam na primeira página:

- I. Por aquilo que é Autoinfligido, estou a referir-me àquilo cuja essência envolve existência, ou àquilo cuja natureza apenas é concebível enquanto existente.
- II. Uma determinada coisa é considerada *Finita Depois da sua Natureza* quando pode ser limitada por qualquer outra coisa do mesmo género; por exemplo, um corpo é considerado finito porque nós concebemos sempre um outro corpo, maior. Por esse motivo, também um pensamento é limitado por outro pensamento, mas um corpo não é limitado pelo pensamento, nem um pensamento é limitado por um corpo.
- III. POR SUBSTÂNCIA, estou a referir-me àquilo que se encontra no interior de qualquer coisa, e que é concebido Teologicamente por si mesmo; por outras palavras, a tudo aquilo de que possa ser formada uma conceção, independentemente de qualquer outra conceção.
- IV. POR ATRIBUTO, estou a referir-me àquilo que o intelecto entende, enquanto constitui a essência de substância.
- V. POR MODO, refiro-me às modificações [*Affectiones*]¹⁹ de substância, ou àquilo que existe — e é concebido durante esse período — em algo diferente de si mesmo.
- VI. POR DEUS, refiro-me a um ser absolutamente infinito — ou seja, uma substância formada por atributos infinitos, em que cada um deles exprime uma essencialidade eterna e infinita.

Quem seria capaz de compreender aquelas tolices judaicas? Alfred arremessou o livro pelo quarto fora. Uma semana mais tarde, voltou a tentar, deixando ficar de lado as definições e passando para a secção seguinte, a dos Axiomas:

- I. Tudo aquilo que existe, existe em si mesmo ou noutra lugar qualquer.
- II. Aquilo que não puder ser concebido através de qualquer outra coisa, tem de ser concebido através de si mesmo.
- III. A partir de uma determinada causa específica surge necessariamente um efeito; mas, por outro lado, se não puder ser admitida uma causa específica, é impossível que um efeito se lhe siga.

¹⁹ Palavra latina que pode ser traduzida por “afeições, afetos, carinhos, simpatias, etc”. (N. do T.)

IV. O conhecimento de um efeito depende de, e implica, o conhecimento de uma causa.

V. As coisas que nada têm em comum não podem ser compreendidas, ou seja, uma a partir da outra; a conceção de uma delas não implica a conceção da outra.

Estes axiomas eram, igualmente, indecifráveis e, de novo, o livro levantou voo. Mais tarde, Alfred experimentou a secção seguinte, as proposições, as quais também eram inacessíveis. Finalmente, começou a compreender que cada uma das sucessivas partes daquele livro dependia, logicamente, das anteriores definições e axiomas, e que não iria avançar mais com os exemplos seguintes. De vez em quando, pegava no fino volume, olhava para o retrato de Espinosa que revestia a capa que continha o título, e ficava petrificado com aquele rosto comprido e oval, e com aqueles olhos judeus gigantescos, cheios de alma, de pálpebras carregadas (que olhavam fixa e diretamente para os seus próprios olhos, independentemente da posição em que ele colocasse o livro). *Desfaz-te deste livro amaldiçoado*, dizia Alfred para si mesmo, *vende-o* (mas não lhe renderia muito dinheiro, uma vez que se encontrava muito mais estragado, depois das várias “excursões” aéreas a que fora submetido). Ou, simplesmente, oferecê-lo a alguém, ou deitá-lo fora. Ele sabia que era isso que deveria fazer mas, estranhamente, Alfred não se conseguia desfazer da *Ética*.

Porquê? Bem, a promessa, como era óbvio, era um fator, mas não era o mais importante de todos. Não fora o próprio diretor quem lhe dissera que tínhamos de ser completamente adultos para compreender a *Ética*? E não tinha ele ainda vários anos de instrução pela frente, até ser completamente adulto?

Não, não... Não era a promessa que o perturbava: era o problema Goethe! Ele admirava Goethe. E Goethe admirava Espinosa. Alfred não se podia desfazer daquele livro amaldiçoado porque Goethe amava-o o suficiente para ter andado com ele dentro do bolso durante um ano inteiro. Aqueles disparates judeus, e obscuros, acalmaram as paixões indisciplinadas de Goethe, e fizeram-no ver o mundo com muito mais clareza do que anteriormente. Como poderia ser verdade? Goethe fora capaz de ver algo naquele livro que ele não estava a conseguir descortinar. Talvez, um dia, ele encontre o professor que lhe consiga explicar tudo aquilo.

Os acontecimentos tumultuosos da Primeira Guerra Mundial rapidamente afastaram aquele enigma do seu pensamento. Depois de se ter formado na Reval Oberschule e de se ter despedido do Diretor Epstein, do *Herr Schäfer* e do seu professor de Arte, o *Herr Purvit*, Alfred começou os

estudos no Instituto Politécnico, em Riga, na Letónia, que ficava a cerca de trezentos e vinte e dois quilómetros da sua casa, em Reval. Mas, em 1915, como as tropas alemãs ameaçavam tanto a Estónia como a Letónia, o Instituto Politécnico foi inteiramente transferido para Moscovo, onde Alfred viveu até ao ano de 1918, altura em que entregou o seu projeto final de curso — um esboço arquitetural para um crematório — e recebeu o diploma de Arquitetura e Engenharia.

Embora o seu trabalho académico tivesse sido excelente, Alfred nunca se sentiu muito à vontade em engenharia e, em vez disso, preferiu passar o tempo a ler obras de mitologia e de ficção. Ficou fascinado com as fábulas da mitologia nórdica que faziam parte da Edda²⁰, assim como com os romances de enredos intrincados de Dickens e as obras monumentais de Tolstoi (que lia em russo). Também ocupava o tempo com filosofia, lendo superficialmente as ideias essenciais de Kant, Schopenhauer, Fichte, Nietzsche e Hegel, e, tal como antigamente, tinha um prazer descarado em ler trabalhos filosóficos em locais públicos conspícuos.

Durante o caos provocado pela Revolução Russa de 1917, Alfred ficou consternado com a visão de centenas de milhares de manifestantes frenéticos que saíam para as ruas, exigindo o fim da ordem estabelecida. Chegou a acreditar, com base na obra de Chamberlain, que a Rússia devia tudo à influência ariana, graças aos vikings, à Liga Hanseática e aos imigrantes alemães, que era o caso dele. O colapso da civilização russa só poderia significar uma coisa: as instituições nórdicas estavam a ser destruídas pelas raças inferiores — os mongóis, os judeus, os eslavos e os chineses —, e a alma da verdadeira Rússia desapareceria dentro de pouco tempo. Seria aquele o destino, igualmente, da terra pátria? Iriam o caos racial e a degradação chegar à Alemanha?

A visão das multidões agitadas provocava-lhe um sentimento de repulsa. Os bolcheviques eram animais, cuja missão era a de destruírem a civilização. Decidiu investigar os seus líderes e ficou convencido de que pelo menos noventa por cento deles eram judeus. A partir do ano de 1918, Alfred raramente se referia aos bolcheviques por esse nome: dizia sempre os “bolcheviques judeus”, e aquele duplo epíteto destinava-se a preparar o caminho para a campanha nazi. Depois de se formar, em 1918, Alfred ficou encantado por embarcar no comboio que atravessou a Rússia, levando-o de regresso à sua casa, em Reval. À medida que o comboio se ia movendo ruidosamente em direção a ocidente, ele sentava-se, dia após dia, a olhar fixa-

²⁰ Terminologia nórdica utilizada para designar o conjunto de textos encontrados na Islândia, e que permitiram iniciar o estudo das histórias referentes aos personagens da mitologia nórdica. (N. do T.)

mente para a infinita vastidão da paisagem russa. Petrificado por todo aquele espaço — ah, aquele espaço —, lembrou-se do desejo de Houston Stewart Chamberlain de ter mais *Lebensraum*²¹ para a terra pátria. Ali, do lado de fora da janela de segunda classe do comboio, encontrava-se a *Lebensraum* de que a Alemanha tão desesperadamente necessitava, mas, apesar disso, a íngreme vastidão da Rússia tornava-a incontestável, a não ser... a não ser que um exército de colaboradores russos decidisse lutar, lado a lado, com a terra pátria. Uma nova ideia embrionária ocorreu-lhe: aquele espaço a céu aberto proibido... O que fazer com toda aquela extensão? Porque não colocar os judeus naquele lugar, todos os judeus da Europa?

O comboio apitou, e o apertar e o chiar dos travões assinalaram que tinha chegado a casa. Reval era tão fria quanto a Rússia. Vestiu todas as camisolas que tinha, apertou bem o cachecol à volta do pescoço e, com as malas nas mãos e o diploma numa pasta, enquanto ia expirando nuvens de neblina, começou a percorrer as ruas conhecidas, até chegar à porta da casa onde vivera a sua infância, a residência da tia Cäcilie — a irmã do seu pai. Bateu à porta e foi recebido com gritos de “Alfred!”, sorrisos largos, apertos de mão masculinos, abraços femininos e depois foi rapidamente levado para a cozinha quente e fragrante, onde lhe serviram café e *streusel*²², enquanto um jovem sobrinho foi enviado a correr para ir chamar a tia Lydia, que morava algumas casas mais abaixo. Passado pouco tempo, ela chegou carregada com comida, para um jantar de comemoração.

A casa encontrava-se muito parecida como ele se recordava dela, e aquela perseverança do passado proporcionava a Alfred uma rara folga da sua sensação atormentada de desenraizamento. A visão do seu próprio quarto, praticamente inalterado ao fim de tantos anos, provocou-lhe uma expressão de contentamento, semelhante à de uma criança. Afundou-se no seu velho cadeirão de leitura e recordou a imagem familiar da sua tia a sacudir ruidosamente a almofada e a colocar a colcha de penugem na cama dele. Depois, Alfred examinou o quarto: ainda ali estava o tapete escarlate de orações, do tamanho de um lenço de pescoço, no qual, durante alguns meses e há vários anos (quando o seu pai antirreligioso não o conseguia ouvir), Alfred costumava dizer as suas orações antes de se deitar: “Abençoe a mãe que está no Céu, abençoe o pai e faça com que ele fique bom outra

²¹ Conceito alemão que pode ser traduzido por “espaço vital”. Foi um termo cunhado por Friedrich Ratzel, e está relacionado com a geografia política (geopolítica). Friedrich propôs uma antropogeografia, um ramo da geografia humana, como um espaço de vida de agrupamentos humanos. (N. do T.)

²² Cobertura que é colocada em cima de bolos ou pão, e que é feita com manteiga, farinha e açúcar. (N. do T.)

vez, e cure o meu irmão, Eugen, e abençoe a tia Ericka e a tia Marlene, e abençoe toda a nossa família.”

Na parede, ainda com um olhar feroz e poderoso e felizmente desconhecido do vacilante destino do exército alemão, encontrava-se o poster do *Kaiser Wilhelm*. E, em cima da prateleira que se encontrava por baixo do poster, estavam as suas estatuetas de chumbo dos guerreiros vikings e dos soldados romanos, nas quais ele agora pegava com ternura. Dobrando-se, para inspecionar a pequena estante atafalhada com os seus livros favoritos, Alfred irradiou alegria ao vê-los ainda alinhados pela mesma ordem em que os deixara, há tantos anos — em primeiro lugar, o seu preferido, *O Jovem Werther*, depois, *David Copperfield*, seguidos por todos os outros, em ordem decrescente de interesse.

Alfred continuou a sentir-se em casa durante o jantar com as tias, os tios, os sobrinhos e as sobrinhas. Mas, depois de todos se terem ido embora e o silêncio se ter instalado, e ele já estar debaixo da colcha de penugem, a sua habitual anomia regressou. O “lar” começou a apagar-se. Mesmo a imagem das duas tias, ainda a sorrirem, a acenarem com as mãos e as cabeças, começou lentamente a esbater-se à distância, deixando apenas uma escuridão arrepiante. Onde era o seu lar? Aonde pertencia ele?

No dia seguinte, foi deambular pelas ruas de Reval, à procura de rostos que lhe fossem familiares, mesmo que todos os seus companheiros de brincadeiras de infância tivessem crescido e se encontrassem espalhados, e, para além disso, no fundo do seu coração, ele sabia que andava à procura de fantasmas — dos amigos que ele *gostaria* de ter tido. Foi vagueando até chegar à Oberschule, onde os corredores e as salas de aula abertas lhe pareciam simultaneamente familiares e pouco convidativas. Esperou no exterior da sala de aulas do professor de Arte, o *Herr Purvit*, que outrora fora muito simpático com ele. Quando a campainha tocou, Alfred entrou na sala para falar com o seu antigo professor, antes do início da aula seguinte. O *Herr Purvit* examinou cuidadosamente o rosto de Alfred, libertou um som de reconhecimento e fez-lhe perguntas sobre a sua vida de uma forma tão geral que Alfred, afastando-se à medida que os alunos para a aula seguinte corriam rapidamente para ocupar os seus lugares, duvidou que ele o tivesse realmente reconhecido. A seguir, foi à procura da sala do *Herr Schäfer*, sem sucesso, mas apercebeu-se da do *Herr Epstein*, que já não era diretor mas tinha voltado a ser professor de História, e esgueirou-se rapidamente, voltando a cara para o lado. Não queria que lhe perguntassem se tinha cumprido a promessa de ler o livro de Espinosa, nem sequer ficar a saber que a promessa de Alfred Rosenberg há muito tempo se havia evaporado da cabeça do *Herr Epstein*.

De novo na rua, dirigiu-se à praça central da cidade, onde avistou o

quartel-general do exército alemão e, impulsivamente, tomou uma decisão que pôde muito bem ter mudado por completo a sua vida. Disse ao guarda que se encontrava de serviço, falando-lhe em alemão, que pretendia alistar-se, e foi encaminhado para o Sargento Goldberg, que possuía uma silhueta pesada, um nariz enorme, um bigode cerrado e a palavra “Judeu” escrita em letras grandes no rosto. Sem levantar os olhos dos documentos que estava a ler, o sargento ouviu rapidamente Alfred e depois, rudemente, rejeitou o pedido dele. — Nós estamos em guerra. O exército alemão é para alemães, e não para cidadãos de países combatentes ocupados.

Desconsolado, e ofendido pelos modos do sargento, Alfred foi refugiar-se numa cervejaria, que ficava a algumas portas de distância. Pediu uma *stein*²³ de *ale*²⁴, e sentou-se na ponta de uma mesa comprida. Quando estava a erguer a *stein* para dar o primeiro gole, apercebeu-se de um homem vestido à civil que o olhava fixamente. Os olhares de ambos cruzaram-se brevemente, após o que o desconhecido ergueu a *stein* e acenou para Alfred. Hesitante, Alfred retribuiu o cumprimento, e depois ficou a falar com os seus botões. Alguns minutos mais tarde, quando voltou a olhar para cima, viu que o homem desconhecido, alto, franzino, simpático, com um comprido crânio alemão e olhos azuis profundos, continuava a olhar fixamente para ele. Por fim, o homem levantou-se, levando a *stein* na mão, caminhou em direção a Alfred e apresentou-se.

²³ Caneca feita de grés, normalmente utilizada para beber cerveja e que tem uma capacidade de meio litro. (N. do T.)

²⁴ Variedade de cerveja produzida a partir de cevada maltada. A maioria também é feita com lúpulo, o que equilibra o sabor adocicado e frutado deste tipo de cerveja. (N. do T.)



NOVE

AMESTERDÃO — 1656

Bento levou Franco e Jacob até à casa que partilhava com Gabriel e conduziu-os para o seu estúdio, passando primeiro por uma pequena sala de estar, mobilada sem o menor vestígio de um toque feminino — apenas continha uma cadeira e um banco de madeira rudimentares, uma vassoura de palha arrumada a um canto e uma lareira com um fole. O estúdio de Bento possuía uma escrivaninha mal talhada, um banco alto e uma cadeira frágil de madeira. Três dos seus esboços em carvão, com paisagens do canal de Amesterdão, encontravam-se pendurados na parede, por cima de duas estantes curvadas sob o peso de uma dúzia de livros robustamente encadernados. Jacob dirigiu-se imediatamente para as estantes, a fim de espreitar os títulos dos livros, mas Bento fez-lhe um sinal para que ele e Franco se sentassem, enquanto foi buscar rapidamente outra cadeira ao quarto adjacente.

— Agora, vamos ao trabalho — disse ele, enquanto erguia a sua cópia bastante gasta da Bíblia hebraica, a colocava pesadamente no meio da mesa, e a abria para que Jacob e Franco a pudessem inspecionar. De repente, pensou melhor e parou, deixando cair as páginas que se voltaram a fechar.

— Vou cumprir a minha promessa de vos mostrar, precisamente, o que a nossa Tora diz, ou não diz, sobre os judeus terem sido o povo escolhido por Deus. Mas prefiro começar com as minhas principais conclusões, resultantes de vários anos de estudo da Bíblia.

Com a aprovação de Jacob e de Franco, Bento começou: — A mensagem central da Bíblia acerca de Deus, assim penso eu, é a de que Ele é perfeito, completo e possui uma sabedoria absoluta. Deus é tudo, e a partir Dele foi criado o mundo e tudo o que nele existe. Estão de acordo?

Franco anuiu rapidamente. Jacob refletiu sobre o assunto, empurrou o lábio inferior para fora, abriu a mão direita com a palma voltada para cima e respondeu com um lento e cauteloso acenar de cabeça afirmativo.

— Uma vez que Deus, por definição, é perfeito e não possui quaisquer

necessidades, daí se pode concluir que Ele não criou o mundo para Si, mas para nós.

Recebeu um aceno de cabeça concordante por parte de Franco e um olhar desorientado, com as palmas das mãos estendidas, por parte de Jacob, que queria dizer: *O que é que tudo isto tem a ver com o que quer que seja?*

Calmamente, Bento continuou: — E, uma vez que Ele nos criou a partir da Sua própria substância, o objetivo que Ele deseja para todos nós — que, novamente, faz parte da substância de Deus — é que alcancemos a felicidade e a bem-aventurança.

Jacob anuiu com sinceridade, como se, finalmente, tivesse ouvido algo com que estivesse de acordo. — Sim, ouvi o meu tio a falar da centelha de Deus que existe em cada um de nós.

— Exatamente! O seu tio e eu estamos completamente de acordo — disse Espinosa e, apercebendo-se de um ligeiro franzir de testa por parte de Jacob, decidiu abster-se de voltar a fazer aquele tipo de observações no futuro — Jacob era demasiado inteligente e desconfiado para ser tratado com condescendência. Bento abriu a Bíblia e procurou as páginas por ele pretendidas. — Aqui... Vamos começar com alguns versículos dos salmos. — Espinosa começou por ler em hebraico, lentamente, enquanto ia apontando para cada palavra com o dedo e, felizmente para Franco, traduzia de seguida para português. Ao fim de poucos minutos, Jacob interrompeu-o, abanando a cabeça e dizendo: — Não, não, não...

— Não, o quê? — perguntou-lhe Bento. — Não está interessado na minha tradução? Garanto-lhe que...

— Não se trata das suas palavras — interrompeu, de novo, Jacob. — São os seus modos. Como judeu, sinto-me ofendido com a forma como lida com o nosso Livro Sagrado. O senhor quase que o arremessou para cima da mesa; aponta para as palavras com um dedo que não foi previamente lavado. E o senhor lê sem entoar o que aí está escrito, sem qualquer modulação de voz. Lê com a mesma voz com que leria um contrato para a aquisição das suas uvas. Esse tipo de leitura ofende Deus.

— Ofende Deus!? Jacob, peça-lhe que siga o caminho do raciocínio. Acabámos, ou não, de concordar que Deus é completo, não possui necessidades, e não é um ser igual a nós? Seria possível que um Deus assim ficasse ofendido com uma insignificância destas, tal como o é a minha forma de leitura?

Em silêncio, Jacob abanou a cabeça, ao passo que Franco anuiu em sinal de concordância e aproximava a sua cadeira de Bento.

Espinosa continuou a ler, em voz alta, os salmos em hebraico e a traduzi-los em português para Franco. — “O Senhor é bom para todos nós, e as

Suas compaixões afetuosas encontram-se em todas as Suas obras.” — Bento avançou um pouco mais à frente, no mesmo salmo, e leu: — “O Senhor está próximo de todos aqueles que chamam pelo Seu nome.” Acreditem em mim — disse Espinosa. — Eu sou capaz de encontrar um sem-número de passagens idênticas a estas, afirmando claramente que Deus concedeu a *todos* os homens o mesmo intelecto, e que moldou o coração deles da mesma forma.

Bento voltou a sua atenção para Jacob, que estava novamente a abanar a cabeça. — Não está de acordo com a minha tradução, Jacob? Garanto-lhe que está escrito “todos os homens”; e *não* “todos os judeus”.

— Eu não posso discordar: palavras são palavras. O que está escrito na Bíblia está escrito na Bíblia. Mas a Bíblia tem muitas palavras, e existem muitas formas de as lermos, e muitas interpretações que lhes são dadas por muitos homens santos. O senhor ignora, ou nem sequer conhece, os ilustres comentários de Rashi e de Abrabanel²⁵?

Bento permaneceu inalterável. — Eu perdi o hábito de me apegar aos comentários e aos supercomentários. Eu leio-os desde que o Sol se levanta até ele se pôr. Passei anos a estudar os livros sagrados e, tal como você mesmo me disse, muitos elementos da nossa comunidade respeitam-me por ser um estudioso. Há vários anos, decidi fazer as coisas por mim mesmo: adquiri um conhecimento profundo do hebraico e do aramaico antigos, pus de lado os comentários dos outros, e estudei as verdadeiras palavras da Bíblia de novo. Para se poder compreender realmente as palavras da Bíblia, temos de dominar a língua antiga, e lê-la com um espírito descansado e liberto. Quero que leiamos, e que compreendamos, as palavras exatas da Bíblia, e não aquilo que um qualquer rabino pensou que elas queriam dizer, não umas quaisquer metáforas imaginadas que certos estudiosos alegam ver, e não uma qualquer mensagem secreta que os cabalistas veem em determinados padrões de palavras e valores numéricos de letras. Quero continuar a ler o que a Bíblia realmente diz. Esse é o método. Querem que eu continue?

Franco respondeu: — Sim, por favor, continue. — Mas Jacob hesitou. A sua agitação era bem evidente, pois mal ouviu Bento dar ênfase à frase “todos os homens”, pressentiu logo aonde ele queria chegar com o seu argumento — conseguia sentir o cheiro da armadilha que se estendia à sua frente. Tentou efetuar uma manobra de antecipação: — O senhor ainda não respondeu à minha insistente e simples pergunta: “O senhor nega que os judeus são o povo escolhido?”

— Jacob, as suas perguntas são as perguntas erradas. Obviamente, não me devo estar a explicar de uma forma clara. Aquilo que eu pretendo fazer

²⁵ Por vezes, também é designado de Abarbanel, ou Abravanel. (N. do T.)

é desafiar *toda a vossa atitude perante a autoridade*. Não se trata de saber se eu nego esse facto, ou se um qualquer rabino, ou outro estudioso, o defende. Não olhemos para cima, na direção de uma grande autoridade, mas, em vez disso, olhemos para as palavras do nosso Livro Sagrado, o qual nos diz que a nossa verdadeira felicidade e bem-aventurança consistem, unicamente, na satisfação daquilo que é bom. A Bíblia não nos diz para sentirmos orgulho no facto de nós, os judeus, sermos os únicos abençoados, nem para sentirmos mais satisfação por os outros desconhecerem a verdadeira felicidade.

Jacob não esboçou qualquer sinal de estar a deixar-se persuadir, por isso, Bento tentou outra tática. — Deixem-me dar-vos um exemplo, retirado da nossa própria experiência de hoje. Há pouco tempo, quando nos encontrávamos na loja, fiquei a saber que o Franco não fala hebraico. Certo?

— Sim.

— Então, responda-me à seguinte questão: deveria eu, por esse motivo, regozijar-me por saber mais hebraico do que ele? Será que o desconhecimento da língua hebraica, por parte dele, me torna mais instruído do que o era há cerca de uma hora? O regozijo motivado pela nossa superioridade perante os outros não é abençoado. Trata-se de uma atitude infantil e maliciosa. Não será isso verdade?

Jacob transmitiu algum ceticismo ao encolher os ombros, mas Bento sentiu-se cheio de energia. Sobrecarregado pelos anos a que estivera, necessariamente, sujeito ao silêncio, agora deleitava-se com a oportunidade de expressar em voz alta muitos dos argumentos que tinha vindo a formar. Dirigiu-se a Jacob: — Certamente, concordará que a bem-aventurança reside no amor. É a mensagem suprema, a mensagem central de todas as Sagradas Escrituras — assim como do Testamento Cristão. Temos de fazer uma distinção entre aquilo que a Bíblia diz e aquilo que os profissionais religiosos afirmam que ela diz. É com demasiada frequência que os rabinos e os padres promovem os seus interesses pessoais através de leituras tendenciosas, leituras essas que reivindicam que apenas eles detêm a chave para o caminho da verdade.

Pelo canto do olho, Bento viu Jacob e Franco a trocarem olhares de espanto; não obstante, insistiu. — Vejam, aqui, nesta secção, em Reis 3:12. — Espinosa abriu a Bíblia num local que havia marcado com um fio vermelho. — Ouçam as palavras que Deus profere a Salomão: “Ninguém será tão sábio como tu nos tempos que estão para vir.” Pensem agora, ambos, por um momento, acerca deste comentário de Deus sobre o homem mais sábio do mundo. Obviamente, isto é uma prova de que as palavras contidas na Tora não podem ser interpretadas literalmente. Elas têm de ser compreendidas no contexto dos tempos...

— Contexto? — interrompeu Jacob.

— Queria dizer: a língua e os acontecimentos históricos dessa época. Não podemos compreender a Bíblia a partir da língua que existe nos dias de hoje: temos de a ler estando cientes das convenções da língua da época em que a mesma foi escrita e compilada, e isso aconteceu há cerca de dois mil anos.

— O quê!? — exclamou Jacob. — Moisés escreveu a Tora, os primeiros cinco livros, há muito mais de dois mil anos!

— Essa é uma grande questão. Voltaremos a ela dentro de alguns minutos. Por agora, deixem-me continuar com Salomão. Aquilo que eu vos quero fazer entender é que o comentário de Deus a Salomão se trata, única e simplesmente, de uma expressão utilizada para transmitir uma sabedoria vasta e inigualável, e destina-se a aumentar a felicidade de Salomão. Será possível vocês acreditarem que Deus esperaria que Salomão, o mais sábio de todos os homens, se pudesse regozijar com o facto de outros virem a ser sempre menos inteligentes do que ele? De certeza que Deus, com toda a Sua sabedoria, teria desejado que todos fossem dotados com essas mesmas faculdades.

Jacob protestou. — Não percebo uma única palavra do que está a dizer. O senhor escolheu umas quantas palavras e frases, mas ignora o facto evidente de que nós fomos escolhidos por Deus. O Livro Sagrado diz precisamente isso, vezes sem conta.

— Aqui, vejam o que diz Job — afirmou Bento, completamente decidido. Folheou as páginas até chegar à secção de Job 28 e leu: — “Todos os homens devem evitar o Mal e praticar o Bem.” Nestas passagens, — continuou Bento, — é óbvio que Deus tinha em mente toda a raça humana. E, depois, não se esqueçam também de que Job era um gentio; não obstante, de entre todos os homens, ele era mais aceitável aos olhos de Deus. Vejam estas linhas... leiam-nas vocês mesmos.

Jacob recusou-se a olhar. — A Bíblia pode conter algumas dessas palavras. Mas existem milhares de palavras opostas. Nós, os judeus, somos diferentes, e o senhor sabe disso. Franco acabou de escapar à Inquisição. Diga-me, Bento, quando é que os judeus levaram a cabo Inquisições? Os outros chacinam judeus. Alguma vez nós chacinámos alguém?

Bento folheava calmamente as páginas, parando desta vez em Josué 10:37, e leu: — “E eles tomaram Eglon, e passaram a fio de espada a cidade, e o rei, e todas as cidades vizinhas, e todas as almas que nelas se encontravam; e ele não deixou sobreviventes. Destruiu-a totalmente.” Ou Josué 11:11, que fala da cidade de Hazor, — continuou Bento, — “e os hebreus atacaram todas as almas que aí se encontravam com o fio das suas espadas,

destruindo-os por completo: nenhum foi deixado a respirar; e Ele queimou Hazor com o fogo.”

»Ou aqui, novamente, em Samuel 18:6-7, “Quando David regressou da chacina dos filisteus, as mulheres vieram de todas as cidades de Israel, cantando e dançando, para conhecerem o Rei Saul, com pandeiretas, com alegria e com instrumentos de música... As mulheres iam cantando umas para as outras, enquanto brincavam: *Saul chacinou uns milhares, David chacinou dez milhares.*”

»Infelizmente, existem provas suficientes na Tora de que quando os israelitas tinham poder, eram tão cruéis e tão impiedosos como qualquer outra nação. Eles não eram moralmente superiores, nem mais justos, nem mais inteligentes do que quaisquer outras nações antigas. Eles eram superiores apenas porque possuíam uma sociedade bem ordenada e um sistema de governo superior, o que lhes permitiu perdurarem durante muito tempo. Mas essa antiga nação hebraica já deixou de existir há muito tempo, e desde então têm estado em pé de igualdade com os seus povos vizinhos. Nada vejo na Tora que sugira que os judeus são superiores aos outros povos. Deus é igualmente gracioso com todos.

Com um ar de descrença estampado no rosto, Jacob perguntou: — O senhor está a dizer que não existe qualquer distinção entre os judeus e os pagãos?

— Exatamente, mas não sou eu que o digo, e sim a Bíblia Sagrada.

— Como pode o senhor ser chamado de “Baruch” e falar desta maneira? Está realmente a negar que Deus escolheu os judeus, que os favoreceu, que os ajudou e que esperava muito deles?

— Novamente, Jacob, pense naquilo que está a dizer. Uma vez mais, recordo-lhe: os seres humanos escolhem, favorecem, ajudam, atribuem valor e esperam algo de volta. Mas Deus? Possuirá Deus esses atributos humanos? Recorde-se do que lhe disse acerca do engano de imaginarmos Deus à semelhança da nossa própria imagem. Recorde-se do que lhe disse sobre triângulos e um Deus triangular.

— Nós fomos feitos à semelhança da Sua imagem — disse Jacob. — Abra na página do Génesis. Deixe-me mostrar-lhe essas palavras...

Bento recitou-as de cor: — “Então, Deus disse: Vamos criar o homem à semelhança da nossa imagem, com a nossa aparência, e deixem-no governar os peixes do mar e as aves do céu, o gado, toda a Terra, e todas as criaturas que se movimentam no chão. Então, Deus criou o homem à semelhança da Sua imagem, à semelhança da imagem de Deus, Ele criou-o; homem e mulher, Ele criou-os.”

— Exatamente, Baruch, essas são as palavras — afirmou Jacob. — Quem dera que a sua devoção fosse tão grandiosa quanto a sua memória.

Se essas são as palavras de Deus, então, quem se julga o senhor para questionar se somos feitos à semelhança da Sua imagem?

— Jacob, sirva-se do raciocínio que lhe foi atribuído por Deus. Não podemos encarar essas palavras de uma forma literal. Elas não passam de metáforas. Acredita realmente que nós, os mortais, sendo alguns de nós surdos, ou arqueados, ou vítimas de prisão de ventre, ou perversos, somos feitos à semelhança da imagem de Deus? Pense naqueles que morreram com cerca de vinte anos de idade, como a minha mãe; naqueles que nasceram cegos, ou deformados, ou dementes com enormes cabeças cavernosas de água, naqueles que nasceram com escrófula, naqueles cujos pulmões deixam de funcionar e começam a tossir sangue, naqueles que são avarentos ou criminosos — também eles são feitos à semelhança da imagem de Deus? O senhor pensa que Deus possui uma mentalidade como a nossa e que deseja ser adulado, e que fica ciumento e rancoroso se desobedecermos às Suas regras? Poderiam tais modos de pensar, tão defeituosos e mutilados, estar presentes num ser perfeito? Esse é apenas o modo de falar daqueles que escreveram a Bíblia.

— Daqueles que escreveram a Bíblia? O senhor fala depreciativamente de Moisés e de Josué, dos profetas e dos juízes²⁶? O senhor nega que a Bíblia seja a palavra de Deus? — A voz de Jacob aumentava de tom a cada frase por ele pronunciada, e Franco, que estava a prestar atenção a cada palavra proferida por Bento, colocou-lhe a mão em cima do braço para o acalmar.

— Eu não falo depreciativamente de quem quer que seja — disse Bento. — Essa conclusão só pode ter vindo da sua mente. Mas afirmo que as palavras e as ideias da Bíblia vêm da mente humana, dos homens que escreveram essas passagens e que imaginaram — não, acho que deveria dizer *desejaram* — assemelhar-se a Deus, e que foram criados à semelhança da imagem de Deus.

— Quer então dizer que o senhor nega que Deus fala através das palavras dos profetas?

— É óbvio que todas as palavras contidas na Bíblia, referidas como sendo “as palavras de Deus”, apenas tiveram origem na imaginação dos vários profetas.

— Imaginação! O senhor disse “imaginação”! — Jacob colocou a mão à frente da boca, que estava aberta em demonstração do horror que sentia, ao mesmo tempo que Franco tentava esconder um sorriso.

Bento sabia que cada palavra proferida pelos seus lábios chocava Jacob, contudo, não era capaz de se conter. Sentia-se contente por, finalmente, poder rebentar com os seus grilhões de silêncio e expressar em voz alta

²⁶ Relativo aos juízes dos hebreus. (N. do T.)

todas as ideias em que tinha vindo a refletir em segredo ou partilhado com o rabino, apenas de uma forma extremamente velada. Lembrou-se do aviso de van den Enden — *caute, caute* —, mas, pela primeira vez na vida, resolveu ignorar a razão e mergulhar de pés e cabeça.

— Sim, trata-se, obviamente, de imaginação, Jacob, e não fique assim tão chocado: nós temos conhecimento disso a partir das palavras contidas na própria Tora. — Pelo canto do olho, Bento apercebeu-se do sorriso rasgado de Franco. Resolveu continuar: — Aqui, Jacob, leia isto comigo, em Deuterónimo 34:10: “E não voltou a existir outro profeta, em Israel, que pudesse ser comparado a Moisés, que o Senhor conheceu pessoalmente.” Agora, Jacob, pense no que isto quer dizer. O senhor sabe, obviamente, que a Tora nos diz que nem sequer Moisés viu o rosto do Senhor, correto?

Jacob anuiu. — Sim, a Tora diz-nos isso.

— Então, Jacob, deste modo eliminamos a visão, o que só pode significar que Moisés ouviu a verdadeira voz de Deus, e que nenhum profeta seguidor de Moisés ouviu a Sua verdadeira voz.

Jacob não foi capaz de responder.

— Explique-me... — disse Franco, que tinha estado a escutar, com toda a atenção, cada palavra proferida por Bento. — Se nenhum dos outros profetas ouviu a voz do Senhor, então, qual é a origem das profecias?

Apreciando a participação de Franco, Bento respondeu-lhe prontamente: — Eu acredito que os profetas eram homens dotados de uma invulgar e vívida imaginação, mas não necessariamente detentores de um poder de raciocínio muito desenvolvido.

— Então, Bento, — disse Franco, — o senhor acredita que as profecias milagrosas não passam de ideias imaginadas pelos profetas.

— Exatamente!

Franco continuou: — É como se nada de sobrenatural exista. Dá a entender que tudo o que acontecesse tem uma explicação.

— É precisamente nisso que eu acredito. Tudo, e refiro-me a tudo, deriva de uma causa natural.

— Para mim, — disse Jacob, que tinha estado a olhar fixamente para Bento enquanto este falava acerca das profecias, — existem coisas que apenas são do conhecimento de Deus, coisas provocadas apenas pela vontade de Deus.

— Eu acredito que quanto mais soubermos, menos serão as coisas apenas do conhecimento de Deus. Por outras palavras, quanto maior for a nossa ignorância, mais feitos atribuímos a Deus.

— Como se atreve a...

— Jacob... — interrompeu-o Bento. — Voltemos a pensar no motivo pelo qual estamos os três aqui reunidos. O senhor veio ter comigo porque

Franco estava com uma crise espiritual e precisava de ajuda. Não fui eu quem foi à vossa procura — na verdade, aconselhei-vos a irem falar com o rabino. E o senhor disse-me que o tinham informado de que o rabino apenas iria fazer com que o Franco se sentisse ainda pior. Recorda-se disso?

— Sim, é verdade — respondeu Jacob.

— Então, de que nos serve, a mim e a si, enveredarmos por uma discussão destas? Em vez disso, existe apenas uma pergunta que deve ser feita. — Bento voltou-se para Franco. — Diga-me, estou a conseguir ajudá-lo, de alguma forma? Alguma das coisas que eu aqui disse o ajudou?

— Tudo o que o senhor disse proporcionou-me consolo — respondeu Franco. — Ajudou-me a reencontrar o meu equilíbrio mental. Eu estava a perder o rumo, e o seu pensamento lúcido, a forma como o senhor encara todas as coisas, sem se basear na autoridade, é... É algo que eu nunca antes ouvi. Eu vejo a raiva estampada no rosto do Jacob, e peço-lhe desculpa por ele, mas, quanto a mim... Sim, o senhor ajudou-me!

— Nesse caso, — disse Jacob, levantando-se repentinamente, — já obtivemos aquilo de que viemos à procura, e o assunto que aqui nos trouxe está encerrado. — Franco pareceu ter ficar chocado e continuou sentado, mas Jacob agarrou-o pelo cotovelo e conduziu-o até à porta.

— Obrigado, Bento — disse Franco, quando já se encontrava na soleira da porta. — Por favor, diga-me, encontra-se disponível para futuros encontros?

— Estou sempre disponível para uma conversa racional — passe pela loja. Mas, — Bento voltou-se para Jacob, — não estou disponível para uma discussão que exclua o bom senso.

Uma vez longe da vista da casa de Bento, Jacob esboçou um sorriso largo, colocou o braço à volta de Franco e apertou-lhe o ombro. — Agora, temos tudo aquilo de que precisávamos. Trabalhámos bem, em conjunto. Desempenhaste bem o teu papel — quase demasiado bem, se quiseres saber a minha opinião —, mas nem sequer vou discutir isso, porque terminámos o que tínhamos de fazer. Olha bem para aquilo que conseguimos. Os judeus não são os escolhidos de Deus; não são diferentes, de modo algum, de quaisquer outros povos. Deus não possui quaisquer sentimentos por nós. Os profetas apenas imaginam coisas. A palavra do Senhor, e a vontade do Senhor, não existem. O Génesis, e tudo o resto que se encontra escrito na Tora, não passam de fábulas e de metáforas. Os rabinos, mesmo os mais distintos, não possuem um conhecimento excecional mas, pelo contrário, agem no seu próprio interesse.

Franco abanou a cabeça. — Não temos tudo aquilo de que precisamos. Ainda não. Quero voltar a encontrar-me com ele.

— Acabei de te relatar todas as abominações por ele proferidas: as suas palavras são pura heresia. Isto é aquilo que o tio Duarte pretendia de nós, e fizemos tal e qual como ele queria. As provas são esmagadoras: Bento Espinosa não é um judeu; ele é um antijudeu.

— Não, — repetiu Franco, — ainda não temos o suficiente. Tenho de ouvir mais. Não vou testemunhar enquanto não tiver ouvido mais.

— Já temos mais do que o suficiente. A tua família está em perigo. Fizemos um acordo com o tio Duarte — e ninguém se esquivava a um acordo com ele. Isso foi, exatamente, o que esse tolo do Espinosa tentou fazer — vigiarizá-lo, contornando o tribunal judeu. Foi graças aos contactos do tio Duarte, aos subornos do tio e à embarcação do tio, que tu já não estás aninhado num subterrâneo em Portugal. E, dentro de apenas duas semanas, a embarcação dele vai regressar para trazer a tua mãe e a tua irmã, assim como a minha mãe. Queres que elas sejam assassinadas tal como o foram os nossos pais? Se tu não fores comigo até à sinagoga e não testemunhares perante o comité diretivo, então, serás tu a acender as piras funerárias delas.

— Eu não sou tolo, e não me vou deixar conduzir para um lado e para o outro como se fosse uma ovelha — ripostou Franco. — Ainda temos tempo, e eu preciso de mais informação antes de testemunhar perante o comité da sinagoga. Mais um dia não irá fazer qualquer diferença, e tu sabes muito bem disso. E, além do mais, o tio tem a obrigação de zelar pela família, mesmo que nós nada façamos.

— O tio faz aquilo que o tio quer. Eu conheço-o melhor do que tu. Ele apenas segue as suas próprias regras, e não é generoso por natureza. Eu não quero voltar a encontrar-me com o teu Espinosa. Ele difama o nosso próprio povo.

— Aquele homem tem mais inteligência do que toda a congregação junta. E, se não quiseres ir comigo, irei falar com ele sozinho.

— Não, se tu fores, eu também vou. Não te vou deixar ir sozinho. Aquele homem é demasiado persuasivo. Se fores sozinho, a próxima coisa que verei será um *cherem*, tanto para ti como para ele. — Apercebendo-se do olhar confuso de Franco, Jacob acrescentou: — *Cherem* é a excomunhão — mais uma palavra hebraica que seria melhor tu aprenderes.

DEZ

REVAL, ESTÓNIA — NOVEMBRO DE 1918

— **G**uten Tag!²⁷ — disse o homem desconhecido, estendendo a mão.
— Chamo-me Friedrich Pfister. Conheço-o de algum lado? A sua cara não me é estranha.

— Chamo-me Rosenberg. Alfred Rosenberg. Fui criado aqui. Acabei de regressar de Moscovo. Obtive a minha licenciatura no Politécnico na semana passada.

— Rosenberg? Ah, sim, sim... É isso! É o irmão mais novo de Eugen. Vejo que herdou os olhos dele. Posso fazer-lhe companhia?

— Com certeza.

Friedrich pousou a *stein* de *ale* em cima da mesa e sentou-se de frente para Alfred. — Eu e o seu irmão éramos amigos muito íntimos, e ainda nos mantemos em contacto. Via-o com alguma frequência em sua casa — até cheguei a andar consigo às cavalitas. O senhor tem o quê... Menos seis, ou sete anos do que o Eugen?

— Seis. O seu rosto não me é estranho mas, na verdade, não consigo dizer-lhe de onde o conheço. Não sei porquê, mas não guardo muitas recordações da minha infância — encontra-se tudo muito enevoado. Sabe, eu tinha apenas nove anos de idade, ou dez, quando o Eugen saiu de casa para ir estudar para Bruxelas. Desde então, foram poucas as vezes em que o vi. O senhor diz que, atualmente, se mantém em contacto com ele?

— Sim, ainda há cerca de duas semanas jantámos juntos, em Zurique.

— Zurique? Ele saiu de Bruxelas?

— Há cerca de seis meses. Ele teve uma recaída de tuberculose pulmonar e foi para a Suíça, a fim de efetuar uma cura de descanso. Eu tenho estado a estudar em Zurique e visitei-o no sanatório em que ele se encontra. Vai ter alta dentro de duas semanas e depois irá até Berlim, para fazer uma formação bancária avançada. Acontece que também eu vou para Berlim,

²⁷ Boa-tarde! (N. do T.)

por causa dos meus estudos, por isso, iremos encontrar-nos com frequência por lá. Não estava a par disto?

— Não, seguimos cada um o seu caminho. Nunca fomos muito próximos e, agora, perdemos praticamente o contacto.

— Sim, é verdade, Eugen mencionou-me isso — com alguma melancolia, assim me pareceu. Eu sei que a sua mãe morreu quando o senhor ainda era uma criança — e isso foi um rude golpe para ambos —, e recordo-me de o seu pai também ter morrido muito novo, com tuberculose pulmonar, não foi?

— Sim, ele tinha apenas quarenta e quatro anos de idade. Aconteceu quando eu tinha onze. Diga-me, *Herr Pfister*...

— Friedrich, por favor. O irmão de um amigo também é um amigo nosso. Por isso, a partir de agora, somos Friedrich e Alfred, está bem?

Alfred acenou com a cabeça, em sinal de consentimento.

— Ah, Alfred, ainda há poucos segundos, ia perguntar-me?

— Gostava de saber se o Eugen alguma vez se referiu a mim.

— Não aquando do nosso último encontro. Já não nos víamos há cerca de três anos, e tínhamos muita escrita para pôr em dia. Mas ele falou imensas vezes de si, anteriormente.

Alfred mostrou-se hesitante, mas depois perguntou, num tom repentino: — Pode contar-me tudo aquilo de que ele falou acerca de mim?

— Tudo!? Vou tentar mas, antes disso, permita-me fazer uma observação: por um lado, o senhor diz-me, sem qualquer tipo de emoção, que o senhor e o seu irmão nunca foram muito chegados, e parece que nunca empreenderam quaisquer esforços para se encontrarem. Não obstante, agora, o senhor parece estar impaciente — até, diria mesmo, ávido — por ter notícias dele. É um tanto ou quanto paradoxal. Isso faz-me pensar se o senhor não estará a empreender uma espécie de busca de si mesmo e do seu passado...

A cabeça de Alfred descaiu para trás por momentos; tinha ficado espantado com a perspicácia daquela pergunta. — Sim, é verdade. Estou admirado por se ter apercebido disso. Os dias que correm são... bom, não sei muito bem como o dizer... caóticos. Vejo multidões iradas em Moscovo, divertindo-se com atos de anarquia. Agora, o movimento está a atravessar a Europa do Leste, a atravessar toda a Europa. São oceanos de pessoas tresloucadas. E sinto-me perturbado com essas pessoas, talvez até me sinta mais perdido do que outros... por estar afastado de tudo.

— E, por isso, tenta encontrar uma âncora no seu passado — o senhor tem saudades do passado inalterável. Consigo perceber isso. Deixe-me esgravatar na minha memória os comentários de Eugen acerca de si. Conceda-me um minuto, deixe-me concentrar, e darei um empurrão às imagens para que elas venham à superfície.

Friedrich fechou os olhos e, depois, bruscamente, voltou a abri-los. — Existe um obstáculo — as memórias que guardo de si parecem estar no meio do caminho. Primeiro, deixe-me transportá-las para o exterior e, então, serei capaz de reconstituir os comentários de Eugen. Pode ser?

— Sim, tudo bem — resmungou Alfred. Mas não estava completamente tudo bem. Antes pelo contrário, toda aquela conversa era bastante excêntrica: cada uma das palavras que saíam da boca de Friedrich soava de uma forma estranha e inesperada. Mesmo assim, ele confiava naquele homem que o conhecia desde criança. Friedrich tinha a fragrância do “lar”.

Voltando a fechar os olhos, Friedrich começou a falar num tom de voz distante: — Luta de almofadas — eu tentei, mas você não queria brincar... Não conseguia fazer com que lhe apetecesse brincar. Está sisudo — muito, muito sisudo. Ordem, ordem... brinquedos, livros, soldadinhos de brincar, tudo muito bem organizado... você gostava daqueles soldadinhos de brincar... era um rapazinho extremamente sisudo... às vezes andava consigo às cavalitas... acho que gostava da brincadeira... mas acabava sempre por sair passado pouco tempo... aquilo não era divertido? A casa estava fria... sem mãe... com o pai distante, deprimido... você e o Eugen nunca falavam... onde estavam os seus amigos? Nunca vi amigos em sua casa... você era medroso... corria para o seu quarto, fechava a porta, sempre a correr para os seus livros...

Friedrich parou, abriu os olhos, deu um profundo gole de *ale*, e voltou o olhar para Alfred. — É tudo o que tenho registado na minha base de memórias acerca de si — talvez, mais tarde, outras memórias venham à superfície. Era isto aquilo que desejava ouvir, Alfred? Quero ter a certeza. Quero dar ao irmão do meu amigo mais chegado aquilo que ele quiser e precisar.

Alfred anuiu e, depois, rapidamente, voltou a cabeça, consciente da sua própria estupefação: nunca antes tinha ouvido uma conversa daquele género. Embora as palavras de Friedrich tivessem sido pronunciadas em alemão, a sua linguagem parecia uma língua estrangeira.

— Então, vou continuar e reconstituir os comentários de Eugen acerca de si. — Uma vez mais, Friedrich fechou os olhos e, passado um minuto, voltou a falar com o mesmo distante e estranho tom de voz: — Eugen, fale comigo acerca do Alfred. — Friedrich mudou ainda para um outro tom de voz diferente, uma voz que talvez pretendesse representar a voz de Eugen.

— Ah... o meu irmão tímido e receoso, um extraordinário artista — ele herdou todo o talento da família —, eu adorava os seus esboços de Reval — o porto, e todos os navios aí ancorados, o castelo teutónico com a sua torre altaneira... Eram esboços muito bem conseguidos, mesmo para um adulto, e ele tinha apenas dez anos de idade. O meu irmãozinho — sempre a ler... Coitado do Alfred — era um solitário... Tinha tanto medo das outras crianças... Não era muito popular — os rapazes gozavam com

ele e chamavam-lhe “o filósofo”... Nunca teve muito amor — a nossa mãe morreu, o nosso pai estava às portas da morte, as nossas tias tinham bom coração mas estavam sempre ocupadas com as suas próprias famílias... Eu deveria ter feito muito mais por ele, mas ele estava sempre tão distante... e eu vivia apenas das migalhas que sobravam.

Friedrich abriu os olhos, pestanejou uma ou duas vezes e retomou a sua voz normal, dizendo: — É só disto que me recordo. Ah, sim, havia outra coisa, Alfred, a qual me deixa um tanto ou quanto atrapalhado para falar dela — Eugen culpou-o pela morte da mãe.

— Culpou-me? A mim!? Eu tinha apenas algumas semanas de vida.

— Quando alguém morre, é frequente tentarmos encontrar algo, ou alguém em quem colocarmos as culpas.

— Não pode estar a falar a sério! Está mesmo? Quero dizer, Eugen disse-lhe mesmo isso? Não faz qualquer sentido.

— É com frequência que acreditamos em coisas que não fazem qualquer sentido. É óbvio que não a matou, mas acho que o Eugen guarda o sentimento de que se a mãe não tivesse ficado grávida de si, ainda hoje estaria viva. Mas, Alfred, estou só a fazer suposições. Não me consigo recordar das suas palavras exatas, mas sei que ele tinha um ressentimento em relação a si que, ele próprio, qualificava de irracional.

Alfred, que estava pálido, manteve-se em silêncio durante alguns minutos. Friedrich olhava fixamente para ele, deu mais um gole de cerveja e, calmamente, disse: — Receio ter-lhe contado mais do que deveria. Mas, quando um amigo me pergunta algo, eu tento sempre dar o melhor de mim.

— E isso é uma coisa boa. Meticulosidade, honestidade — é ótimo, são nobres virtudes alemãs. Estou a elogiá-lo, Friedrich. E isto que lhe digo também é a pura da verdade. Tenho de admitir que, por vezes, me perguntava por que motivo Eugen não fazia mais por mim. É aquela palavra de escárnio — “o pequeno filósofo” —, quantas vezes a ouvi da boca dos outros rapazes! Acho que isso me influenciou enormemente, e planeei a minha vingança contra todos eles tornando-me, realmente, num filósofo.

— No Politécnico? Como pode ser isso possível?

— Não sou, exatamente, um filósofo qualificado — a minha licenciatura foi feita em Engenharia e Arquitetura, mas o meu verdadeiro refúgio foi a filosofia e, mesmo no Politécnico, encontrei alguns professores eruditos que me ajudaram com as minhas leituras particulares. Mais do que tudo, comecei por adorar a clareza de pensamento alemã. É a minha única religião. Não obstante, agora, neste preciso momento, encontro-me num estado de espírito completamente desorientado. De facto, sinto-me praticamente tonto. Talvez só precise de um pouco de tempo para poder assimilar tudo aquilo que acabou de me contar.

— Alfred, acho que sou capaz de explicar aquilo que está a sentir. Eu próprio já passei por isso, e já vi outros sentirem o mesmo. O senhor não está a reagir às memórias que partilhei consigo. Trata-se de outra coisa. Conseguirei explicá-lo melhor se falar de uma forma filosófica. Eu também tive uma grande experiência em estudos de filosofia, e é um prazer falar com alguém que possua uma propensão semelhante.

— Será, igualmente, um prazer para mim. Há anos que me vejo rodeado de engenheiros, e estou deseioso de ter uma conversa filosófica.

— Ótimo, ótimo! Deixe-me começar assim: recorda-se do choque e da descrença perante a revelação de Kant, de que a realidade externa não se apresenta tal como nós, normalmente, a entendemos — ou seja, nós formamos a natureza da realidade externa através das nossas idealizações mentais internas? Está bem familiarizado com Kant, suponho eu?

— Sim, muito bem familiarizado. Mas qual é a relevância de Kant para o estado de espírito em que atualmente me encontro?

— Bom, aquilo que eu quero dizer é que, de repente, o seu mundo, e estou a referir-me ao seu mundo interior, formado por tantas das suas experiências do passado, *não é aquele que o senhor pensava que era*. Ou, por outras palavras, permita-me utilizar um termo de Husserl, o senhor diz que o seu *noema* explodiu.

— Husserl!? Eu evito os pseudofilósofos judeus. E o que é um *noema*?

— Aconselho-o, Alfred, a não pôr de parte Edmund Husserl — ele é um dos melhores. O termo por ele utilizado, *noema*, refere-se a uma ideia tal como nós a entendemos, à ideia tal como é estruturada por nós. Por exemplo, pense na imagem de um edifício. Depois, pense em encostar-se a um edifício e aperceber-se de que esse edifício não é sólido, e que o seu corpo o atravessa de um lado ao outro. Nesse preciso momento, o seu *noema* de um edifício cai por terra — de repente, o seu *Lebenswelt* (mundo-da-vida) deixa de ser como o senhor pensava que era.

— Respeito o seu conselho. Mas, por favor, esclareça-me um pouco mais — eu consigo entender o conceito de uma estrutura que nós impomos ao mundo mas, mesmo assim, continuo baralhado, pois não vejo qual a relevância que isso possa ter para mim e para o Eugen.

— Bem, aquilo que eu estou a dizer-lhe é que o seu ponto de vista acerca da relação que teve com o seu irmão, ao longo da vida, se encontra retocada, com uma grande pincelada. O senhor pensava nele de uma determinada forma e, subitamente, o passado altera-se, só um pouco, e agora descobre que, por vezes, ele o encarava com algum ressentimento — *mesmo assim*, obviamente, o ressentimento dele era irracional e injusto.

— Então, o senhor está a querer dizer que eu me sinto tonto porque a base sólida do meu passado foi alterada?

— Precisamente! Bem visto, Alfred. A sua mente encontra-se em sobrecarga porque está completamente preocupada em reconstruir o passado, e não possui a capacidade de executar as suas tarefas habituais — como tratar do seu equilíbrio, por exemplo.

Alfred anuiu. — Friedrich, esta foi uma conversa extraordinária. Está a fornecer-me muitos temas sobre os quais devo meditar. Mas, deixe-me referir que uma grande parte desta minha tontura era anterior à nossa conversa.

Friedrich esperou calmamente, expectante. Parecia que ele sabia quando devia esperar.

Alfred hesitou. — Normalmente, não tenho por hábito partilhar tanta informação. De facto, raramente falo acerca de mim com quem quer que seja, mas há algo em si que é muito — como devo dizê-lo — confiante, convidativo.

— Bom, de certa forma, sou da família. E, obviamente, o senhor sabe que não pode ter de novo amigos antigos.

— Ter de novo amigos antigos... — Alfred pensou durante alguns minutos, e depois sorriu. — Estou a compreender. É muito perspicaz. Bem, comecei o dia com um sentimento de estranheza — acabei de chegar ontem de Moscovo. Agora, estou sozinho. Fui casado, durante um curto espaço de tempo — a minha mulher tem tuberculose pulmonar, e o pai dela internou-a num sanatório, na Suíça, há algumas semanas. Mas não é só a tuberculose: a abastada família dela desaprova, vivamente, a minha pessoa e a minha pobreza, e eu tenho a certeza que o nosso curto casamento chegou ao fim. Passámos muito pouco tempo juntos, e até deixámos de escrever com tanta frequência um ao outro.

Apressadamente, Alfred bebeu um gole de cerveja e continuou: — Quando ontem aqui cheguei, as minhas tias, os meus tios, as minhas sobrinhas e os meus sobrinhos pareciam estar felizes por me verem, e as boas-vindas deles souberam-me bem. Senti que pertencia a este lugar. Mas isso não durou muito tempo. Esta manhã, ao acordar, senti novamente aquele desconforto de estranheza e de alguém que não tem um lar, e resolvi andar às voltas pela cidade à procura, à procura... do quê? Acho que de um lar, de amigos, até mesmo de rostos que me fossem familiares. Não obstante, apenas encontrei desconhecidos. Mesmo na Realschule, não encontrei alguém que conhecesse, à exceção do meu professor favorito, o professor de Arte, e ele limitou-se a fazer de conta que me tinha reconhecido. E então, há pouco menos de uma hora, deu-se o golpe final. Decidi ir para o lugar onde eu realmente pertencço, e deixar de viver em exílio, voltar a ligar-me à minha raça e regressar à terra pátria. Com a intenção de ingressar no exército alemão, desloquei-me ao quartel-general das tropas militares alemãs,

que fica do outro lado da rua. Aí, o sargento responsável pelo recrutamento, um judeu chamado Goldberg, afastou-me como se eu fosse um inseto. Descartou-me dizendo que o exército alemão é para os alemães, e não para cidadãos que pertençam a países combatentes.

Friedrich abanou a cabeça com um ar de compaixão. — Talvez esse golpe final tenha sido uma bênção. Talvez tenha tido sorte ao ser recusado, uma benevolência de uma morte insensata e lamacenta nas trincheiras.

— O senhor disse que eu era uma criança estranhamente séria. Acho que ainda continuo a ser assim. Por exemplo, levo Kant muito a sério: considero ser um imperativo moral alistarmo-nos. Como seria o nosso mundo se todos abandonassem a mortalmente ferida terra pátria? Quando ela chama, os seus filhos devem responder.

— É estranho, não é, — afirmou Friedrich, — como os alemães do Báltico são muito mais alemães do que os próprios alemães. Talvez nós todos, aqueles que são alemães deslocados, tenhamos esse mesmo desejo poderoso que o senhor descreve — o desejo de termos lar, um lugar ao qual realmente pertençamos. Nós, os alemães do Báltico, encontramos-nos no meio de uma praga sem quaisquer raízes. E sinto isso de uma forma particularmente intensa neste momento, porque o meu pai morreu no início desta semana. É por esse motivo que me encontro em Reval. Agora, também eu não sei aonde pertenço. Os meus avós maternos são suíços e, todavia, também não pertenço propriamente a esse país.

— Aceite as minhas condolências — disse Alfred.

— Obrigado. De certa forma, aceitei a situação de uma maneira mais suave do que o senhor: o meu pai tinha quase oitenta anos de idade, e partilhei toda a sua presença saudável ao longo da minha vida. E, para além disso, a minha mãe ainda está viva. Passei o meu tempo, aqui, a ajudá-la a mudar-se para casa da irmã. De facto, deixei-a a dormir e tenho de voltar para junto dela daqui a pouco. Mas, antes de ir embora, queria dizer-lhe que acho que essa questão do lar é profunda e premente para si. Ainda tenho algum tempo, se desejar explorar esse assunto um pouco mais.

— Não sei *como* explorá-lo. Na realidade, o seu talento para falar sobre coisas intimamente pessoais, com tanto à-vontade, deixa-me surpreendido. Nunca ouvi alguém expressar os seus pensamentos íntimos de uma forma tão aberta quanto o senhor.

— Gostaria que o ajudasse a fazer isso?

— O que quer dizer?

— Quero dizer... Ajudá-lo a identificar e a compreender os seus sentimentos relativamente ao lar.

Alfred parecia desconfiado mas, depois de um demorado e lento gole na sua cerveja letã, acabou por concordar.

— Tente fazer o seguinte: faça exatamente o que eu fiz quando “escavei” as minhas memórias acerca de si quando era criança. Eis a minha sugestão: pense na frase “não estou no lar”, e repita-a para si mesmo várias vezes, “não estou no lar”, “não estou no lar”.

Os lábios de Alfred, em silêncio, pronunciaram aquelas palavras durante um minuto ou dois e, a seguir, começou a abanar a cabeça. — Não acontece o que quer que seja. A minha mente está em greve.

— A mente nunca faz greve; está sempre em funcionamento mas, frequentemente, existe algo que bloqueia o nosso conhecimento. Normalmente, é a insegurança que faz com que isso aconteça. Neste caso, penso que seja a sua insegurança relativamente à minha pessoa. Tente novamente. Sugiro-lhe que feche os olhos e que se esqueça da minha presença, esqueça-se do que eu poderei pensar acerca de si, esqueça-se de como eu poderei julgar o que vai dizer. Recorde-se de que estou a tentar ajudá-lo, e recorde-se de que tem a minha palavra de honra de que esta nossa conversa ficará apenas entre nós. Nem sequer a partilharei com o Eugen. Agora, feche os olhos, deixe os seus pensamentos libertarem-se na sua mente, acerca da frase “não estou no lar”, e, depois, dê-lhes voz. Diga tudo o que lhe ocorrer à mente — não tem, forçosamente, de fazer sentido.

Alfred voltou a fechar os olhos, mas não pronunciou qualquer palavra.

— Quase que consigo ouvi-lo. Mais alto, um pouco mais alto, por favor.

Lentamente, Alfred começou a falar. — Não estou no lar. Não estou em lado algum. Não estou com a tia Cäcilie, nem com a tia Lydia... não há lugar para mim, nem na escola, nem com os outros rapazes, nem na família da minha mulher, nem em arquitetura, nem em engenharia, nem na Estónia, nem na Rússia... Mãe Rússia, que piada...

— Ótimo, ótimo... Continue — insistiu Friedrich.

— Estou sempre no exterior, a olhar para dentro, quero sempre mostrar-lhes... — Alfred calou-se e abriu os olhos. — Nada mais me ocorre...

— O senhor disse que lhes queria mostrar. Mostrar a quem, Alfred?

— A todos aqueles que sempre fizeram pouco de mim. Na vizinhança, na Realschule, no Politécnico, em todo o lado.

— E como pretende mostrar-lhes, Alfred? Continue nesse seu estado de espírito liberto. Não tem de fazer qualquer sentido.

— Não sei. De alguma forma, hei de fazer com que eles reparem em mim.

— E se eles repararem em si, nesse caso, sentir-se-á em casa, no seu lar?

— O lar não existe. É isso que está a tentar querer dizer-me?

— Não tenho qualquer plano previamente estabelecido mas, agora,

tenho uma ideia. Trata-se apenas de um palpite, mas pergunto-me se alguma vez o senhor se sentirá em casa, seja em que lugar for, porque o lar não é um local — é um estado de espírito. Sentirmo-nos realmente em casa é sentirmo-nos em casa dentro da nossa própria pele. E, Alfred, eu não acho que se sinta em casa dentro da sua pele. Talvez nunca se tenha sentido. Talvez sempre tenha andado à procura do seu lar no lugar errado, durante toda a sua vida.

Alfred parecia estupefacto. Deixou descair o maxilar; os olhos dele fixaram-se em Friedrich. — As suas palavras entram-me pelo coração adentro. Como pode o senhor saber de todas essas coisas, dessas coisas milagrosas? O senhor disse que era filósofo. É daí que vem tudo isso? Tenho de ler essa filosofia.

— Sou um amador. Tal como o senhor, gostaria de ter passado a minha vida a estudar filosofia, mas tive de arranjar um modo de ganhar a vida. Fui para a Faculdade de Medicina, em Zurique, e aprendi imenso a ajudar os outros a falarem sobre assuntos complicados. E agora, — Friedrich levantou-se, — tenho de me despedir. A minha mãe está à espera, e tenho de regressar a Zurique depois de amanhã.

— É uma pena. Esta conversa foi realmente esclarecedora, e sinto-me como se ainda agora estivéssemos a começar. Não tem tempo disponível para a continuarmos antes de sair de Reval?

— Tenho apenas o dia de amanhã. A minha mãe costuma sempre descansar na parte da tarde. Talvez à mesma hora? Encontramo-nos aqui?

Alfred conteve a sua avidez e o seu desejo de exclamar “Sim, sim!” Em vez disso, inclinou a cabeça, e, de uma forma mais adequada, respondeu: — Ficarei ansiosamente à espera.